

João Guimarães

A Dimensão Espiritual

Noética e Maçonaria




CHIADO
BOOKS



João Guimarães

A Dimensão Espiritual

Noética e Maçonaria




CHIADO
BOOKS

COLEÇÃO
COMPENDIUM



Um livro vai para além de um objeto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Books procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana “põe quanto és no mínimo que fazes”. Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

www.chiadoweb.com



Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde

Edifício Chiado – Rua de Cascais, 57, Alcantara – 1300-288 Lisboa, Portugal
Conjunto Nacional, sq. 205 e 206, Avenida Paulista 2073
Edifício Horta 1, CEP 01311-300 São Paulo, Brasil

Espanha | América Latina

Paseo de la Castellana, 95, planta 18 – 28048 Madrid
Passeig de Gòtic, 12, 1.ª planta – 08007 Barcelona
Bickell Avenue 1221, Suite 500 – Miami 33131 Florida United States of America

U.K | U.S.A | Irlanda

130 Piccadilly, London – W1J 9HF
Bickell Avenue 1221, Suite 500 – Miami 33131 Florida United States of America
630 Fifth Avenue – New York, NY 10111 – USA

Itália

Via Sistina 121 – 00187 Roma

© 2015, João Guimarães e Chiado Books

E-mail: geral@chiadoweb.com

Título: A Dimensão Espiritual – Nôtico e Mognório

Editor: Rita Costa

Coordenador Editorial: Filipa Contanhedo

Composição gráfica: Manuela Duarte

Capa: Filipa Contanhedo

Revisão: João Guimarães

1.ª edição: Agosto, 2015

ISBN: 978-989-62-6808-6

JOÃO GUIMARÃES

A Dimensão Espiritual

{Noética e Maçonaria}

Brasília — DF

2019



CHIADO
BOOKS

Portugal | Brasil | Angola | Cabo Verde

*A Luiz Guimarães, pai biológico e fraterno amigo,
in memoriam, símbolo “vivo” do Maçom JP
que uso como referência, no coração e na mente.*

Sumário

*Tomarei por Direito o fio do prumo e por Justiça
o nível da igualdade.*
ISAÍAS, sec. 8 a.C.

1. Antecedentes; motivação9
2. Conceitos e definições29
3. Antiguidade e Antiguidade tardia59
4. Situação atual87
5. Perspectivas121
6. Pensamento complexo e simbólico155
7. Termo conclusivo205
- Bibliografia (fonte e referencial)221
- Anexos:227
- I. Frases e assertivas simbólicas e filosóficas227
- II. Foco sociológico237
- III. Quesitos para a Declaração Universal de Responsabilidades247
- IV. Neoplatonismo250
- V. Pecado, sem perdão ou salvação (conceitos esparsos)257
- VI. A jornada humana, o tempo e o transumanado267
- VII. Perguntas descoladas270

1.

Antecedentes; motivação

E a Noética?

O espírito é o único ser que é, por si, incapaz de ser objetivado – ele é pura atualidade, só tem seu ser na livre realização de seus atos. O centro do espírito, a pessoa, não é, portanto, nem ser objetivo nem ser coisificado, mas apenas estrutura ordenadora de atos que associa o tempo, constantemente, a si mesma. A pessoa só é (ente) em seus atos e através deles... algo anímico não realiza a si mesmo: ele é série de acontecimentos no tempo... tudo o que é anímico é passível de objetivação – mas não o ato espiritual em si. Só se pode se reunir ao ser da nossa pessoa, concentrar-se em sua direção – mas não se pode objetivá-lo. Como pessoa não se pode objetivar nem mesmo outras pessoas.
MAX SCHELER, 75, em 2003

A Humanidade passa, na atualidade, por caminhos que poucas vezes, ou nunca, trilhou antes, pontilhados que estão por diversas e variadas formas de equacionar e entender o que é *real e verdadeiro*; antigas, e mesmo remotas, sabedorias espirituais identificam-se com recentes e comprovadas fórmulas e interpretações do planetinha que toca a todos viver.

Surgem novas respostas para antigas questões imersas em um oceano de cosmovisões, juntas e misturadas com inúmeros sistemas de crenças e formas de compreender a realidade imediata e fantástica. Monges e cientistas calibram seus saberes quanto à neurociência e consciência; curandeiros e curadores nivelam-se com profissionais da cura, quando a vida do paciente está em jogo;

físicos e biólogos, às vezes respaldados pela física quântica, comprovam visões espirituais da consciência.

Tanto Noética quanto Maçonaria são entes de autotransformação e de transformação com a *descontaminada intenção* de agir como centro da união entre os bons e o Espírito, com a garantia de que o humano triunfa e triunfará, sempre, quando houver a preponderância do Espírito, e seu fraterno amparo, sobre a matéria.

Ao lado do conceito de transformação, o conceito de Consciência (empregado aqui mais de uma centena de vezes) merece, também, privilégio de ser apresentado já agora. A **Consciência** é o atributo (ou qualidade) da mente que inclui sua própria realidade interna. Traz embutidos a consciência de si mesmo, as relações com o ambiente circunstante e com as pessoas encontradas na vida, o modelo da realidade e a visão própria do mundo em que se vive.

A Consciência de cada qual, a percepção da realidade, é gerada por interações objetivas e subjetivas. É como o indivíduo experimenta o mundo. A partir daí o termo *consciência* batiza (e baliza) a maneira genérica da percepção do mundo e do lugar que se ocupa nele. Significa, portanto, afirmar que a consciência são todos os aspectos e nuances de como se compreende e se experimenta a realidade.

Este texto, preparado com a finalidade didática de dar ênfase ao Espírito e suas nuances, quer na Noética (ciência/filosofia) quer na Maçonaria (Nobre Arte Real), traz, porém, o germe noético do viver profundamente orientado para a arte e a ciência da transformação da Consciência. Vamos lá!

1. Contribuição gnóstica {de essência teosófica}

*Aquele que se recusa a viver segundo suas crenças,
não acredita em nada.*

THOMAS FULLER; historiador inglês; 53 em 1661

O materialismo científico, em meados do século 19, chegou a ser considerado a única profissão de fé possível para os que acreditavam na hegemonia intelectual e na densidade de conhecimentos da esfera científica. Fenômenos espirituais e anímicos eram modelados e explicados por funções e movimentos mecânicos, e isso exercia forte influência na sociedade.

As ciências desenvolvem-se de modo incessante e, presentemente, têm grande capacidade de equacionar, dissecar e explicar a vida, a evolução e a dinâmica da existência do planeta. Não obstante, por meio do alicerce de investigação das ciências, a Humanidade só pode conhecer e estimar, apenas e tão somente, parte do processo civilizatório quando recua para datas muito remotas.

Neste ponto introdutório, vale a pena definir **ciência**, de modo abrangente, a fim de usar o mesmo conceito em todo o texto. No caso, então, considera-se

ciência a empreitada sistemática que constrói, organiza e emprega conhecimentos, na forma de explicações epistemológicas, testáveis e preditivas sobre o Universo.

A Sociedade Teosófica chama de Crônica do Akasha, o grande arquivo suprasensível, conectado ao mundo dos sentidos, capaz

de precipitar no mundo real o caráter e a percepção do *continuum* espaço-tempo.

Segundo esses *conhecimentos esotéricos milenares*, codificados no espaço cósmico etéreo, o gênero humano pertence ao ciclo atual da quinta raça-raiz, *ariana*, e está transitando da sexta sub-raça, *acádicos*, para a sétima e última sub-raça, *mongóis*, da mesma quinta raça-raiz. Depois virá a sexta raça-raiz, com novas sete sub-raças.

Um resumo leviano de centenas de milhões de anos identifica a seguinte sequência evolutiva:

Raça raiz	Macro característica da raça evolutiva
1. Polar	– seres hermafroditas; sexo cissíparo, no qual o núcleo da célula divide-se em dois, autônomos;
2. Hiperbórea	– ainda hermafroditas; variadíssimas mutações; os reinos vegetais e animais se mesclavam;
3. Lemuriana	– hermafroditas ovíparos gigantes, até a sétima (última) sub-raça, quando começa o acasalamento, com gêneros definidos;
4. Atlantes	– detentores de tecnologia; construíram edifícios e cidades; tinham memória desenvolvida, o que proporcionava recordação dos fatos e o início da linguagem; <i>raciocinavam</i> , antes, por imagens; memória, cheia de regras, tornava lento o <i>raciocínio</i> ; desenvolveram sentimentos; com o passado <i>aprisionado</i> na memória, veio a linguagem, para transmitir-se experiências;
5. Ariana (ou Azul)	– há um milhão de anos; – 1ª. sub-raça: civilização esotérica; hindus; – 2ª. sub-raça: basicamente sul da Ásia; Caldaica; – 3ª. sub-raça: Egito, Pérsia, Caldeia...; Irâmica, Pérsia, Egípcia; – 4ª. sub-raça: Grécia, Irlanda, Escócia e Roma...; Céltica; – 5ª. sub-raça: Europa central; Teutônicos; – 6ª. sub-raça: iberos com aborígenes latinos; todos mesclados na América; a memória enfraqueceu, mas o cálculo e a inteligência aritmética-dedutiva e lógica cresceram muito; os humanos raciocinam por conceitos; cumpre desenvolver o <i>Pensamento</i> ; – 7ª. sub-raça: ... chegando
6. Koradi	– Koradi: transformação forte...; princípios búdicos.

2. Ordo ab Chaos

*Não construa nenhum dispositivo com simplicidade,
caso possa fazê-lo lindo e complexo.*

Anônimo

A desordem é a versão quântica do Caos e, presentemente, o termo quântico vem ocupando diversos espaços culturais, profissionais, tecnocientíficos ou midiáticos dada a vasta abrangência semântica conquistada.

A teoria quântica é a descoberta científica mais bem-sucedida em toda a história milenar da ciência. A Ciência, considerando a estrutura quântica do cérebro análoga a do Espaço Cósmico, acabou descobrindo sua própria capacidade de invadir os mistérios da mente humana, tais como os processos de aprendizagem, inteligência e intuição.

Aliás muitos desses processos estão dominados e colapsados para *dentro* da mecânica de máquinas digitais. No entanto, segundo o *Dicionário do diabo*, de Ambrose Bierce, *o cérebro é um aparelho com o qual pensamos que pensamos*.

Cumprir registrar, desde logo (embora o cacoete de dizer que *o cérebro pensa*, vá acompanhar a argumentação tautológica, em todo o texto), que *pensar que o cérebro pensa é análogo, grotescamente, a imaginar que o artista mora dentro do aparelho de TV*.

É que, com o *dualismo de Descartes* (54 em 1650; matemático e filósofo francês), e desde então, que só viria a ser mais estudado já no século 20, o *mecanismo do pensar*, por via de um *insólito e desconhecido salto*, ocorre entre a *parte material do corpo (cérebro)*, instrumento que captura imagens e informações, no mundo circunstante, e a parte totalmente imaterial e sem extensão, *a alma (mente)* que pensa. A ponte de transição e decodificação, de mão dupla, que faculta a ação da mente (alma), sobre parâmetros decodificados (não se sabe como), é a glândula epífise (pineal).

Cérebros humanos, afirma a neurociência, são fisiologicamente incapazes de processar dados que estejam fora do contexto dos mitos que os programam...

Um assunto que vem ganhando espaço e gerando expectativas é a **Ciência Noética (ou, também, Noética ou Revolução Noética)**. O livro *O Símbolo Perdido*, de *Dan Brown* – o mesmo autor do *Código Da Vinci*, deu ênfase ao tema; o autor explora essa teoria via *Katherine Solomon*, cientista noética. Na trama a personagem pesquisa o potencial latente que o cérebro contém e a importância da força do pensamento. Em um dos experimentos narrados, ela chega a *medir a alma*.

Quanto mais se compreende a existência, a vida, o Universo (Cosmos), mais aumenta a impressão de que nada disso tem sentido!? Mas, do ângulo mecanicista, é como se a vida tivesse uma *catraca* que extrai a ordem, quanticamente, do âmago do Caos: *Ordo ab Chaos*, e isso é Maçonaria!

A vida é, também, jogo interessante, sem sentido, em que não há derrotas, vitórias nem jogadores. Vai daí, para aumentar a perplexidade, que a pesquisadora astrofísica Margareth Geller, de

Harvard, formulou perguntas retóricas para instigar e intrigar os investigadores, a saber: *Por que motivo o Universo deveria ter um propósito? E qual seria esse propósito se ele (universo) é, apenas, um sistema físico?*

Vale lembrar, para valorizar a Ciência Noética e a Neurociência, que o neocórtex humano pode ultrapassar o quantitativo de vinte bilhões de células, o que caracteriza a formação aleatória e dinâmica de centenas de trilhões de conexões entre elas. É colossal!

3. Elementos nucleares

*Registrar seus dados sempre será útil: isso comprova
que você esteve ocupado.*
Anônimo

Historicamente o Humano se debate, nas mais antigas tradições culturais, espirituais e religiosas, com a tese *deísta* da divindade interior, do Deus dentro de cada um, perpetuada inclusive pelo Cristianismo. Daí a Noética postular a importância do ser se voltar para si mesmo, descobrindo cada vez mais sobre seu ***eu interior***, despertando desta forma seu potencial divino. Esta ciência enuncia que desse potencial, em ação, advirá a iminente transformação da Humanidade.

Não acredite na sorte: busque apoio.

Anônimo

Apesar de todo este novo livro do Dan Brown estar fundamentado nesses conceitos da nova era e, principalmente, embasado na Ciência Noética, não causa espécie, nem um pouco, que mais um livro dele tenha teor polêmico. Mas o que se vê nos filmes, no teatro e na internet, *também*, são conceitos camuflados, ou até explícitos como em *Avatar*. E para quem ainda não está convencido da veracidade do assunto, pesquise a respeito do tema no IONS (Institute Of Noetic Science; 1973) ou no site brasileiro WHH -Willis Harman House. Aprofundem o estudo e criem opinião a respeito dessa ciência revolucionária, que está emergindo.

NOÉTICA, POR VIKTOR FRANKL

*A Alma humana é como um abismo que atrai Deus
e onde Ele mergulha.*

J. H. GREEN, escritor francês, 98 em 1998

Frankl foi o criador da Logoterapia, chamada, por vezes, de *terapia do sentido da vida* em função da ideia básica de que o humano vive motivado, fundamentalmente, pela vontade de realizar sentido na vida; para isso, o homem deve se empenhar no emprego de valores na forma de criações, vivências e atitudes. A teorização de

Frankl, sempre situada no campo fenomenológico-existencial, é das que mais radicalmente se opôs a qualquer reducionismo no entendimento do gênero humano.

A oposição ao reducionismo, em geral, significa evitar a compreensão do humano a partir da dimensão inferior à sua própria; entende-se o homem como ser tridimensional:

- a dimensão **somática** dos fenômenos corporais, da fisiologia humana;

- a **psicológica** dos instintos, dos condicionamentos, das cognições; e

- a **noética** (do grego *nous*, espírito), todas as qualidades que diferenciam o humano dos demais animais, por isso é a dimensão genuinamente humana; aqui estão os valores, a criatividade, a livre tomada de decisões, a consciência moral, etc.

4. Conceitos e aspectos filosóficos

*Se o último minuto, de qualquer evento, fosse abolido,
pouca coisa seria feita, no mundo.*

Anônimo

Apesar de disciplina de formulação recente, a Ciência Noética, seu objeto e as metas que persegue já foram estudados por várias correntes de filosofia e fazem parte de todas as tradições esotéricas das religiões do mundo.

No oriente, Buda disse que o mundo é criado por pensamentos, que a *consciência* está em toda parte e que a realidade e a vida são uma só, estando todos os seus elementos constituintes irremediavelmente ligados por teias de interdependência. Vários povos indígenas ao redor do mundo compartilham essa cosmovisão, de algum modo.

No início do século 3 da Era Vulgar, Nagarjuna, no Oriente, e Plotino (vide *anexo* IV – Neoplatonismo), no Ocidente, lançaram as bases para o conhecimento noético *não-dual* (que mantém a *unidade* entre objeto e sujeito); ou seja, conhecimento *sem separatividade* essencial entre matéria e espírito.

Já agora, dezoito séculos depois, com características revolucionárias, aquela revolução noética, sempre latente e subjacente no conhecimento gnóstico, reemerge. De modo que as relações havidas na sociedade e na cultura, *todas*, são encampadas em matriz independente, um todo ilimitado, que traz embutida, não importa a categoria, a realidade *não-dual*.

Qual o significado da vida diante da presença constante da morte? O que dá causa à felicidade? Por que se recusar a ser feliz? O que fazer com a preciosa e efêmera vida que se tem? Tais questões retóricas revolvem origens, identidades e destinos dos humanos.

Na tradição ocidental, a Noética foi fortemente influenciada pelas teorias dos filósofos da Grécia Antiga no que tange à consciência, ao conhecimento e ao eu. Deriva do termo grego nous, mente, alma racional, inteligência; e mais:

– *noema*, é o objeto ou foco de *nous*, e

– *noesis*, que significa estritamente o ato de pensar e, também, compreensão global, completa e instantânea, de qualquer questão, sem mediação da linguagem, equivalente ao insight moderno ou ao conceito de intuição.

-
Aristóteles dizia que o *nous* compreende tanto a capacidade humana de questionamento acerca do fundamento do ser, como esse próprio fundamento, que é vivenciado como o motor orientador das questões:

Acentue-se que toda a substância vem a ser a partir de algo com o mesmo nome.

Tanto para Platão quanto para seu discípulo, Aristóteles, *nous* expressava a irrupção do divino no processo da busca pelo conhecimento. A partir da definição clássica, o elemento noético foi absorvido pela doutrina judaica.

Fílon escreveu que o cosmos noético não é nada menos que o logos de Deus em sua atividade criativa, justificando sua tese a partir do que consta no Gênesis. Dali o conceito passou para os primeiros filósofos cristãos.

Basílio, 49 em 379 d.C., médico e Doutor da Igreja, e Gregório Magno, 64 em 604, papa (590 a 604) e Doutor da Igreja, referiram-se ao noético como o mundo espiritual, ontologicamente superior ao mundo em que vive o homem, definição que foi adotada por seus sucessores.

5. Olhar Panorâmico

A vida, o mundo, não é divisível pela razão: dá sempre resto.

As religiões estão se mumificando, arcaicas e de tradições espirituais, quando não desconstruídas ou carcomidas, estão perdidas e sem rumo (vale a pena dar uma garimpada no *anexo V. Pecado sem perdão...*, para pinçar ideias adicionais sobre religião, agrupadas em um sem número de conceitos esparsos).

Não há ordem absoluta na política ou na ética; todas as ideologias e seus representantes são fantasmas *de si mesmos*, deambulantes, tangidos por *pais-de-santo* de má índole e pior atuação. De modo geral, querem, todos eles, incorporar o indivíduo em um molde acanhado, absurdo e irreal do cidadão-boneco bom para o propósito desses políticos: é claro que não coube e nunca caberá!

O humano não é *animal social* dado que todos os regimes implementados e praticados no planeta, acarretaram violência, sofrimento, morte, miséria e outras más consequências sempre ditadas pela ganância do vil metal.

À medida que a revolução noética ganha consistência fica assinalado o fim da visão moderna, ou pós-moderna, e antropocêntrica do mundo. Com isso impõe-se olhar de forma mais firme a mudança em que o Espírito, a inteligência e o conhecimento superam os aspectos políticos e econômicos, que passam a um papel cada vez mais coadjuvante.

A própria marcha da civilização favorece a autonomia das pessoas, tudo apoiado pelo avanço desarvorado das tecnociências. E, com isso, vive-se o momento de grande emancipação do indivíduo, como pode ser verificado no quadro a seguir:

Emancipação do indivíduo	
Evento	Acontecimento
Revolução individual (1ª.)	– Sec. 18; Renascimento, Iluminismo, Modernismo; cresce a Liberdade do indivíduo; – Explosão e reflorescimento do Cristianismo; Toynbe diz que a civilização evolui por ondas;
2ª. Revolução individual	– Modernismo traz maravilhas; tecnologia “<i>tem vida própria</i>”; – Heisenberg (<i>Princípio da incerteza</i>) e Helmholtz (<i>conservação da energia</i>) “<i>levantam a bola</i>” e Einstein “<i>corta</i>”; – Mais Liberdade; as maravilhas do modernismo despertam monstros; surge o pós-modernismo; – Tofler revela as ondas (e sub-ondas) problemáticas da TI;
Sub-ondas da 2ª. Rev. Individual	– o Modernismo, repleto de “<i>monstros</i>” decai; – o progresso e a felicidade passam a ser “<i>paraíso perdido</i>”; desconstruindo o modernismo; cresce, sem parar, o TER; – a TI tem “<i>vida própria</i>”: cresce ao sabor do mercado; – as pessoas são prisioneiras das versões, dos gadgets, dispositivos, redes, do consumo, do estresse constante, internet “<i>das coisas</i>”...; – o pós-modernismo traz o vazio e a desesperança; a razão (e o racionalismo) perde a razão; planejamento ganha importância cada vez maior (não basta PERT, métricas, SWOT, estratégias; tem de ter o “<i>caos</i>”, o estocástico, a probabilidade, a inferência, a intuição etc.); – todas as Tradições, com ênfase nas religiões, são desconstruídas; – com o antropocentrismo, a luta pelo monopólio da verdade espiritual ou monopólio do sagrado, muda “de cara”: é puro marketing e o fiel passa a ser cliente a ser conquistado; – as liturgias religiosas viram espetáculos para fidelizar o cliente; – o sagrado vai desaparecendo; as religiões passam a ter “<i>problemas materiais</i>”; – a Maçonaria, que pouco (ou nada) faz para se perpetuar, mantém o sagrado sob uma liturgia que atravessa séculos: e isso incomoda muito as religiões; ela começa a pagar o preço da mesmice; – o Cristianismo dá mostras de que está em fim de ciclo, outras profissões de fé religiosa “<i>avançam</i>” e essas profissões se multiplicam indevida e inexplicavelmente (a divisão enfraquece); – a Era Noética, da visão conjunta, planetária e às vezes cósmica, começa a surgir...

A despeito disso, porém, o humano sai do protagonismo central e assume a missão profunda de efetivar esse novo **salto quântico**, para a Era Noética do Espírito. O homem vai em busca da sua própria evolução. A nova humanidade está aí e é necessário encarar o universo de frente para entender as mudanças que estão ocorrendo.

6. Método Histórico na Maçonaria – observação

Sou tudo o que fui, o que sou e o que serei.

PLUTARCO, filósofo grego, 80, em 125

No estudo de todas as nuances das origens da Maçonaria, cumpre lembrar que a história não é tratada com exclusividade pelos documentos preciosos encontrados, mas, também, pela reconstrução (imaginária ou não) de instituições e costumes. O método histórico é plural e multidisciplinar, com teorias e hipóteses. A vida, em si, é unidade dentro da pluralidade.

É mister destacar a sutil diferença entre dois termos que serão empregados no texto. No caso, pluralidade, ou **pluralismo**, é a celebração da diferença; estabelece correspondência efetiva com a **diversidade**. Requer, por conseguinte a participação de terceira pessoa.

Já a diversidade, semanticamente, implica a existência do fato demográfico, ou seja, a diversidade leva em consideração a dispersão espacial dos atores.

Vale lembrar neste ponto, para a avaliação do estimado leitor, algumas observações sobre a formulação e a formação de associações primitivas, sob o pálio do ***sigilo***. Os itens a seguir, cujo alvo básico é a maçonaria, consciente ou inconscientemente, fazem parte da *mente coletiva*:

- a *consanguinidade e o clã* familiar determinaram os primeiros grupos;
- o casamento cruzado, entre grupos; isso foi embrião do primeiro *corpo verdadeiramente complexo e político* que surgiu;
- *cultos religiosos*; inicialmente secretos, depois religião e, com o aumento de adeptos, regulatórios;
- *medo* de incorrer na violação de algum tabu ou mandamento, e ser alvo de sanções e regulações;
- prática de *ritos e liturgias religiosos minoritários*; milênios mais tarde, já no século 20 da era atual, religiões foram criadas e implantaram-se à custa do confronto bélico de dominação;
- com o fito de ***resguardar valores*** culturais e ou de negócios sigilosos;
- desfrute de alguma magia ou charme especial;
- sociedades secretas contribuíram, contribuem e contribuirão, principalmente decorrente do ***misterioso caráter da Iniciação***, na construção lapidada do homem e na edificação de uma ***elite complexa, completa, vigilante e universal***.

Em face do exposto, é importante para o estudioso que começa esta jornada, isolar algumas características, tais como:

- (a)
 -) Os maçons foram profissionais arquitetônicos, da construção e da organização; o que se viu quanto à vocação de construtor do passado longínquo não corresponde diretamente às especializações modernas, mas inclui conhecimentos abrangentes de arquitetura. A organização sempre foi hierarquizada.
- (b)
 -) A organização estende-se e estendeu-se para além de uma estrutura estreita e estritamente profissional. Seus membros e adeptos consideraram-se mutuamente Irmãos e hipotecam-se assistências recíprocas.
- (c)
 -) A associação, quer na operação quer na assistência, segue ritos tradicionais. Seus membros foram aceitos via Iniciação e os Irmãos estão vinculados por práticas sagradas, junto a um Altar dos Juramentos, que ilustram um tal ascetismo (necessidade de iluminação e ascese), que é condição indispensável.
- (d)
 -) A associação aceita membros que não são, ainda, praticante desse *negócio*.
- (e)
 -) A associação exhibe e acentua, a cada instante, seu caráter universalista. O maçom é um ser cosmopolita.

Em resumo, da perspectiva cronológica, as fontes privilegiadas e adequadas da Maçonaria são:

- (1)
 -) Os *Collegia* romanos, dos quais remanescem, no Ocidente, instituições descobertas pelas Cruzadas em fins do século 11.
- (2)
 -) As associações religiosas de construtores, formadas por bispos e fieis do início da Idade Média, a saber: Beneditinos, Cisterciãos, Templários e outras ordens militares e religiosas.
- (3)
 -) Maçonaria observada em negócios, fomentados pela necessidade de construir, e que seguiram a fórmula de

Fraternidade ou Guilda.

Mas, a propósito de todas as datas e eventos que corporificam a Maçonaria, instituição de vida e história dignas, cumpre afirmar desde já, que ela tem aspectos objetivos – é **corpo** – e tem aspectos subjetivos – é **alma**.

A parte objetiva é formada pelos fatos registrados em sua historiografia, a saber: *Documentos, Manuscritos, Constituições, Regulamentos e sua infraestrutura cerimonial e orgânica*.

Já a parte subjetiva, a alma da Maçonaria, é o mister Iniciático com densidade sacramental. Em função disso se diz ser, a Maçonaria, Ordem Iniciática. Isto é, segue e está pautada, como regramento para passar da prédica à prática, pelo método e o caminho Iniciáticos.

Preceitos, princípios, procedimentos, proposições e premissas, bem como conceitos primordiais, verdades, tradições, virtudes e rituais da Ordem Maçônica, hoje, são influenciados, em menor ou maior grau, pelos denominados Antigos Mistérios e os demais conceitos análogos, derivados de culturas antigas.

Vive-se hoje o fim de ciclo da Era que alguns investigadores ousados denominam de Era Maçônica, pois moral, religião, política e ciência foram, de alguma forma, abastecidos pelas ideias que a Maçonaria refinou na Idade Média.

Aliás, cumpre dizer que as ideias e ideais maçônicos, ou, pelo menos que foram incorporados ao potencial epistemológico da Ordem, vêm pontilhando o processo civilizatório, em prédica ou prática, nos últimos 18 a 20 séculos.

2.

Conceitos e definições

*As boas definições sempre encontram
as pessoas que as procuram.*
Anônimo

1. Definição de Noética

*Pensar para acertar, Calar para resistir e
Agir para vencer.*
Renato Kehl

A **Noética** (do grego nous: mente) é disciplina que estuda os fenômenos subjetivos da Consciência, da mente, do espírito e da vida a partir do ponto de vista da ciência. Como conceito filosófico, em linhas gerais, define a dimensão espiritual do homem.

Apropria-se do ramo da metafísica que trata do estudo da mente, da intuição e sua relação divinal com o intelecto. Entre seus objetivos estão o estudo de forma não-racional de conhecimento e como ela se relaciona com a razão. Abrange estudo interdisciplinar e transversal da mente, da consciência e de diversos modos de conhecimento, com foco especial nos campos da ciência, saúde mente-corpo, psicologia (transpessoal, integral e tradicional), artes, ciências da cura (terapias holísticas), ciências sociais e espiritualidade.

Na tradição ocidental, a teoria noética foi fortemente influenciada pelas teorias de filósofos como Platão e Aristóteles. Nos dicionários

modernos, *noética* é geralmente definido como significando intelecto, enquanto *noesis* é traduzida como *insight*. Essa prática deriva de filósofos e teólogos medievais que usaram a palavra em latim *intellectus* – significando *intuição*.

A ciência noética não deve se confundir com misticismo; este procura conectar-se com o sobrenatural via a filosofia, fé e experiência religiosa. Já a noética tem foros de ciência, isto é, utiliza o método científico para testar as teorias. Procura explicar fenômenos paranormais (com sua herança da Parapsicologia) por meio de teorias plausíveis de cunho científico. Os cientistas noéticos têm como objetivo fundir as, até então contraditórias, ciência e fé e trazer ao mundo uma grande iluminação, uma espécie de epifania na sociedade.

A noética é tanto expansão do escopo da ciência como redescoberta e revalorização de conceitos e práticas antigas tradicionais que foram abandonados ou desprezados pelos ocidentais modernos.

Ao passo que o estudo da mente e da consciência na história antiga era realizado via a especulação abstrata, da fé pura ou da confiança acrítica no que disseram autoridades do passado, a noética moderna se vale do grande progresso da ciência materialista, na descrição do mundo objetivo, e da psicologia, bem como dos mecanismos e estados mentais, e procura transportar seus métodos empíricos para a esfera do estudo do conhecimento subjetivo e da herança de conhecimentos tradicionais de base folclórica, alegórica, mitológica ou religiosa da humanidade.

De acordo com McPartland, a ciência noética é aquela que tem como objeto de estudo a estrutura normativa da existência humana.

Como este objeto não pode ser todo compreendido apenas com dedução lógica nem com a observação empírica, tem como peculiaridade o fato de que o observador, tal como na teoria quântica, participa do fenômeno a ser observado, e isso não é inteiramente objetivo.

A Noética difere da ciência materialista por descartar visões reducionistas da realidade, por concentrar-se no estudo da subjetividade e por levar em consideração elementos valorativos e teleológicos, e não apenas quantitativos e autolimitantes.

Segundo Willis Harman, a noética acrescenta dados holísticos à pesquisa científica tradicional (método experimental), e procura encontrar propósitos em modelos deterministas.

2. Outras definições e abordagens

A Teoria é boa dado que não impede as coisas de acontecerem.
CHARCOT, J. M.; neurologista francês; 68 em 1893

Segundo as definições de Viktor Frankl, fundador da Logoterapia,

Homem e animais são constituídos por uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão social, contudo, o homem difere deles porque faz parte de seu ser a dimensão noética. Em nenhum momento o homem deixa as demais dimensões, mas a essência de sua existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência propriamente humana é existência espiritual. Neste sentido, a dimensão noética é considerada superior às demais, sendo também mais compreensiva porque inclui as dimensões inferiores, sem negá-las – o que garante a totalidade do homem.

A dimensão noética é, então, dimensão não-determinada, mas determinante; a dimensão da unicidade, da identidade mais

profunda do ser humano, implicando também a transcendência livre, criativa e responsável das limitações.

Para Husserl, a noética, além de ser a dimensão espiritual, é o fator determinante na atribuição de significado à experiência. Cassandra Vieten, diretora de pesquisas no IONS, define Noética como *campo multidisciplinar que reúne técnicas científicas objetivas e instrumentos, com o conhecimento subjetivo interior, para estudar o vasto espectro da experiência humana*. Vale ressaltar o viés da orientação espiritual.

Essa orientação é tão mais tangível quanto mais se debruça sobre como a Noética explora a Consciência, o Espírito e a Alma, o Cosmos *interno* da mente, e disseca o relacionamento do interior com o mundo físico, o Cosmos *externo*. E tais vieses e componentes alargam o conceito para amalgamar Consciência, Espiritualidade e todos os seus aspectos.

Segundo Lao-Tsé, *quem sabe não fala e quem fala não sabe*; as palavras criadas pelos humanos são impotentes para designar aquilo que transcende o humano. O humano, então, é prisioneiro das representações, qualquer que seja a circunstância, que apreendeu e os suportes linguísticos associados.

Para Marc Halévy a noética é essencialmente a ciência do conhecimento. Não somente dos valores da epistemologia, dos mecanismos mentais e neurobiológicos descritos pelas ciências cognitivas, mas de maneira muito mais ampla, é o estudo de todos os aspectos do conhecer, da sua produção (criatividade), formulação (semiologia e metalinguagem), estruturação (teoria dos sistemas, paradigmas e ideologias), validação (critérios de pertinência,

epistemologia) e proliferação de ideias (processos de apropriação e normalização) em seu sentido mais lato.

3. O Alvo

Todas as flores do futuro estão nas sementes de hoje.

Provérbio Chinês

Amigo leitor, maçom ou não, que abre esta obra para captar dados, características e parâmetros da maçonaria – presentemente esquadrinhada por universidades famosas ao redor do mundo; mercê, talvez, de suas fronteiras noéticas –, saiba que o praticante da nobre Arte Real, por meio da compreensão positiva do autor, pode ser definido, coloquial e literalmente, como *buscador da luz*, capaz de usar sua criatividade para avançar a fronteira do conhecimento a partir dos conceitos aqui ventilados.

Buscar a luz é buscar em si próprio, é identificar-se. Na sociedade deste terceiro milênio em que se vive, tão agitada, exteriorizada e vertiginosa, *buscar* chega a ser um verdadeiro desfrute e luxo. Vide *anexo I – Frases...*, com fragmentos filosóficos.

Heidegger, diante da aceleração observada nas tecnociências, afirmou que elas substituiriam a *metafísica*. Aprisionadas pela totalidade dos fados e fardos, dos fatos e da *plenitude* da vida e do *progresso*, as pessoas resgataram a ideia escatológica do fim do mundo e dos homens.

A escatologia migrou das religiões, onde tem *presença* ínfima, para a técnica e para a política. De certa forma isso fez *ressurgir* a

metafísica com o aspecto mais técnico, que exhibe na atualidade.

As tecnociências de hoje, cada vez com maior desempenho, avançando em domínios que, ontem, pertenciam à futurologia ficcional ou ao escopo abstrato e ínfimo da metafísica, indicam que a perspicácia e a curiosidade humanas atravessam as eras, robustecem-se e avançam sempre.

Cumprе acrescentar que o desenvolvimento da cosmologia e da física quântica, observado desde o século 20, pressiona pesquisadores a abordar questões metafísicas, em ritmo crescente, a ponto de romper o equilíbrio confortável e comprometer a fronteira, cada vez mais *cinzenta*, entre filosofia e ciência.

O olhar estratégico da maçonaria, sobre esse panorama, acarreta a ingente necessidade da construção do *homo maçonicus*, o homem que deve ser construído no presente para viver no futuro.

Cumprе dizer que a Ordem Maçônica está neste planeta e nesta Era Noética, e texto como este, que descreve as '*pegadas do homo maçonicus*', na atual quadra da civilização humana, tem de considerar parâmetros vigentes e características, evoluções e rupturas do presente momento, atuais e efetivos em todas as sociedades do mundo.

A curiosidade, portanto, é intacta e vivificante. A pesquisa típica da maçonaria, voltada para os mistérios do universo, além de apresentar horizonte atraente, nunca deixa de ser apaixonante.

A necessidade de saber e de conhecimento, do maçom, está alinhada com o questionamento permanente do ser humano, as *questões de estado*, a saber: *quem somos? de onde viemos? para onde vamos?*

A resposta deve passar pela formatação de *nova sabedoria* e pelas características do *novo maçom*. A fé cega e ingênua na onipotência da razão e da ciência, já agora denunciadas, abre o caminho para o avanço rumo a uma ciência noética, acima e além do cartesianismo.

Há abundância material, mas não há como negar carências imateriais do tipo estéticas, sociais, filosóficas, políticas, espirituais, religiosas (mais do que 4 mil religiões, no mundo) ... A humanidade tem de reaprender a viver a vida em todas as suas nuances e plenitudes.

A resposta derivada das lides maçônicas, em parte esboçada neste texto, aponta para, antes de tudo, tomar o verdadeiro caminho de si para consigo mesmo e descobrir-se.

4. Noética e o milagre (?)

-

Viva enquanto estiver “vivo”: a vida é uma viagem e, não, um destino.
Anônimo

(a) Experiências extra-sensoriais:

Enquanto isso, diversas perguntas permanecem ainda sem respostas definitivas, comprovadas cientificamente, entre elas o significado e o mecanismo de funcionamento da intuição; a relação entre o poder de criação e o potencial mental ainda não desenvolvido; o papel das experiências extra-sensoriais no dia-a-dia do Homem; de que forma o ser humano pode encontrar sentido na sua existência, entre outros inúmeros questionamentos.

(b) O Deus dentro de cada qual!

Historicamente o Homem se debate, nas mais antigas tradições culturais, espirituais e religiosas, com a tese da divindade interior, do Deus dentro de cada um, perpetuada inclusive pelo Cristianismo. Daí a Noética postular a importância do ser se voltar para si mesmo, descobrindo cada vez mais sobre seu *eu interior*, despertando desta forma seu potencial divino. Esta ciência acredita que deste processo advém a futura transformação da Humanidade, baseada no resgate de valores por muito tempo sepultados na poeira do tempo, agora vistos à luz de nova compreensão.

(c) Deuses (!)

Vós sois deuses! proclama o Salmo 82:6. Sei que um teólogo terá, dentro de sua disciplina, uma interpretação coerente para essa citação, mas, pouco adianta e ao pé da letra, será verdade? Desde a antiguidade mistérios antigos glorificam a apoteose humana.

A mente reserva segredos não revelados, sua interferência na matéria e na realidade é algo estudado pela Noética (ênfatizando, já que é próprio das ciências terem inúmeras definições e conceitos):

disciplina que estuda fenômenos subjetivos da consciência, da mente, do espírito e da vida, a partir do ponto de vista da ciência; e, também, como conceito filosófico, em linhas gerais, define a dimensão espiritual do homem.

Imagine o grão de areia; apesar de pequeno ele possui massa, logo exerce força de gravidade.... Agora se pegarmos trilhões deles e deixarmos que atraiam uns aos outros para formar, digamos, a lua, a força de gravidade combinada deles será suficiente para

mover oceanos inteiros e fazer subir e descer as marés por todo este planeta.

Pois bem, o pensamento é *coisa de verdade*, entidade mensurável, com massa mensurável? Minúscula, é claro, mas ainda assim: massa. *O que aconteceria se muitas pessoas comessem a se concentrar no mesmo pensamento?*

O parágrafo anterior foi *clonado* das palavras de Katherine Solomon, personagem fictício do livro *O Símbolo Perdido* de Dan Brown; foi esse livro, já citado, *que tirou a Ciência Noética do armário*.

Apesar de fictícia, a personagem explica, com boa aproximação, como deve ser entendida essa disciplina de características revolucionárias.

*Os pressupostos essenciais da noética são os conceitos, encontrados em várias tradições filosóficas e religiosas, de que o homem é o criador de sua própria vida, que a consciência impregna toda a realidade, que o homem tem outros meios de contatar a realidade além de seus cinco sentidos físicos e tradicionais, e, também, que muito do assim chamado **conhecimento objetivo** não tem nada de objetivo, mas é fruto apenas do consenso coletivo e se baseia em boa medida na subjetividade.*

O documentário *O segredo*, por seu turno, explora ampla e genericamente esse poder de influência dos pensamentos na realidade, seguem o lema *o universo conspira a favor*, considerando que qualquer tipo de pensamento que você tiver é capaz de gerar a chamada *lei da atração*.

Pense negativo que tudo passa a dar errado, pense positivo que as coisas almejadas fluirão como você sempre quis. Apesar de absurdo para muitos, não se pode negar algo, simplesmente por não parecer real; o *próprio Einstein* deixa claro que mesmo um genial cientista sabe que sempre há algo mais; nesta frase ele diz:

Aquilo que é impenetrável para nós existe de fato. Por trás dos segredos da natureza há algo sutil, intangível e inexplicável. A veneração a essa força que está além de tudo o que podemos compreender é a minha religião.

Assim, a partir dos pontos focais acima, pode-se presumir que a mente está no centro de muitas coisas do âmbito da sociedade; vale dizer, em *generalização cósmica*, que do ponto de vista do *universo da Cultura*, o **Centro** está em toda parte. O pensamento coletivo, por consequência, pode conduzir grandes acontecimentos. Sem minorar o desempenho das religiões, vale destacar que grandes profetas e grupos devem ter conhecido, muito antes, em profundidade, essa capacidade humana e, desta forma, como profissão de fé, ter conseguido conduzir pensamentos para fins impressionantes.

Os próprios deuses, por sempre possuírem razão humana, não poderiam ser interpretados como algo dissociado do indivíduo ou como algo divino acima dele, mas sim, como a essência de todas as pessoas reunidas em prol de algo. De maneira que esse enfoque ajuda a entender completamente o *salmo 82:6* que diz: *Vós sois deuses, e todos vós filhos do Altíssimo.*

Enfim, milagre pode ser fruto dessa tal *força dos pensamentos*, que quando bem conduzida pode levar ao ideal desejado. Apesar de tudo, e ainda encarado no campo das possibilidades, desde o início do texto torço para o amado leitor (todos uníssonos) imaginar: *espero que o universo conspire a favor... e o Brasil torne-se Primeiríssimo mundo!!!* .

5. Noética e Espírito

*Nada se ajusta tão bem ao corpo
como um crescimento do espírito.*
Provérbio Chinês

Definições:

Espiritualidade: estado que implica o primado dos valores espirituais, do autoconhecimento e da Consciência do Ser prevalecendo sobre a matéria, que é a ânsia do Ter.

Humanismo: é a doutrina moral que reconhece o humano como fim e valor superior, centro do mundo, medida de todas as coisas; as conquistas sociais só têm sentido ético se estiverem a serviço da dignidade humana.

Nada mais pode ser igual ao que foi. Como diz Bertold Brecht: *O que é, exatamente por ser tal como é, não ficará tal como está.* O homem que acumula está sumindo e, em seu lugar, surge o homem que cria conhecimentos.

Nomes de jovens como Edward Snowden (*denunciante*), Julian Assange (*wikileaks*) e ou Bill Gates, por exemplo, todos ligados fortemente à esfera pensante da rede, e de repercussão explosiva e planetária, são dos mais famosos e polêmicos do mundo.

A Era Moderna e Pós-moderna, **tipificada pelo TER**, foi era de orgulho, burguesia e vaidade: seus *filhos*, insensíveis ao social, com imensa capacidade de acumulação de ganhos financeiros e de corromper, ainda deambulam por aí. Já a **Era Noética, do SER**, que ora surge, é a da modéstia, da humildade e do respeito, associados ao compartilhamento e à gratuidade.

O século 20 foi palco da ampliação do debate sobre as partículas e subpartículas constituintes do átomo. O Princípio da Incerteza, que associou probabilidades à localização e ou da velocidade das partículas, causou comoção e fortes debates entre os cientistas.

O livro de Charles Tart (81; americano engenheiro, psicólogo e neurocientista), *O Fim do Materialismo*, que pode ser *baixado* grátis, apregoa que os fenômenos paranormais contribuíram para unir a ciência com a espiritualidade. Restou pouco espaço no potencial epistemológico acumulado para sustentar o materialismo e o materialismo científico.

Aliás, o tempo aponta para novas estruturas de vida, nas quais o vir a ser, o devir, suplanta o ter; o termo *objeto* foi substituído por *projeto*; ao invés de lucro procura-se falar em patrimônio imaterial ou intangível; durabilidade, sustentabilidade são termos mais empregados do que contabilidade; criatividade é bem mais poderosa que a produtividade, ainda usada por desavisados; e o termo riqueza tem sido abandonado em prol de bem-estar e de felicidade.

As dimensões não são estanques, pelo contrário, interpenetram-se continuamente. O ser humano é totalidade bio-psico-noética. Frankl, no entanto, coloca a dimensão noética em patamar superior: enquanto as dimensões somática e psicológica interagem na forma de paralelismo psicofísico, regido pela homeostase e passível de condicionamento, a dimensão noética é incondicionável, não homeostática, interagindo com as demais na forma de antagonismo psicofísico. Segundo Frankl (1989), o homem é unidade na diversidade. O entendimento reducionista do homem tende a ignorar a dimensão noética ou reduzi-la à dimensão psicológica. Referindo-

se às teorizações freudianas, Frankl (1992), propõe que, tal como os processos instintivo-inconscientes (dimensão psicológica), o homem apresenta fenômenos noético-inconscientes (dimensão noética). Para ele, a chamada psicologia profunda dirige-se prioritariamente ao *id inconsciente*, colocando em segundo plano o *eu inconsciente*, a pessoa propriamente dita. O eu (nous) em sua origem é inconsciente, assim como o olho que, vendo, não pode ver a si mesmo, ou seja, o eu não pode auto observar-se.

Conceitos de alma, espírito e fraternidade

Há a convicção da existência do corpo, dado que é possível ver, tocar, cheirar e sentir; já sobre a existência da Alma e do Espírito só há suposições dado que, se do lado das religiões afirmam positivo, no lado filosófico, vertente de viés não servil, indicam que não há provas materiais e, portanto, negam.

A teoria de **Francis Crick** (Francis Harry Compton Crick, biofísico e neurocientista britânico, 88 em 2004; Nobel de medicina, em 1962, com mais dois cientistas, por ter determinado a estrutura do DNA), porém, em favor das religiões, assegurou que encontrou a Alma, com aproximados 21 gramas, na estrutura física do cérebro; afirmou mais, que esse pequeno tecido desaparece quando o corpo sucumbe. Já há investigadores da fenomenologia quântica que afirmam o *desaparecimento* de 21 gramas da massa do corpo falecido, devido a uma projeção eletromagnética que todos têm, e que se extingue com a morte, na área do músculo cardíaco.

Presentemente, o lado ocidental do planeta, de ordinário, concebe a Alma como espiritual, intangível, invisível e de natureza imortal. A crença é de que essa substância é essência espiritual, o que significa dizer que é espécie de sopro da vida. Qualquer que seja a maneira de explicar acaba trazendo embutida o fato de que o humano transcende o *continuum-espaco-tempo* no qual está submerso.

As culturas antigas distinguiam bem: o Espírito (metafísico) e alma (psíquico). A Alma, então, era compreendida como a parte psíquica do humano, hoje chamada de Mente; o Espírito era encarado como pertencente à dimensão atemporal, impessoal e metafísico.

Na Europa, só após a implantação efetiva do cristianismo, diante da adoção pelas hierarquias cristãs do conceito platônico de Alma, eis que ela termina engolindo o conceito de Espírito. Destarte, o Espírito, ainda que deixado de lado, os conceitos alma e espírito, curiosamente bem diferenciados, figuram tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Parece que o esquecimento ou essa forma de embaralhar o pensamento antigo deriva dos autênticos forjadores da teologia católica, que são Santo Agostinho e Tomás de Aquino.

Descartes, também, colaborou na confusão ao apoiar a dualidade Corpo-Alma, por meio da sua teoria do penso logo existo, que leva o humano a negar a dimensão transcendental na crença de que é, apenas, corpo e mente.

Desconsiderar o Espírito como terceiro elemento, automaticamente, desqualifica a intuição e todos os demais sentidos cognitivos dela resultantes.

Assim, retirando do homem a confiança em si mesmo, ou de chegar por seus próprios meios a verdades transcendentais, torna-o dependente da ação e das opiniões eclesiásticas, do clero. E, bem pior, homologando esse clero como únicos seres a acessar o conhecimento espiritual e o divino.

Alcançada essa dependência na civilização ocidental, mercê de declarações nada inocentes, o Concílio Vaticano II ultrapassou o esquema alma-corpo, binário, e introduziu o conceito de *pessoa*, unitário. Destaca-se, no concílio, que O humano é uno (corpo-e-alma) e transcende, no seu âmago, a totalidade das coisas.

A desinência etimológica das palavras ajudará no entendimento e diferenciação entre elas. Alma vem do latim *ánimus* com significado de alento, sopro, respiração. A Alma é o hálito da vida, é a energia que permite que a matéria, inerte por si mesma, tome forma e vida.

No caso do verbete Espírito, do latim *spiritus*, é o ar que se respira, que entra e sai do corpo; a palavra expressa conceito complementar ao significado de Alma. Do ponto de vista etimológico, portanto, o conceito de alma está total e perfeitamente embutido no conceito de espírito; a recíproca NÃO é verdadeira.

De fato, a Alma é o Espírito enquanto princípio e animação da vida de um dado corpo real; inexiste alma sem corpo, ainda que Descartes e a fé católica admitam vida independente para ela.

O Espírito, por outro lado, não requer qualquer corpo para declarar sua existência, originando, no caso, o espírito puro. Depreende-se, então, como óbvio, que as almas individuais podem ser assimiladas como o alimento de um espírito único e universal, em cada corpo; ao abandonar esta matéria o espírito volta a

integrar-se à corrente da unidade dos espíritos sem que, para isso, aprisione e individualize o corpo.

Há uma série concatenada de conceitos tão sutis, aqui, que a verve dogmática, de puro interesse religioso, empurrou para o campo da metafísica. Vale recapitular: a matéria, ao perder o alento da vida, que a alma insufla, perde energia vital e se transforma em pó, que são diversos outros elementos inanimados. A Alma, originada no Espírito, dá vida ao corpo (a matéria); ambos, alma e corpo, são perecíveis como unidade, mas, não em sua diversidade. O Espírito, por sua vez, é individual, existe sem corpo e sem alma.

Qual a importância da existência da Alma e do Espírito?

Havendo Alma e Espírito pode-se falar amplamente, de transcendência e fraternidade. Daí, então, tomando-se o Espírito como argamassa, tornamo-nos irmãos, todos. Falar em consciência fora do corpo, nesse momento equivale a falar em humanidade e reafirmar nossa condição homogênea e fraterna de sermos humanos.

Essas ideias, gregas na origem remota, que influem, até os dias atuais, na concepção sobre o sentido da vida, da morte e da transcendência de uma vida futura, vieram da Índia e foram bastante bem embaralhadas pelas religiões judaico-cristãs para a manutenção do monopólio do sagrado.

A convocação que se impõe, neste caso, é o resgate das crenças de cada qual e que deverá determinar, afinal, quem somos.

6. Alvorecer conceitual

Um povo que dá mais valor a seus privilégios do que a seus princípios, acaba perdendo ambos.

Dwight Eisenhower

Uma célula viva não comporta reducionismo dado que não se reduz à soma dos seus átomos e elementos. A equipe de futebol, principalmente quando está em ação, não se reduz às façanhas pessoais dos jogadores *mais caros*, muito embora a cartolagem, com fins pouco confessáveis (conhecidos por todos) busca tornar o *bom jogador* vendável e lucrativo.

Em síntese, a poesia é maior que a simples concatenação das letras, palavras, métricas e rimas que a constituem.

A irrupção da era do conhecimento, *era noética*, *questiona todas as áreas da intelectualidade e do pensamento humanos*, tais como:

- as espiritualidades pessoais pairam acima das religiões clássicas;
- a metafísica do porvir, do vir a ser, ultrapassa as metafísicas da inquietação individual;
- as filosofias realistas eclipsam a filosofia idealista;
- as linguagens clássicas, verbais ou matemáticas, são superadas por simbolismos, alegorias e metáforas veiculadas por metalinguagens;

– o lado *esquerdo* do cérebro (do *raciocínio dedutivo, lógico e normativo*) é igualado e suplantado pelo lado *direito* (*intuitivo, criativo, analógico e simbólico*); a Ordem maçônica, cuja doutrina apoia-se em metalinguagem expressa por símbolos, tem boa sintonia, ou afinidade, com o pensamento analógico do cérebro direito; sem descuidar, porém, do tempero holístico trazido pelo *livre pensar*, do lado esquerdo;

– surge nova Cosmologia acostada nas metodologias sistêmicas e holísticas, deixando para trás as metodologias cartesianas e analíticas.

O pensamento lógico, dedutivo, fixo e *absolutizante*, em todo o processo civilizatório, nunca teve o monopólio da racionalidade. Ao lado da dedução sempre esteve o método indutivo e, mais recentemente, a heurística.

Paralelo ao pensamento lógico está o pensamento analógico ou pensamento simbólico, metafórico, esotérico ou maçônico, do lado direito do cérebro, estrutural, superior e baseado na arquitetura das interconexões entre símbolos (por exemplo: compasso, régua de 24 polegadas, maço, cinzel, esquadro, glifos zodiacais etc....), ligados em redes de noemas. O pensamento simbólico é *transracional*.

Japoneses e Polinésios

Neurocientistas, nos últimos dois séculos, vale enfatizar, demonstraram que cada hemisfério do cérebro tem especializações em funções bem determinadas, salvo peculiaridades dos surdos.

Nos destros, absoluta maioria dos humanos, o hemisfério esquerdo trata das matemáticas, linguagens, habilidades manuais e funções analíticas, em geral. O lado direito maneja moral, ética, espiritualidade, conceitos espaciais, reconhecimento de faces e expressões, sons ambientais, padrões musicais e, com boas possibilidades, a intuição e a arte.

O Prof. Dr. Tadanobu Tsunoda (91, japonês, neurocientista), autor do livro *O cérebro Japonês*, de 40 (quarenta) edições, foi precursor mundial dos estudos e descobertas, com audiência planetária (UNESCO), sobre conexões entre o cérebro, linguagens e cultura. Ele inventou máquina analógica (1960), a Tsunoda, efetiva até os dias de hoje, capaz de detectar o lado do cérebro que processa o som.

Tsunoda comprovou a sobrecarga do lado esquerdo, no cérebro japonês, e afirmou que isso independe de DNA, genética, raça, etnia ou nacionalidade. A iniciação do cérebro para a linguagem, qual um dispositivo midiático do computador, dispara entre 6 e 9 anos de idade; antes de 6 e após os 9 anos, não ocorre esse gatilho de comutação. Esse mecanismo pode acontecer com qualquer pessoa, educada com a linguagem em tela, na faixa etária discriminada.

O neurocientista brasileiro, amigo e congênere de Tsunoda, Prof. Dr. Raul Marino Jr. (82; foi titular de neurocirurgia da Fac. Medicina da USP), em um de seus livros, de grande repercussão, contempla temas idênticos e compartilha nome análogo: *O cérebro Japonês*, editado em português e japonês. Isso significa muitos anos de investigações e boas e longas idas e estadas no Japão.

Os japoneses, por influência do *kanji*, ideogramas típicos da escrita, por figura ou forma, ativa o lado direito diante do desenho,

da arte, do zen, da música, do poema, e da religião. O lado direito de japoneses e polinésios (mais de 30 nações) são estruturas cerebrais avantajadas e, como tal, nesses citados gentílicos, eles têm maior aptidão para a consciência moral e ética. São naturalmente, por óbvio, robustos em espiritualidade e religião, até porque o lado direito não carece de palavras *para pensar*.

O comprovado é que japoneses e polinésios têm muitas sílabas com vogais, que são processadas como palavras e sons. A fala vai para o hemisfério esquerdo; já o choro, risada, suspiro, ruídos, ruídos de máquinas, ruídos de insetos e animais, vento, chuva, água corrente, marés etc., interpretados como linguagem (e, não, como ruídos), vão, também, para o sobrecarregado lado esquerdo.

O metafórico vale-se de e está sempre em movimento (o que dá ênfase ao termo *mobilidade*), dado que é hermenêutico e está em constante recomeço, recorrente, superando-se, transcendendo, isto é, seu sentido nunca é definitivo: permite perguntas para toda uma vida de respostas... ou respostas para toda uma vida de perguntas.

Em síntese, tudo na vida é *símbolo* e trata-se, na Era Noética, de não mais ver *coisas* ou objetos. Todos os símbolos são sinais da existência de algo maior, hologramático, cósmico, onde tudo é reflexo do uno, do todo indivisível.

A revolução noética, ainda, tem de remover o entulho da era anterior e reconstruir o edifício social em todos os campos da atividade humana, a seguir (entre outros):

- **infraestrutura**: conectividade, altas velocidades em redes, computador para todos;
- **ecologia**: atenção com turismo, poluição, megaeventos;

- ética;
- **econômico**: criatividade, quebra de paradigmas obsoletos, especializações;
- **político**: publicização, privatização, combater estatização, eliminar burocracias;
- **saúde**: medicinas alternativas, holísticas, contra o envelhecimento;
- **educação**: ensino virtual, a distância, laboratórios, associações de companheiros;
- **pesquisa**: simbolismo, pensamento complexo, neu-rociências, metalinguagens, ciências cognitivas, técnicas sistêmicas e criativas.

Os sistemas simples obedecem a leis cartesianas, posto que podem ser *reduzidos* à elementar interação mecânica entre as partes componentes.

A importância crescente das propriedades emergentes, que tornam imprevisíveis e autônomos os sistemas complexos, ao escapar, cada vez mais, dos determinismos mecânicos, implica a preponderância da forma (*informação*) sobre o conteúdo (*substâncias, matéria*). **Complexidade** é, praticamente, sinônimo de informação, desmaterialização.

O motor da evolução cósmica, compreendido como o desdobramento a partir do *grão de mostarda* – o Big Bang –, é a **complexificação**, isto é, a progressão crescente na escala da complexidade.

Vencer a complexidade do mundo real tem sido preocupação dos sábios e avatares desde Aristóteles, pelo menos. Ao longo do tempo dá para caracterizar, nessa questão, três ondas quais sejam:

- (1ª.) Mitologia, Magia, Mistério;
- (2ª.) Reduccionismo, Racionalismo, Religião; e
- (3ª.) Sistema, Sinergia, *Spiritualité*.

No atual estágio da *Cosmologia*, a escala cósmica da complexidade é apresentada em quatro fases, cada qual com dois graus (individuação e integração), a saber:

- (1)
) **Energia**: indivíduo pela energia pura e integração pela energia vibrante (luz);
- (2)
) **Matéria**: grau da nanosfera (átomos, moléculas), e agregados cristalinos ou viscosos (litosfera);
- (3)
) **Vida**: a biosfera (dos seres vivos) e sociosfera (das associações sociais); e
- (4)
) **Espírito** (dos graus pensantes): da noosfera, onde estão as ideias, e da gnosiosfera, dos conhecimentos e associações ideais (Ordem Maçônica).

7. Complexidade

*A escala cósmica da complexidade vem dada
por energia, matéria, vida e espírito.*

Ciência Noética

A evolução caracteriza, então, três ondas, mais detalhadas, quais sejam:

(1ª.) *Mitologia, Magia, Mistério*: marcou a civilização até o século XV e o homem foi parasita e vítima do mundo; prevaleceram os Ritos, Símbolos e Visões, com ênfase no lado direito do cérebro (e o hipotálamo);

(2ª.) *Reduccionismo, Racionalismo, Religião*: nos últimos 500 anos, com flagrante declínio nos dias atuais; o homem tem usado e abusado de modelos, conceitos, tecnociências e análises dedutivas, típicas do lado esquerdo do cérebro (e do córtex cerebral), tornando-se, assim, espectador e predador do mundo; e

(3ª.) *Sistema, Sinergia, Spiritualité*: a tendência é o uno, o *um com todos*, o holismo, com o uso dos dois lados do cérebro equitativamente; essa Era está surgindo, com fortes mudanças paradigmáticas, com acentuada transdisciplinaridade em todos os ramos da atuação humana, nos quais o homem é ator, protagonista e criador do mundo; ele deixa de ser a medida de coisas/causas, para participar ativamente na cosmogênese.

8. Iniciação como ciência

*A visão do poder transformador da ciência,
casado com a ideia de progresso da Cabala,
traz pressupostos eficazes para alicerçar
a evolução humana rumo ao seu destino divinal.*
Do livro “*The Meaning of Masonry*”, de W.L. WILMSHURST

Os Mistérios da Maçonaria estão muito mais acima e além do que pode supor a vã filosofia do Obreiro. O preparo para absorver esses horizontes é o trabalho de uma vida. Até porque Maçonaria não é,

apenas, uma sociedade secular; **ela é a casa do espírito**; ela tem de estar tanto no espírito *vivo* como nas formas e procedimentos ritualísticos.

Esse processo está sempre testando o adepto nas cenas da vida real; não lograr entendimento acarreta auto inibição para avançar para nova experiência e maior conhecimento.

O propósito da Ordem, então, diante do cenário material, é iniciar o recipiendário na Ciência da Vida. Fica claro, por outro lado, que a maçonaria ajuda na tarefa proativa de **conhecer-se a si mesmo**, oferece o caminho iniciático para isso, mas adverte que *esse é um caminho espiritual somente transitável por mentes aventureiras (do novo) e atléticas.*

O postulado maçônico fundamental é que *nova consciência dá origem a nova faculdade*. O que ocorre com um membro pode não acontecer, no mesmo tempo, com outro membro; cada qual tem o seu tempo de *maturação*.

A vida do Iniciado é hermética e, portanto, ele *não fica exposto ao escrutínio público*; sua mudança é intestina, nos recônditos da consciência. Pedro I, Isaac Newton, Tiradentes ou Albert Einstein, *todos maçons*, cada qual tinha sua mente e seus rumos, que mudaram os humanos.

A Iniciação, na Era Noética, é mudança psicológica e imprime, a um só tempo, consciência pessoal e crescimento interior.

Os primórdios da teoria evolucionista apontavam para *quatro domínios* (ou reinos, a saber: *mineral, vegetal, animal e hominal*) da Consciência. Como é impensável que a evolução cesse e o humano

reste *rua sem saída*, é fácil vislumbrar-se o advento do *quinto domínio*: **o reino dos Iniciados**.

No momento os humanos somos animais com *possibilidades divinas e legado selvagem*, das origens primatas, que devem permanecer abaixo de determinado limiar da consciência *para que o quinto domínio prevaleça*.

A Maçonaria é *eterno convite* para contemplar, estudar e ingressar *nesse quinto domínio: o reino dos Iniciados*. Ao se aspirar a transitar do estado meramente humano para o estado de Iniciado, envolve *morte simbólica*. E, assim, a Ordem ensina com *especial método e técnica de viver*, bem como, uma definitiva técnica de morrer; e isso é o ***segredo da morte e da ressurreição*** místicas.

3.

Antiguidade e Antiguidade tardia

*Grandes figuras humanas sempre encontraram
(encontram e encontrarão)
oposição violenta das mentes medíocres.*
Albert Einstein

1. Mistérios e Antigos Mistérios (no Ocidente)

*Além das aptidões e das qualidades herdadas,
é a Tradição que faz de nós aquilo que somos.*
Albert Einstein

(a) Mistérios

Cumpre dizer que a Ordem Maçônica foi colocada na Terra, por desígnios elevados, para **unir os humanos, não para dividi-los**. Entre os ensinamentos que ela torna disponíveis está o Caminho da Salvação ou Caminho da Superação. E tudo leva a crer que esta fase contemporânea da vida no planeta, que rompe com o *status quo*, ao invés de colapso traz mais consistência e validade para o pensamento maçônico, a menos do descortino do maçom!?

Legatária e herdeira que é, dos traços *genéticos históricos* dos Antigos Mistérios e dos Conhecimentos Gnósticos, a Maçonaria foi colocada na Terra, insolitamente, *sem pai nem mãe*, para que o mundo ocidental desse guarida e permanente proteção aos seus desideratos, o que vem acontecendo ao longo de alguns séculos.

NOTA:

(A) os conteúdos gnósticos, de alguma forma, estão vinculados ao inconsciente; o objetivo do conhecimento gnóstico (Gnose) é Deus, Supremo Arquiteto, ou tudo aquilo Dele derivado.

(B) A Gnose induz uma busca permanente do conhecimento que provoque o encontro direto e cabal do humano com sua própria e maravilhosa essência eterna. Subjacente traz a tentativa constante da compreensão das relações entre o Criador e sua criatura.

É ocioso dizer que as Obediências Maçônicas, em todo o planeta, sentem-se compelidas a reeditar, recorrentemente, o tesouro *perdido* em pensamentos e tradições, nos corações e nas mentes dos obreiros que *já se foram*, dos que estão aqui e dos que virão.

Uma vez detectados, esses velhos conceitos e definições são decodificados (no linguajar atual) e ganham novo alento com os termos e abordagens da época. A Iniciação, cerne do processo de *pertença maçônica*, consiste em engendrar *identidade social*, por via de uma liturgia, inscrita no âmbito da ritualística e, ao mesmo tempo, consagrar esse ritual de passagem como postulado fundamental dessa nova identidade social que ela produziu; cria, portanto, do nada, uma identidade que, sem ela, não existiria. Só iniciados são habilitados a efetuar operações iniciáticas.

(b) Antigos Mistérios

Tudo é grande na alma grande.

BLAISE PASCAL, filósofo francês, 39 em 1662

Antigos Mistérios é alocução moderna criada com o fito de reunir sob uma só classificação todos os curiosos, e bizarros mesmo, ritos, cerimônias, liturgias e ritualísticas alusivas ao período antes de Cristo, descritas nos trabalhos clássicos. A filosofia e os filósofos

destacados, à época, robusteceram o *neoplatonismo* que encampou todos esses eventos, trabalhos e registros.

Nenhum desses documentos, contudo, avança mais do que as considerações externas, mais da forma do que do potencial interno da iluminação pretendida. Descrevem pouco do que transpirou nos primitivos Templos de Iniciação, bem menos do que um curioso perspicaz pode obter hoje, em relação à doutrina atual.

Um dos maiores acervos do conhecimento humano derivou das escolas de mistérios, da antiguidade, sem que se saiba bem suas origens. O trabalho ciclópico de expansão da consciência, assumido por indivíduos que estavam *além do seu próprio tempo*, chamou-se iluminação no Oriente e iniciação no Ocidente.

Desde tempos remotos, no entanto, ficou, fica e ficará bem claro, sempre, que *ciência* (*conhecimento* e ou conhecimento gnóstico) sem *conhecer-se a si mesmo*, Vitriol (*consciência* e conscientização), sempre será a *ruína da Alma*, parodiando Einstein. Isso equivale a afirmar que desenvolver o *Cosmos interno* (da mente), sem a devida contrapartida das virtudes, valores, verdades e das consciências, advindas do *Cosmos externo* (do mundo físico) acarretará, igualmente, a ruína da Alma

A verdade é que, das origens remotas, ao longo de milênios nada poderia ser gerado, começado, desenvolvido ou terminado sem a consulta às estrelas em busca do momento propício. Vai daí que um vastíssimo sistema de filosofias foi sendo gradualmente edificado a partir de conhecimentos, cada vez mais aprofundados, de matemática, geometria e astronomia.

NOTA: A Maçonaria não é, simplesmente, tudo aquilo que o adepto simpatizante pode decantar, prosa e verso, sobre sentimentos, moral, fraternalismo. Ela é, sim, estrutural e fundamentalmente,

um sistema *natural* de teologia, que prova e comprova a existência e os atributos do único e verdadeiro Deus, para a satisfação do intelecto, e provê uma tal blindagem da fé que a torna inatingível por qualquer meio humano.

Na antiguidade egípcia a religião praticada, em geral, assentava-se nos centros de mistério. Era lá que os gregos absorviam fundamentos e inspiração para os mistérios, ainda que adaptassem os ensinamentos para sua forma própria livre de ser e de se expressar. Os gregos, cosmopolitas, estéticos e democráticos, não assimilaram bem o modo sombrio, formal, supersticioso e ritualizado do culto egípcio.

NOTA: Estudos cada vez mais profícuos sobre a cultura e o processo civilizatório no Egito, revelam, hoje, de três a quatro mil anos depois, detalhes que retificam uma visão desfocada, a saber:

(a)

) há várias semelhanças entre o antigo e o atual, sendo uma das principais, e bem significativa, o ***espírito de cooperação***, que pode explicar até mesmo, o quantitativo de obreiros (aos milhares) para a construção de pirâmides; o grau de liberdade era de tal sorte que o ano de 1170 a.C. registra a *primeira greve* de trabalhadores (pela falta de maquiagem (todos se maquiavam!), cerveja e outros adereços);

(b)

) não havia a ***obsessão*** delineada, hoje, pela egípcio antigo ***diante da Morte***; as áreas agricultáveis não chegavam a 5% do país e, então, para não desperdiçar com cemitérios (até presentemente a periferia mais pobre, sem qualquer ranço contra a morte, mora em catacumbas e dorme em jazigos, sem grandes pruridos), enterravam seus mortos no deserto; era comum o comentário popular de que *milênios passavam e nunca se soube de ninguém que foi e voltara*; a mensagem dirigida dos vivos para os mortos é que estes possam passar milhões de anos, com seu rosto voltado para o vento norte e

seu olhar contemplando a felicidade; já a mensagem **dos mortos aos vivos** compreendiam os seguintes mandamentos:

[I] seja feliz por toda a vida;

[II] não trabalhe mais do que o necessário;

[III] não encurte a vida que é reservada ao prazer;

[IV] não perca tempo com cuidados rotineiros, exceto prover sua casa;

[V] se sobrevier a riqueza siga seu coração; e

[VI] ser rico de nada adiantará se você for sombrio;

^(c)

) a língua falada e escrita, à época dos faraós, sofreu dois *duros reveses*, quais sejam: no século 4 (aproximadamente 391 d.C., Teodósio, imperador romano, *baixou determinação e interditou todos os templos pagãos*; como o templo egípcio era o núcleo onde ocorriam todos os eventos da sociedade civil (incluindo educação e burocracia), **foi-se a língua escrita**; em 622, Maomé (62 em 632), de vida contemplativa, lança as bases do Islamismo e opta por um *viés de conflito armado para expandir sua religião e invadir Meca*; Abu-Bekr, fiel discípulo conquistou Síria e Pérsia, e foi assassinado; Omar (que também seria assassinado!), **englobou** a Líbia e **o Egito**, consolidando, de fato, o império árabe: com isso **foi-se a língua dos faraós, ainda falada**. Esta língua falada, embora *morta é mantida precariamente viva*, há mais do que 1600 anos, contra tudo e contra todos, pela *religião cristã* copta, tendo contribuído valiosamente na decifração dos hieróglifos.

Na antiguidade grega havia quatro filósofos que pontificaram, a saber:

(I) **Orfeu**, que pode ser considerado o fundador do ideal grego da busca da perfeição racional, sempre associada as perfeições físicas e artísticas, o que equivale a dizer que Orfeu, praticamente, lançou as bases do *helenismo*;

(II) no auge do helenismo surge **Pitágoras**, na chamada Grécia italiana, com sua escola de Crótona e seu templo com 3 graus de conhecimentos gnósticos;

(III) próximo ao limiar da Era Vulgar (era cristã) surgiram **Plotino**, expoente do Neoplatonismo, e

(IV) **Apolônio de Tiana**, cujo nome declinou, ao longo do tempo, dado que sua obra (de vulto) deixou poucos registros escritos.

Essa visão de *continuidade dos mistérios*, a propósito, é surpreendida no magistral e raríssimo texto *Os Artífices de Dionísio*, da lavra de Hipólito José da Costa, Patriarca da Imprensa Brasileira, que discorre sobre mistérios Eleusis, ou mistérios Dionisíacos, e alega que Escócia e Inglaterra apresentavam ao mundo, ainda no século 18/19, o viço daqueles mistérios.

Um pouco mais de detalhes, sobre o autor e essa obra plasmada em plena era da formação epistemológica da doutrina maçônica (sec. 18), é mantida como texto raríssimo em Grande Loja americana de Iowa, onde pode ser encontrada.

2. Antiguidade tardia

Seja o que for que você espere será diferente.

BUDA; 80 em 483 a.C.

Os primeiros séculos da Era Vulgar são, às vezes, chamados de *Antiguidade Tardia* por diversos motivos, quais sejam: mistura de religiões, de tradições intelectuais do Egito, Grécia, Oriente,

Babilônia, Pérsia, helenismo do Mediterrâneo oriental (parte do Império Romano), mudanças socioculturais (globalização, urbanização e multiculturalismo) ***desaguando no esoterismo ocidental*** das massas populares.

Estudiosos dos aspectos históricos e sociais do esoterismo perceberam que a tradição europeia vem demarcada por uma ***tríade de razão, gnose e fé***, sendo a gnose a terceira, e escondida, corrente do pensamento ocidental. Todas as demais correntes contemporâneas, desde a *Antiguidade tardia*, devem referenciar essa tríade que, por sua vez, requer o pleno entendimento de toda a gama da história europeia em que ela se manifesta.

Os componentes mais salientes foram o Hermetismo, o Gnosticismo e o determinante Neoplatonismo. Na Tradição Neoplatônica (vide ***anexo IV*** – Neoplatonismo), herdada pela Ordem Maçônica, o desenvolvimento do ***Cosmos interno***, habilidades interiores preternaturais, não tem objetivo por si só, não; o desejo de regressar a um plano sacramental, espiritual, superior, é um dos focos principais na missão do Maçom.

Aliás, como ***escola de filosofar*** autêntica e moderna, assimilou bem esse legado primitivo e tem como grandes vertentes de atuação a prática da benemerência, da verdade, dos valores axiológicos e das virtudes. Trata-se de sermos cada vez melhores e, com isso, provocar a consequência de que, um dia, a humanidade possa evoluir harmônica, espiritual e fraternalmente.

3. Sobre o Esoterismo

Não importa de onde você vem; importa mais é

para onde você está indo.
BRIAN TRACY, empresário canadense.

a. Generalidades

O adjetivo *esotérico* (*a*) apareceu no século 2 E.:V.:, derivado de um exemplo do grego antigo, encontrado em uma sátira. O substantivo *esoterismo*, derivou do francês, onde foi usado em 1828, no livro *Histoire du gnosticisme*, (de Jacques Matter).

A definição acadêmica do esoterismo foi fortemente influenciada por vários movimentos esotéricos próprios, mais notadamente o Tradicionalismo e a Maçonaria Martinista; o termo tornou-se popular entre os acadêmicos franceses durante a década de 1980, exercendo forte influência sobre os acadêmicos Mircea Eliade, Henry Corbin, e nos primeiros trabalhos de Faivre.

Ideias religiosas exerceram, também, influência sobre os estudiosos mais recentes como, entre outros, Arthur Versluis; este definiu, por exemplo, *esoterismo ocidental* como

conhecimento espiritual oculto transmitido via correntes históricas da Europa ocidental que circularam na transformação da América do Norte e outras configurações não-europeus.

Versluis acrescentou que essas correntes esotéricas ocidentais, todas, compartilhavam *característica essencial*, qual seja a reivindicação de gnose, discernimento espiritual direto em cosmologia ou visão espiritual; daí que ele sugeriu que tais correntes podem ser referidos como *gnóstica ocidental* tanto quanto *esotérica oci-dental*.

b. Antiguidade Tardia

As origens do Esoterismo Ocidental estão no Mediterrâneo Oriental helenístico, que foi parte do Império Romano, durante a Antiguidade Tardia, período que abrange os primeiros séculos da Era Vulgar (E.V.) ou Comum. Neste meio houve mistura de religião e tradições intelectuais da Grécia, Egito, Oriente, Babilônia e Pérsia, acrescido do fato de que ocorria substantiva mudança sociocultural acarretada pela globalização, urbanização e multiculturalismo.

Um componente desse amálgama é o (1) *Hermetismo*, escola egípcia helenística de pensamento, que leva o nome do sábio egípcio lendário Hermes Trimegisto. No 2º e 3º séculos depois de Cristo, apareceu uma série de textos atribuídos a Hermes; cuja *natureza*, até tempos atuais, ainda é debatida sobre se o hermetismo era fenômeno puramente literário, ou se havia comunidades de praticantes que agiam sobre essas ideias...

A tradição do pensamento esotérico (via Hermetismo) inclui, na **Antiguidade Tardia**, o (2) *Gnosticismo*, que desenvolveu relação complexa com o Cristianismo. Várias seitas gnósticas existiam, e eles acreditavam amplamente que a luz divina tinha sido aprisionada no mundo material por entidade malévola conhecido como o Demiurgo, que foi servido por ajudantes demoníacos, os Arcontes.

A crença gnóstica era de que os seres humanos, imbuídos da luz divina, devem adquirir Gnose e, assim, escapar do mundo da matéria e se juntar à fonte divina.

Uma terceira forma de esoterismo, na Antiguidade Tardia, era o (3) *Neoplatonismo*, escola de pensamento influenciada por Platão. Defendida por figuras como Plotino, Porfírio, Iâmblico e

Próclus, o Neoplatonismo considerou que a alma humana tinha caído, desde as suas origens divinas, para o mundo material; mas que poderia avançar, via um certo número de esferas hierárquicas, para voltar às suas origens divinas mais uma vez. A verdade é que o termo *alma*, está sumindo dos textos religiosos, em geral (?).

Não pode ficar sem registro a permanência, por ***quase três milênios***, desde antes de Moisés, até os dias atuais, do povo druso (termo inicialmente de uso pejorativo; hoje aceito), autodenominado ***monoteístas***. Em tese são islâmicos árabes.

Somam algo próximo de um milhão de almas, difusamente distribuídos em diferentes nações (como Síria, Israel, Líbano...) e contam com a simpatia (subterrânea) de Israel, etnia que, tal como os drusos, tem sido *minoritária* ao longo de milênios.

Eis, a seguir, características impressionantes do povo druso, a saber:

- são monoteístas;
- sua fé apoia-se (é mantida e adensada) em sociedade esotérica iniciática;
- prezam o *Conhecimento*, que constituem sua *gnose*;
- apegam-se, com eficácia, à Tradição milenar, até como mecanismo de permanência;
- têm fé única e bem fechada;
- seu mito de origem aponta para Nazaré, bem próxima de Jerusalém;
- até os dias atuais ocupam, majoritariamente, a mesma vila do Monte, em Nazaré;

- resguardam sob mistérios iniciáticos, segredos e sigilos, os horizontes da sua fé;
- não admitem qualquer tipo de conversão, de ou para outra fé ou etnia;
- acatam piamente a paternidade de um único Deus; daí serem todos irmãos;
- são leais e fiéis aos regramentos e culturas da nação que lhes dá a nacionalidade;
- têm pronunciado senso de fraternidade;
- suas crenças reservam espaço reverencial para o Islamismo, o Cristianismo e o Judaísmo, sem que se declarem por qualquer delas;
- seus Grandes Profetas são Adão, Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé;
- suas crenças apoiam-se em duas vertentes, quais sejam: creem em um Deus único e pai de todos; e creem na Reencarnação;
- em tudo e por tudo é um grupo étnico isolado;
- creem que a Alma é ilimitada e imortal como Deus;
- a Bíblia ignorou a existência drusa;
- trazem consigo o germe sociológico da igualdade e da fraternidade; são livres;
- incorporaram na sua fé, de modo vital, o embrionário *Neoplatonismo*, que mais tarde influenciará o mito da criação da Maçonaria;
- sofreram pressões tal como os albigenses (cátaros), dizimados (sec. 13) por questões de fé, por abraçarem o *Gnosticismo*;

– a partir dos séculos 10 e 11, sofreram fortes pressões por causa do Gnosticismo e Neoplatonismo; tomaram a decisão coletiva e abençoada, de se fecharem e nunca mais permitiram relações com outras etnias ou profissões de fé; etc.

c. Idade Média

Após a queda de Roma, a Filosofia e a Alquimia, bem como outros aspectos da tradição, foram preservados, em grande parte, no mundo árabe, no Oriente Próximo e introduzidos na Europa Ocidental por judeus e pelo relacionamento cultural entre cristãos e muçulmanos na Sicília e sul da Itália.

O século 12 viu o desenvolvimento da Cabala, no Sul da Itália e Espanha medieval. O período medieval viu também a publicação de grimoires (Livros de magia usados para criar mágicas, realizar mágicas e invocar entidades sobrenaturais) que oferecia fórmulas muitas vezes elaborados; muitos dos grimoires parecem ter influência cabalística.

d. Renascença e início do período moderno

Ao longo do Renascimento, pensadores europeus sintetizaram filosofias *pagãs*, que foram, então, disseminadas por traduções árabes, com o pensamento cristão e o judaico cabalístico. O mais antigo desses indivíduos foi o filósofo bizantino Pletão (97 em 1452; grego, neoplatônico que defendeu, nas portas da Era Moderna, o retorno aos deuses do Olimpo), que argumentou que *Oráculos Caldeus* representavam exemplo de religião superior da humanidade antiga, e que tinha sido transmitido pelos platônicos.

As ideias de Plotão acabaram dando notoriedade aos trabalhos de forte densidade neoplatônica de Marsílio Ficino, grande tradutor para o Latim, de Platão e várias figuras platônicas, bem como de Giovanni Pico della Mirandola, figura central dessa plêiade de intelectuais.

Mirandola desenvolveu forma distinta de cabala cristã, que ganhou logo versão em alemão, tendo sido bastante ampliada.

e. Esquadro e Compasso

Um viés distinto do pensamento esotérico foi o desenvolvido na Alemanha, de onde veio a ser conhecido como Filosofia Natural; embora influenciada pelas tradições da Antiguidade Tardia e Cabala medieval, essa corrente alemã só reconheceu duas principais fontes de autoridade: escritura bíblica e o mundo natural.

O expoente principal dessa abordagem foi Paracelso (48 em 1541; filósofo, botânico, médico, naturalista e ocultista, suíço-alemão), que se inspirou na alquimia e magia popular para apreciar as ideias de Galeno. Seu principal foco era o retorno ao Holismo, uma medicina integral, de saúde total.

Sua obra ganharia apoio significativo em ambas as áreas ao longo dos séculos seguintes. De 1614-1616, os três Manifestos Rosa-cruzes foram publicados na Alemanha; estes textos que pretendem representar irmandade iniciática fundada séculos antes por um perito alemão chamado Christian Rosenkreutz.

Não há evidência de que Rosenkreutz tenha sido figura real, ou que essa Ordem Rosacruz tivesse existido; em vez disso os manifestos são prováveis criações literárias do teólogo luterano Johann Valentin Andreae (68, em 1654). Apesar disso,

ele inspirou grande interesse público, com vários indivíduos vindo a se identificar como *Rosacruz* e afirmando que tinham acesso ao secreto conhecimento esotérico, como resultado.

Uma irmandade iniciatória real, a *Maçonaria*, foi criada entre os séculos 14 e 16, na Escócia, decorrente da transformação das guildas medievais de pedreiros para incluir não artesãos. Essa irmandade logo se espalhou para outras partes da Europa.

f. Sécs. 18, 19 e início do século 20

A Era Iluminista testemunhou processo de crescente secularização dos governos europeus e certa densidade de expressão da ciência moderna e da racionalidade dentro dos círculos intelectuais. Por sua vez, o *oculto modernista*, que refletia diferentes formas do pensar esotérico, emergiu.

Um dos esotéricos mais proeminentes deste período foi o naturalista sueco Emanuel Swedenborg (84, em 1772), que tentou conciliar ciência e religião depois de experimentar uma visão de Cristo. Seus escritos, focados em viagens visionárias para o céu e o inferno e comunicações com anjos, alegando que o mundo materialista visível está acompanhado do mundo espiritual invisível, com correspondências entre os dois que não refletem as relações causais.

Outra figura importante dentro do movimento esotérico deste período foi o médico alemão Franz Anton Mesmer (1734-1814), que desenvolveu a teoria do magnetismo animal, e que, mais tarde veio a ser conhecido mais comumente como *mesmerismo*. Um dos seguidores de Mesmer descobriu que o tratamento hipnótico poderia induzir um estado de transe sonambúlico.

Esses estados de transe influenciaram fortemente a religião esotérica do Espiritismo, que surgiu nos Estados Unidos na década de 1840 e se espalhou pela América do Norte e Europa. O Espiritismo foi baseado no conceito de que indivíduos poderiam se comunicar com os espíritos dos falecidos. Embora a maioria das formas de Espiritualismo tivesse pouca profundidade teórica, sendo assuntos largamente empíricos, visões teológicas completas foram teorizadas por Andrew Jackson Davis (84, em 1910) e Allan Kardec (65, em 1869).

O interesse científico nas reivindicações do Espiritismo resultou no desenvolvimento do campo da pesquisa psíquica. O sonambulismo exerceu forte influência sobre as primeiras disciplinas de psicologia e psiquiatria.

g. Pentagrama de Eliphas Levi

Na Europa, movimento usualmente denominado *ocultismo*, já citado, surgiu quando vários estudiosos tentaram encontrar uma *terceira via* entre o cristianismo e a ciência positivista, tendo como alicerce tradições do pensamento esotérico.

Na sequência da convulsão social da Revolução Francesa, personalidades destacadas surgiram nesse meio ocultista, ainda que fortemente influenciados pelo catolicismo tradicional; um deles, o mais notável, já citado, foi Eliphas Levi, *seguido de perto* por Papus (51, em 1916), René Guénon (65, em 1951); deu densidade ao Tradicionalismo oculto.

No mundo anglófono, o movimento oculto florescente submeteu-se à forte hegemonia do pensamento Iluminista e do livre pensar. Isso acentuou uma inclinação anticristã que estruturou a sabedoria

com contribuições emanadas das religiões pagãs pré-cristãs da Europa. Isso ficou registrado em magnífico e raríssimo trabalho de Hipólito da Costa (*Os Artífices de Dionísio*, já citado).

Helena Blavatsky foi uma das fundadoras da Sociedade Teosófica, em 1875 (florescente até os dias atuais), e deixou seguidores e líderes de peso, tais como Annie Besant (86, em 1933) e Charles Webster Leadbeater (80, em 1934). Eles deixaram um legado para a teosofia moderna, como forma de cristianismo esotérico, ecumênico.

Novos entendimentos esotéricos de magia também se desenvolveram na última parte do século 19, a saber: Sociedade Antroposófica (Rudolf Steiner); Neo-Vedanta (Vivekananda e a Missão Ramakrishna); Ordem Hermética da Golden Dawn (Aleister Crowley, cabalista; religião Thelema); *Ordo Templi Orientis*; *Eneagrama sagrado* (George Gurdjieff e PD Ouspensky) etc.

4. Características do Pensar

O sábio pode mudar de opinião; o ignorante NUNCA.

IMMANUEL KANT, filósofo alemão

O processo civilizatório, vale dizer, conspira a favor da autonomia (ontológica?) da espécie. A tecnologia favorece o poder e a acumulação das grandes corporações, em detrimento dos indivíduos.

Sob tal conjuntura só o pensamento Analógico, ou pensamento Simbólico, (re) constituinte da forma Complexa de conduzir as

relações entre os povos, as nações e as pessoas, em geral, tem a palavra de passe, a senha do código, para lidar com os paroxismos, as incongruências dos mitos tribais, sempre perniciosos, as táticas hegemônicas esquerdizantes, os fundamentalismos, os medos, a violência, enfim as carências que degradam a dignidade da espécie humana.

Ocorre que a Instituição Maçônica, secularmente orientada para o Símbolo e o pensamento simbólico, com livre pensar calcado no Holismo, forma integral de usar os dois lados do cérebro, encontra-se à vontade no espaço contemporâneo dos fenômenos socioculturais.

O pensamento simbólico, instrumento tão antigo quanto o processo civilizatório, já que o gênero humano não se prepara, para transmissão de conhecimentos, apenas, como os animais, pela força do instinto: usa mitos, alegorias, símbolos, fábulas, parábolas, lendas...

É como funcionam os livros sagrados (Bíblia, por exemplo) e está arraigado na psique humana, sendo tão espontâneo quanto a geração de sonhos...

A razão, sem o suplemento da intuição, fruto do lado simbólico do cérebro, não pode compreender o metafísico, o irracional e o espiritual, dado que ela carece de *uma outra luz* para atravessar o véu que envolve a existência humana. Fernando Pessoa (poeta luso; 47 em 1935) diz que o humano traz a *alma vestida* tendo séria dificuldade em apreender a pluralidade cultural que o cerca.

O olho da razão não pode trespassar o véu; é como uma penumbra que envolve a existência e que a razão não resolve.

Os pré-socráticos, como Parmênides (70, em 460 a.C.), Pitágoras (75, em 496 a.C.) e Empédocles (60, em 430 a.C.), eram xamãs que experimentaram a prática da existência e manifestação da Divindade. Conheciam bem o *Livro dos Mortos*, egípcio.

Platão (81, em 347 a.C.) tentou o *corte* filosófico versus raízes místicas e não teve êxito; Aristóteles (62, em 322 a.C.) não conseguiu, também... Plotino (65, em 270), discípulo de Amônio Sacas (67, em 242), mais do que 600 anos depois, levou, de novo, a filosofia para as raízes místicas aventadas por Platão. Plotino e seu discípulo Jâmblico (80, em 345), trouxeram a filosofia para os estudos herméticos e místicos egípcios, fonte da qual Pitágoras (precursor de estudos egípcios) e Platão *beberam*...

De qualquer maneira, entretanto, a realidade circunstante está bem além do mundo fenomenológico.

Teilhard de Chardin (74, em 1955), padre jesuíta e filósofo, corroborando Platão, deu sua contribuição alquímica ao afirmar que

Não somos humanos em experiências espirituais, antes somos espíritos tendo experiências humanas, na matéria.

As perguntas que a vida antepõe devem ser respondidas: como estar seguro de fazer o que tem de ser feito, permitido ou designado pelas forças vivas da Natureza?; quem é Vc., de fato?; por que Vc. está aqui?; o quê Vc. quer? O Mito ou a lenda permite cristalizar as utopias e as respostas...

A voz da Natureza tem de ser ouvida; ela *cobra* o agir com parcimônia e harmonia consigo próprio e com o mundo. Há que se construir a vida, em rapidíssima experiência, em consonância com o destino.

A Estrela da Manhã (a Sírius ou a Vênus) nasce dentro do recipiendário: é a primeira visão da luz, segundo II Pedro 1:19 – “... até que venha o dia, e a Estrela da Manhã nasça em nossos corações...”.

Sempre que essa luz aparece há paz e salvação e pode-se *ver através desse véu...*, que separa o recipiendário da Eternidade!

Esse é uma espécie de segredo aberto a quem queira disciplinar-se; embora reconhecido por muito poucos ele fixa-se no Mestre e deve ser experimentado – tal como faz o xamã – no coração e na alma.

A ideia de MITO está consagrada no mundo ocidental. Hoje Mito abrange, não só, eventos da Antiguidade bem como pessoas, lugares e eventos contemporâneos; exemplo: Oeste selvagem da América, Napoleão, Kennedy, Princesa Diana, Marccola, Fernandinho Beira Mar....

Mito é qualquer tentativa sistemática para explicar ou apropriar-se da realidade; daí, então, que qualquer sistema de crenças – e a Maçonaria tem um credo muito forte – pode ser considerado MITO; toda história é uma forma de mito, cristandade é mito, darwinismo é outro, Psicologia é mito, teoria atômica, o edifício da Alta Ciência Moderna etc...., e todos tentam explicar a realidade circunstante.

Por meio de Mitos o humano busca compreender, não só o passado, bem como formatar e construir o presente, e pavimentar a via que leva ao futuro.

Tem-se que cultivar o Mito; ele frequentemente suplantarão seu próprio protótipo. Tiradentes vive mais intensamente na consciência dos brasileiros do que vivia na memória e na compaixão dos mineiros e fluminenses do século 18. A imagem de Getúlio ou JK *faz*

sombras sobre cada um deles de per si, em 1950 ou 1960, respectivamente.

5. O Imperativo Noético

Educação é a transmissão da civilização.
WILL DURANT; filósofo americano; 96 em 1981

(a) Medieval

- **Mito da Criação:** Ptolomeu (aprox... 150 d.C.) apresentou a criação geocêntrica, com estrelas e planetas embutidos, circumambulando na esfera celestial; esse modelo do universo foi a resposta à questão Onde estou?
- **Mito da Origem:** na realidade ptolomaica, humanos eram anjos decaídos e tentavam encontrar o caminho de volta para o céu; isso explicava a pertença humana, ao responder a questão **O que sou?**; e
- **Mito do Herói:** a vitória do herói torna perene o aniquilamento do dragão da tentação e do mal; o motor do indivíduo era a contenção entre o caminho de *subida aos céus*, estreito e limitado, versus o caminho de *descida aos infernos*, desvairadamente salpicado com sexo, bebidas e desfrutes desenfreados. Essa é a resposta à questão **Quem sou?**, que define identidade pessoal e o caminho para equacionar a individualidade.

(b) Do ontem (Copernicano)

- Mito da **Criação do ontem**: a mais recente criação foi formulada originalmente por Copérnico, Galileu e Newton; a resposta de **Onde estou?** é um universo físico que se estende ao infinito, sem inferno nem céu. Nova e íntegra realidade chegou para governar a percepção humana do mapa do céu de Copérnico, do telescópio de Galileu e das leis matemáticas de Newton. O novo ícone para Criação foi o relógio, mecanicista, cheio de entropia e sem qualquer significado da *quinta essência*.

As novas ideias triunfaram porque levaram 150 anos para chegar à instrumentação de Galileu (e, não, por serem científicas). Até, então, a razão pendia para o lado da Igreja.

- Mito da **origem, de ontem**: para responder à questão **O que sou?**, o mito mais recente, de origem, veio de William Smith, Charles Darwin e Karl Marx, que legaram nova história da humanidade; e
- Mito do **Herói, de ontem**: o mito do herói mais recente chegou da psicologia, com a resposta de Freud à questão **Quem sou?**; o novo dínamo foi o sexo. Rambo e James Bond, exemplos de poder sobre pessoas e natureza, são os heróis contemporâneos, plenos de *sex-appeals*.
- No imperativo noético **de ontem** *o científico substitui a palavra de Deus*, do imperativo medieval, como definitiva, justificada e racionalizada existência humana. O absolutismo científico exclui qualquer dado estranho do seu associado imperativo noético, no qual humanos não têm classes em uma realidade à base do relógio... *até chegar a física quântica*.

(c) Do amanhã (Emergente):

- Mito da **Criação, do amanhã**: como descrito por premiados do Nobel, a física quântica troca o uni-verso por um multi-verso (universos em paralelo); o *continuum* espaço-tempo (como é conhecido agora!), é um conjunto de frequências (embora só se assista um canal de cada vez). O fenômeno quântico muda tanto o cenário da criação, e tão radicalmente, que torna obsoleto o imperativo copernicano;
- Mito de **origem, do amanhã**:
 - cooperação, e não competição, permite evolução;
 - retidão, no senso de justiça, ultrapassa o instinto animal do auto interesse;
 - humanos são sistemas *abertos* segundo Daniel Goleman;
 - campos invisíveis agem no funcionamento e expressão das células;
- Mito do **Herói, do amanhã**: Teilhard de Chardin olhou a evolução física do corpo como resultante da melhoria da organização em função invisível ou psíquica: é a Complexificação. A ciência de como o cérebro muda sua estrutura e funções em resposta a um insumo, o fenômeno da neuroplasticidade, segue a hipótese da Etologia em que a forma segue a função. O estudo da forma é a morfologia, e seu desenvolvimento resulta de um organismo em busca de funções mais altas... e não de algo ao redor...

4.

Situação atual

*Não vemos as coisas como são;
nós as vemos como nós somos.*
ANALIS NIN; 74, em 1977

1. Generalidades

*E amanhã não seremos mais o que fomos,
nem o que somos.*
OVIDIO, poeta latino, 61, em 18

O ciclo da Era Moderna, que é oriundo de corte no século XV – entre a era feudal e o Renascimento –, pós-modernismo subjacente, está em franco declínio mercê da ruptura noética, desde os anos 20's, culminando com a Queda do Muro de Berlim, que o pensamento complexo e a complexificação têm acarretado no estágio civilizatório atual.

Enquanto vigoraram modernismo e pós-modernismo, com Nietzsche, Bohr (da teoria quântica), e mais as desconstruções havidas, e ações de pragmatistas e neopragmatistas, a humanidade testemunhou mudanças radicais nas ciências, nas religiões e na filosofia.

NOTA: Vale dizer que, presentemente, a Filosofia está apartada e gerando diálogos suculentos, apenas, entre professores e luminares da área acadêmica, que pouco se envolvem com os

problemas do mundo (vai nesses termos para evitar o lodaçal da fronteira política, nos meandros brasileiros). A Universidade orienta-se, cada vez mais, às máquinas, à Lógica, aos jogos matemáticos e estocásticos.

A Filosofia, praticamente, está *desaparecendo* do Ensino Médio; o próprio Aristóteles, perguntado sobre a utilidade da Filosofia, acabou concordando que ela não serve para nada porque *não é servil*. Com isso ele deixou delineada a expressão máxima da condução e orientação do pensamento humano e suas consequências na vida.

A ordem logicamente instituída pelo pós-modernismo, dissensão do modernismo e sua tirania da objetividade e da razão, eliminou o sagrado e eclipsou o encantamento dos fados e fardos dos fatos da vida. Pouca coisa tem valor além do próprio ego das pessoas, que se julgam os melhores sujeitos, mas sem projetos. Tudo é objeto, ou *gadgets*, para comprar, possuir, exhibir, consumir.

Os sistemas simples e o pensamento cartesiano – o que significa dizer pensamento racionalista, analítico, mecanicista e determinista, com ênfase no cérebro esquerdo – estão fora (ou saindo) do centro do cenário humano.

Analitismo e Reduccionismo, bases do método científico, que se aplicou a todos os ramos da atividade acadêmica, têm fracassado à larga. A célula viva, por exemplo, não comporta reduccionismo dado que não se reduz à soma dos seus átomos e elementos. A poesia é maior, bem maior, que a simples concatenação das letras, palavras, métricas e rimas.

O termo *noosfera*, palavra criada por Pierre Teilhard de Chardin (74, em 1955), jesuíta francês, filósofo, místico, grande pensador do evolucionismo cósmico, opositor ao dogmatismo da Igreja Católica de que fez parte ao longo de toda a sua existência, foi definida assim:

Noosfera, ou esfera pensante, superposta coextensivamente [...] à sociosfera e à biosfera.

É simplesmente notável e ou paradoxal, que a mística de Teilhard de Chardin, um padre jesuíta, tenha lançado parâmetros tão indissolúveis para a mudança radical do paradigma da consciência evolucionista. Ele assume a incerteza e a impermanência; nutre-se do desconhecido e do mistério; abraça o risco e a insegurança da aventura da vida verdadeira; enfim, apesar de todo o desconhecimento ele prefere a vida real...

A noosfera, embora camada abstrata, enxertada na sociosfera, é distinta dela. A noosfera é conjunto de redes de ideias e conhecimentos que nutrem os processos de criação, transformação etc.... É o mundo das ideias.

Vale dizer que a noosfera, camada que *cobre a Terra* com conhecimento e espírito, tem vicejado graças ao vertiginoso e profundo avanço da tecnologia de informação e comunicação, das redes (*www-world wide web – teia do tamanho do mundo*), associado ao surgimento da teoria da complexidade e da nova cosmologia (evolução cósmica).

Esse florescimento tem fomentado a ruptura, verdadeira revolução, com a Era Moderna e com a sociedade industrial, permitindo a passagem para a sociedade do conhecimento, do

espírito e para a Era Noética, com a superação de toda essa modernidade e seus *monstros* avassaladores e com fontes de abastecimento dadas pelas teorias do Evolucionismo e da Complexificação, motor da evolução cósmica.

Vale acrescentar que um brado de alerta alcançou o mundo todo, poder que a música e arte têm, por meio da banda Pink Floyd (1960's), britânica e psicodélica, com **Another Brick in the Wall**. Nada, e nada mesmo, pode ser tornado simples e desintegrado *em tijolinhos* pois o mistério da vida reside na complexidade; isto é ironicamente trivial de se compreender e o reducionismo cartesiano NÃO EXISTE.

A célula não é soma linear e cartesiana de átomos e elementos e, como o todo NUNCA poderá ser explicado ou intuído pela soma das partes, o desmoronado método cartesiano, com todo o pensamento cientificista, positivista, racionalista, materialista, e laico, apogeu da modernidade e da pós-modernidade, está em franco declínio... A vida é por demais Complexificada!!

2. Sinergia

*Se você faz o que sempre fez, conseguirá
o que sempre conseguiu...*

Programação Neurolinguística

Sinergia significa que o comportamento da totalidade dos sistemas, e isso vale para o ser humano, não pode ser prognosticado com base no comportamento de suas partes

componentes, em separado. O todo, e aí reside a complexidade crescente, será sempre maior do que a simples soma dessas partes.

Os humanos, segundo Goethe, trazem, dentro de si, não só sua individualidade e personalidade, mas, insolitamente, a humanidade inteira com todas as possibilidades inerentes. O Universo e a vida são sinérgicos.

Paralelo ao pensamento lógico está o pensamento analógico ou pensamento simbólico, metafórico ou esotérico, sediado do lado direito do cérebro, estrutural, superior e baseado na arquitetura das interconexões entre símbolos ligados em redes de noemas. O pensamento simbólico é transracional.

{**NOTA:** *Noema* é a entidade noética de conhecimento autônomo; e *Noética* refere-se ao estudo e ao desenvolvimento de todas as formas e dinâmicas do conhecimento e da criação (criatividade)}.

A revolução noética, também, tem sido responsável por boas e substantivas transformações na vida das pessoas, como a seguir:

- a pluralidade cultural, sua diversidade, vence a uniformidade do pensamento único e do comportamento padronizado da sociosfera;
- as regras planetárias do bom viver rejeitam assistencialismo e dependências sociais, típicas do atraso criminoso, bastante mal-intencionados;
- a acumulação de talentos (criatividade e conhecimentos especializados) vencem facilmente os patrimônios materiais e os ativos financeiros acumulados;

- a humanidade vai se libertando, cada vez mais, da estatização, do capitalismo estatal (predador) e do racionalismo (inconsequente) dos déspotas;

- globalização, inovação, qualidade, desconstrução, osmose das raças, mobilidade internacional, desregulamentação, demassificação, desmaterialização entre outros, são poderosos motores que agem em tudo, por toda parte, deflagrando mudanças e novos paradigmas;

- a sutil conspiração e mais valia informacional das redes geram tal economia da gratuidade e do compartilhamento que deixam bem para trás a ridícula economia capitalista da especulação e da raridade;

- o político e o econômico, portanto, quando há governo decente, deixam o palco e dirigem-se para uma atividade auxiliar de fomentar o apoio logístico geral; o econômico deve garantir o bem-estar dos nacionais e o político, pelas leis, a paz (que é a segurança pública, indivisível, no espaço urbano).

A sociosfera, camada imaterial de cultura e relações sociais que envolve o planeta Terra, presentemente, determina processos com crescimento sinérgico em que o todo é sempre maior que a soma das partes. Mais foco sociológico no *anexo II*.

É o caso, por analogia, do *marshmallow* que nunca mais poderá ser decomposto na clara do ovo, na calda do açúcar quente e outros ingredientes (*desmaterializados*), dado que passou pelo *processo* demorado da batedeira. O resultado óbvio e final, são propriedades emergentes do processo, que dão sabor delicioso, irresistível e

particular, e nutrientes que superam, de longe, a simples soma/junção dos ingredientes iniciais.

Quanto mais complexo o sistema, mais prevalecem, nas suas propriedades emergentes, sua *pregnância* (forma e estabilidade da percepção) e o quantitativo de ingredientes. À medida que a complexidade aumenta, o todo vai superando, cada vez mais, a simples soma das partes.

3. A Noética como ciência

*É impossível alguém começar a aprender
quando ele acha que já sabe.*

EPÍTETO, filósofo grego.

A noética moderna teve Charles Darwin como precursor, com estudos da evolução das espécies sob perspectiva global e técnica; mas, cumpre citar, foi primeiro definida pelo psicólogo norte-americano William James, ao enunciar que ela descreve

estados de insight em verdades profundas inalcançadas pelo intelecto discursivo. Esses insights seriam revelações e iluminações cheias de significado, mas todas inarticuladas; como regra, elas trazem consigo um curioso senso de autoridade.

Outras contribuições foram as descobertas da Física a respeito da natureza última da matéria, que levaram Niels Bohr a dizer que, em se tratando do comportamento do átomo, só se pode usar a linguagem de forma poética, e resultaram na formulação da Mecânica Quântica por vários cientistas, e da Teoria da Relatividade

por Albert Einstein, desconstruindo a concepção mecanicista do universo estabelecida por Isaac Newton e seus antecessores.

É lúcido e lícito assinalar que Einstein – um dos principais fundadores da Gnose de Princeton, e considerado *homem número 5* (ou 6!) na escala de G. I. Gurjieff (aprimorada por seu discípulo P. D. Ouspensky) – observou que

a maior experiência que se pode ter é a do misterioso, que é a fonte de toda a beleza e do insight verdadeiros,

e que Bohr foi aparentemente inspirado pela pintura cubista e sua visão múltipla do espaço. Outros cientistas como Robert Oppenheimer, Wilhelm Reich e Thomas Edison, foram influenciados pelos escritos teosóficos de Helena Blavatsky.

Aliás, a Teosofia teve papel de forte destaque, no desenvolvimento da noética, ao traçar painel comparativo entre as várias religiões do mundo, antigas e modernas, aos milhares, aproximando o oriente do ocidente, e demonstrando que muito da filosofia e religião antigas tinham bases científicas e antecipavam descobertas da ciência moderna ocidental. Fermi, também, na Física Atômica, visitava sempre que possível, e apoiou-se nas ideias cósmicas do seu amigo Pietro Ubaldi (espiritualista que veio morar na Baixada Santista, Brasil), propagador do monismo na sua vasta obra, com ênfase no livro *A Grande Síntese*.

Teilhard de Chardin, ao descrever a evolução da vida, cunhou o termo noosfera, a esfera do pensamento e do espírito humano, como nível abstrato formado pelo conhecimento autônomo e organizado em rede de conexões quase infinitas, boa previsão do fenômeno da Internet e da noética contemporânea. Novos dados para a

estruturação da noética vieram do filósofo Henri Bergson, líder da escola intuicionista, que atribui à intuição papel superior na aquisição de verdadeiro conhecimento.

Bergson, assimilou a distinção entre humanidade religiosa e não religiosa, com base na percepção do *tempo*, de Elíade, e formulou conhecida análise das filosofias do *continuum espaço-tempo*.

A Complexificação, ou escalada da Complexidade, não apresenta espectro contínuo: vai se elevando aos saltos e patamares. A cada degrau ou estágio, ocorre um efeito limítrofe que tem de ser ultrapassado para atingir-se a camada seguinte.

A cada grau os sistemas resultantes vão ficando cada vez mais autônomos, imprevisíveis e gerando mais informações (são mais *espiritualizados* ou *desmaterializados*).

A escala cósmica da complexidade é dada por *energia*, *matéria*, *vida* e *espírito*, cada qual com dois graus: o que gera *novos objetos*, da força da individuação; e o que leva esses *objetos* para associá-los a estruturas mais complexas, resultantes da força da integração. Os graus são:

- **energia**; *fotosfera*: o grau da energia pura e o da vibrante;
- **matéria**: *nanosfera*, grau dos átomos e moléculas; e *litosfera*, dos agregados cristalinos e viscosos;
- vivos (da **vida**): *biosfera*, grau dos vegetais, animais e hominais; e *sociosfera*, das associações sociais, homogêneas ou heterogêneas entre si;
- pensantes (**espírito**): *noosfera*, o grau das ideias; e *gnosiosfera*, das associações ideais.

Ao passar da biosfera para a noosfera a humanidade tem de experimentar esse salto, com altos níveis de complexidade. Desta forma, na escala cósmica, a complexificação evolui e acarreta novos saltos. A fase **matéria** iniciou-se há quase 5 bilhões de anos; a fase **vida**, da vida animal e hominal, data dos últimos 300 milhões de anos. A fase do **pensamento organizado**, atual, tem mais ou menos, apenas 10 a 12 mil anos...

A vida, na conformação hodierna, é menos material e mais informacional. O Conhecimento e o Pensamento são quase totalmente desmaterializados e sem inércia...

A noética é disciplina científica e não possui, até o momento, estrutura ou corpo de conceitos básicos solidamente definidos; embora sua abordagem integradora e multirreferenciada já esteja em uso por inúmeros pesquisadores treinados na ciência convencional, e que não se autodefinem como *noéticos*, e enfrenta resistência de setores conservadores, mas tem crescido rápido por contemplar, simultaneamente, multiplicidade de pontos de vista.

Seu desenvolvimento acelerado resulta de grandes avanços na *tecnologia da informação* – TI, que, ao tornar imperativa a reestruturação das formas de armazenamento e distribuição de informação, acarretou profunda reflexão sobre a natureza, estrutura e procedimentos do próprio conhecimento em geral.

Na atualidade, investigando a fronteira entre a físico-química e a biologia, detetou-se a espantosa densidade e estabilidade da molécula de DNA, capaz de armazenar em apenas um grama de matéria molecular, conteúdo análogo ao *queimado* em centenas de bilhões de DVDs.

Há pesquisadores mais ousados que creem na possibilidade de civilizações avançadas, dadas as características físicas da molécula do DNA, de ínfima quantidade de massa, estabilidade para durar séculos e atingir anos-luz de distância, tal como a romanesca *mensagem na garrafa* (jogada no oceano), lancem mensagens *de contato* gravadas nessas moléculas. Os humanos já fizemos isso com um disco de ouro...

Recentemente, a noética ganhou destaque especial ao ser colocada como um dos temas principais do *best-seller* *O Símbolo Perdido*, de Dan Brown, que vendeu um milhão de cópias já no dia do lançamento. Desde então, o sítio do Instituto de Ciências Noéticas (IONS, da sigla em inglês) registrou aumento de 1200% no número de acessos, e o número de associados cresceu 300% comparado ao mesmo período do ano anterior. Como observou João Queiroz,

Há explosão sem precedentes de estudos sobre consciência. Pesquisadores de muitas áreas — Computação, Etologia, Física e Matemática, Antropologia, Psicologia, Ciências e Neurociências Cognitivas, Filosofia, Linguística, etc. — organizam simpósios, periódicos, volumes e antologias, sites e cursos sobre o tema. Este parece, entretanto, ser o objeto de convergência pluri e interdisciplinar que mais produz divergência na recente História das Ciências. Multiplicam-se questões sobre definições e demarcações conceituais e terminológicas, sobre teorias, métodos, modelos, protocolos de investigação. Divergem, num mesmo departamento, visões gerais sobre problemas básicos: como definir consciência?.

Colin Allen corroborou essa impressão dizendo que

a despeito da recente invasão de trabalhos filosóficos e neuropsicológicos sobre a consciência, permanece muito confusa sua noção, incluindo, mesmo, se há tão somente uma única noção.

Para Anthony Atkinson,

o conceito de consciência é notoriamente difícil de definir (...) porque se refere a um fenômeno heterodóxo.

É oportuno lembrar que a Maçonaria, no primeiro momento – o do Caos –, é a necessidade da Consciência; e, no momento seguinte, o do Ordenamento do Caos, é a própria Consciência das necessidades....

4. Eventos focais

Fé é a ousadia do Espírito de ir além do que se pode ver.
Anônimo

Cada vez mais as pessoas se interessam por temas referentes à *cura pela fé*, ao poder da oração, ao papel do potencial mental no desaparecimento de doenças como o câncer, em experiências pós-morte, nas quais alguns enfermos atravessam o espaço que conduz a outra dimensão e retornam à vida, entre outras apaixonantes e intrigantes questões.

A **Noética** é ramo novo da Ciência que pretende, através do método teórico-experimental, descobrir as respostas para várias destas indagações milenares; ela busca inclusive, por meio de inúmeras experiências científicas, comprovar a existência da alma e da vida depois da morte (metempsicose). Visando a esse fim, diversas práticas experimentais procuram mensurar a relação mútua entre Consciência e corpo físico.

Essas pesquisas indicam que a mente não está restrita ao campo cerebral, ela transcende a matéria orgânica e se expande em outras

direções. Por quais dimensões ela caminha ainda não é possível precisar, dado que a glândula pineal ainda é alvo de investigações aprofundadas e repletas de incógnitas.

O século 21 tem testemunhado expansão inominada do papel e da dimensão exata da pineal, para além de secretar *melatonina*. Ela é uma espécie de terceiro olho e tem características de olho. *Decodifica* a luz e qualquer outra radiação eletromagnética ao redor das pessoas.

Presume-se que ela faça o mapeamento de todas essas radiações entre a Mente e a Alma, entidades abstratas, pouco conhecidas. Em síntese, a epífise (ou pineal) é o transdutor da matéria em espírito e vice-versa.

Aliás, não dá para ignorar, neste texto, o poderoso manancial e maravilhoso papel que essa pequenina glândula, a ***pineal***, capaz de desvendar o todo espiritual que o toque do Criador mapeou, com pleno domínio, na *interação entre alma e corpo*; essa quase imperceptível glândula, de forma própria, reúne funções insólitas tais como ***domínio do continuum espaço-tempo***, decifra fenômenos neuroelétricos e neuromagnéticos, conjumina percepções duplas (2 ouvidos, 2 olhos...), ***traduz a luz e a marcha do tempo*** (única glândula com esta capacidade funcional) sob forma de intelecção com a matéria e inúmeras outras.

A ciência noética, robusta e integral, abrange *matéria, alma (mente) e espírito*, e deve contemplar, com ênfase experimental, fenômenos dublês para o ***objetivo*** – terceira pessoa, exterior, exotérico, de viés quantitativo, científico; e ***subjetivo*** – primeira pessoa, interior, esotérico, de viés qualitativo e metodológico para valores e espírito.

O ponto de chegada do processo evolucionário, que atinge os domínios da religião, ciência, política e cultura, é o despertar, liberar e promover a *iluminação* da espécie humana; isto é, o previsível e aguardado nascimento de novas e brilhantes espécies.

A ciência noética, então, com integridade tipificada pelo seu foco monolítico, demanda dialética cognitiva permanente de ambas: da razão objetiva e da percepção direta e subjetiva da sabedoria, com as aprofundadas reflexões peculiares.

Os termos *noese* e *noético*, nunca é demais repetir, derivam como já referido, da palavra grega *nous*, com o sentido de mente, inteligência ou modalidades intuitivas do saber. A noética é fruto da interação entre diversas disciplinas, as quais investigam em conjunto as esferas da ciência, da saúde, da relação entre a mente e o corpo material, a psicologia transpessoal, integral e convencional, a arte, as terapias consideradas holísticas, que estudam o Humano em sua totalidade, as ciências sociais e a espiritualidade.

Entre os objetivos da ciência noética estão:

- Estabelecer validação para os fenômenos subjetivos da mente através do uso de instrumental e de método científico;
- Estabelecer corpo interdisciplinar de conhecimento verificável e acessível ao público, e evitar sua degenerescência em formas de cultismo ou ocultismo sob o domínio de seitas, religiões institucionalizadas ou outros grupos dogmáticos e exclusivos;
- Dissolver a antiga oposição ciência-fé evidenciando seus pontos de identidade e a semelhança da sua busca para explicação do mundo e da vida humana, ainda que ambas

usem métodos diversos e tenham pressupostos também distintos;

- Criar nova e mais abrangente teoria da Consciência;
- Expandir a visão de como o mundo objetivo e os fenômenos subjetivos se interrelacionam;
- Enfatizar as implicações eminentemente humanas na pesquisa científica tradicional;
- Pesquisar a hipótese de que nenhuma ciência pode ser realizada ou validada desconsiderando-se a influência da Consciência que a dirige;
- Estudar fenômenos ditos paranormais;
- Determinar a verdade verificável nas tradições do folclore e da religião dos vários países do mundo.

Com o desiderato exposto acima, incorpora a contribuição de estudos interdisciplinares da mente, da consciência e de diversos modos de conhecimento, com foco especial na ciência, saúde, psicossomática, psicologia, artes, ciências da cura e terapias holísticas, ciências sociais e espiritualidade.

5. Prática da Alma em três etapas

*A Alma tem ilusões, assim como os pássaros têm asas:
isto é o que a sustenta.*

VICTOR HUGO; francês, 83 em 1885

Tudo é colocado (no planeta) para o ser vivo: *nós*.

O único caminho que existe, diz o Chefe Iroquês Leon Shenandoah, é o caminho para o Criador (ou caminho da Alma).

Os profetas de Deus, os místicos e sábios foram todos iluminados; este caminho citado é onde opostos se encontram e se fundem. Eles têm destacado padrão sagrado projetado para trazer transformações em nossas vidas que pode nos levar ao nosso destino, *em três (3) passos*.

NOTA: Estudos insuspeitos na nação Iroquesa, por jesuítas, comprovam que indígena tem religião... e das boas!

– O ***primeiro passo*** é lembrar quem somos, o que nosso potencial é, e onde o nosso destino se encontra. Isto leva ao conhecimento da vida como viagem eterna. As questões importantes para este estágio são: Quem sou eu em minha essência? Qual é a minha natureza essencial? O que estou fazendo aqui? Para onde vou? Como posso cumprir o meu potencial interior? Como posso realizar o meu propósito nesta terra?

– Estas são questões complexas, mas logo descobre-se que as respostas estão disponíveis, como parte da herança espiritual dos mitos do mundo, rituais, religiões e tradições místicas. À medida que se despertar para a realidade eterna, experimenta-se o desejo de mergulhar nela, tanto quanto possível. Lembrando que a própria experiência espelha a vida dos profetas, isso nos move ao longo do *continuum* de familiaridade com os arquétipos universais que todos, também, compartilhamos.

– O ***segundo passo*** é a revisão da própria experiência de vida, no contexto do padrão intemporal, que compõe o arquétipo da transformação. Isto é, quando integradas experiência de

transformação com a compreensão consciente, do seu significado e propósito para a vida, e transpor os motivos mais importantes e arquétipos da vida para esse padrão, transforma-se, assim, o pessoal em universal.

– O padrão faz reconhecer repetição da dialética básica, de crise, seguida de vitória, ou confusão seguida de resolução. O objetivo é tornar-se consciente de toda a experiência de transformação, de modo que o fluxo contínuo de opostos na vida **não** subjuguem o indivíduo e, assim, a tensão é vista como aspecto natural e necessário da existência.

– O *terceiro passo* na *tomada da alma* é para recuperar a vida espiritual pessoal da herança espiritual comum. Esta ligação às raízes espirituais coletivas estabelece caminho certo para alcançar-se o potencial e a ajuda para a renovação coletiva. Como abraçamos e cultivamos a própria natureza espiritual inata e compartilhada entre humanos, deve-se começar conscientemente a integrar padrões atemporais na vida diária, que leva cada vez mais perto da pessoa que conhecemos no fundo do coração; é o um com todos.

Essas três etapas podem muito bem ser experimentadas como narrativa notável de opostos pela tristeza e alegria, realizações e recuos, lutas e triunfos, começos e fins, buscando e encontrando, desamparo e ajuda, retirada e renovação, a dúvida e a certeza, ilusão e verdade, tirania e justiça, matéria e espírito, tudo acaba e, inevitavelmente, misturando fluxo contínuo e fluxo de unidade e solidariedade, com elementos de fusão para destacar uma história poderosa e significativa.

6. Espiritualidade

(a) As três dimensões (logoterápicas) do humano

*Frequentemente a pessoa sente prazer em emitir opinião
e sem o desprazer de pensar sobre o assunto.*

JOHN F. KENNEDY, político

A imagem do homem apresentada pela Logoterapia de Viktor Frankl é imagem *tridimensional*. Assim como qualquer corpo físico apresenta as três dimensões do espaço – comprimento, largura e altura –, assim também ocorre com o ser humano: ele possui as dimensões somática, psíquica e espiritual, que se interpenetram mutuamente de forma perfeita.

A dimensão *somática* do homem envolve todos os fenômenos corporais: os fenômenos orgânicos das células, as funções biológicas e fisiológicas, com seus respectivos processos químicos e físicos.

A dimensão *psíquica* é a esfera das sensações, dos estados de ânimo, dos sentimentos instintivos, dos instintos, desejos, afetos. A estes se acrescentam os dotes intelectuais do homem, os padrões de comportamento adquiridos, as marcas provenientes da sociedade. Em suma, cognições e emoções.

Sobrará ainda alguma coisa para o plano *espiritual*? Sobra, sim, muito, infinitamente muito. Sobra aquilo que constitui o *primordialmente humano*: o gesto de tomar posição livremente perante a condição corporal e sentimentos; as decisões autônomas da vontade, o interesse objetivo e artístico, a criação estética, a religiosidade, o sentimento ético (a *Consciência*), a apreensão dos

valores, o amor. Todas essas coisas se localizam na espiritualidade do homem.

(b) Espírito incorporado

Sim, a Espiritualidade incorporou-se às necessidades humanas, adensou características e conhecimentos certificados, com epistemologia talhada em centros universitários de investigação, assimiladas para funções públicas no concerto das nações.

É o caso da Organização Mundial da Saúde, organismo internacional vinculado à ONU, que tira proveito das pesquisas acadêmicas para sistematizar evidências empíricas sobre relações entre religiosidade, Espiritualidade e personalidade, seus efeitos na saúde como Sexto Fator, independente, de conformidade com o Modelo de Cinco Fatores, que classifica as doenças da personalidade humana.

O Modelo de Cinco Fatores, cujo *pai intelectual* é Cattell (Raymond Bernard, inglês, psicólogo, pesquisador; 92 em 1998), apresenta os fatores seguintes:

- (1)
) **Extroversão**, fator associado à sociabilidade, vitalidade, atividades, assertividade, busca de sensações e dominância;
- (2)
) **Neuroticismo**, fator ligado à ansiedade, depressão, sentimento de culpa, baixa autoestima, tensão, irracionalidade, timidez, tristeza e emotividade;
- (3)
) **Abertura à Experiências**, associada à flexibilidade do pensamento, à fantasia e à imaginação, à abertura para novas experiências e interesses culturais;
- (4)
) **Conscienciosidade**, referida e aferida em relação ao senso de contenção, ao sentido prático, à responsabilidade, ao zelo, à

disciplina, à honestidade, à engenhosidade, à cautela, à organização e à persistência; e

⁽⁵⁾
) **Amabilidade**, dos comportamentos e atitudes pró-sociais, altruísmo, generosidade e lealdade.

Tal modelo, já incorporado antes do sexto fator, com fatores e características bem entranhados na doutrina maçônica, serviram de paradigma e base metodológica, nos últimos vinte anos, para a caracterização do Sexto fator.

A partir desses estudos a OMS/ONU introduziu, no contexto, o sexto domínio religiosidade, espiritualidade e crenças pessoais, no instrumento básico de avaliação da Qualidade de Vida, **WHOQOL** (sigla em inglês que traduz *Qualidade de Vida na OMS*).

Pesquisas mais recentes indicam que *meditação regular* exerce influência benéfica na vida afetiva e na saúde, reduzindo estresse, ansiedade e depressão, enquanto incrementa graus de satisfação nas parcerias e relacionamentos e no autocontrole.

Outra linha correlata de estudos prova que a ativação do condão espiritual estimula, no indivíduo, o lado social, ainda que com estranhos e estrangeiros, reduz o egoísmo, aumenta a integridade do tecido social-comunitário e redundando em substantivo aumento da atuação caritativa. Em síntese, dá margem para deduzir-se que Espiritualidade é dimensão fortemente importante no funcionamento mental do indivíduo, ao fomentar expansão cognitiva e balizar ações consistentes.

Os estudos comprovam que Espiritualidade não se identifica totalmente com religião (que traz embutida o *germe da separatividade*, mercê da existência de milhares de *bandeiras possessivas*); e que a psicologia ainda não ofereceu definição direta, objetiva e escoreita

de Espiritualidade. Pois bem, existe essa lacuna epistemológica na escolha e conquista do *conceito fundamental* de Espiritualidade e da correlata definição operativa, por decorrência.

A dimensão noética tem plena identidade com a dimensão espiritual. A Maçonaria, por sua vez, cuja *bandeira, nada possessiva*, é a prevalência absoluta do Espírito sobre a matéria, está cabalmente fora da antropologia religiosa e cultiva postura laica secular, com adeptos fraternos e harmônicos entre si, a despeito dos milhares de religiões e centenas de nações que abrange.

Qualquer que seja a cultura humana, no aspecto sociológico das centenas de nações deste planetinha, a sociosfera associada apresenta duas nítidas dimensões, quais sejam: a da *proximidade ou semelhança* (de clivagem horizontal) e a do *status* (ou estado; de clivagem vertical). A Espiritualidade é a terceira dimensão.

(c) Metáfora da Terra Plana

Para ilustrar o cenário das duas clivagens tem-se a metáfora do mundo achatado, bidimensional, no qual os habitantes, todos eles, possuem somente comprimento e largura, isto é, são figuras geométricas planas. O líder é um quadrado.

Um belo dia o quadrado é visitado pelo líder de outro mundo: um mundo tridimensional (espacial): era uma esfera (bola). Obviamente, o que os habitantes do mundo plano via, incluindo o quadrado, era, unicamente, um círculo, que é o que estava no plano!

O quadrado quando se deparou com a realidade impressionante, dado que o círculo **encolhia** (*a esfera subia um pouco*), **crescia** (*quando a esfera afundava no plano*), **desaparecia** (*a esfera deixava o plano*) e **aparecia** (*reentrava no plano*), misteriosamente, em outro local do

plano, conforme os movimentos da esfera. O quadrado ficava perplexo e não entendia nada.

Bem que a esfera tentou explicar o conceito de terceira dimensão ao quadrado bidimensional, mas o líder local, de fato, e genuinamente, continuava sem compreender patavinas! O quadrado não concebia algo ou alguém que exibisse (como??) altura ou espessura, inconcebível, para além da largura e do comprimento.

Os doutrinadores que favorecem a *dimensão espiritual* clamam que, simplesmente, a mente humana **percebe** divindade e o estado sagrado, com ou sem a existência de Deus!

Ações e pensamentos levam o humano a transitar no eixo vertical do divino, para cima (entre anjos) ou para baixo (com animais). O sagrado, senso universal nos humanos segundo Mircea Elíade (79 em 1986; cientista de religiões, romeno e naturalizado americano em 1970; é um dos mais influentes filósofos de religião da contemporaneidade), é **percebido** até por ateus quando se deparam com o belo *natural* ou com o amor.

Elíade encontrou proximidades entre diferentes culturas e momentos históricos ao elaborar abrangente visão comparada das religiões. Colocou o **sagrado** no núcleo da *experiência religiosa* humana; a partir daí estudou *mitos, sonhos, visões, místicas e misticismos, e o êxtase*. Suas análises permitiram a definição de manifestação do **transcendente** em um objeto ou um fenômeno do cosmo.

Maslow (psicólogo judeu-americano; 62 em 1970) prega que tal sentimento de sacralidade é sensação de Unidade com o mundo circunstante, pleno de euforia, amor e gratidão, o que fomenta o senso de infinitude no tempo e de propensão à supracultura na

mente. Para ultrapassar sua própria teoria (das *Necessidades Humanas*), buscou a espiritualidade e a transcendência, e incorporou aspectos da transcendentalidade e da psicologia Transpessoal, segundo Jung.

Os cinco degraus da escala de Maslow são, na sequência natural: *fome, sexo, poder, autoconhecimento e Espiritualidade*. Ele sugere o sexto degrau como a *Unificação com o Todo* e deixar a Centelha Divina assumir o controle.

(d) WHOQOL

Pesquisadores de áreas variadas convergem na formulação de que Espiritualidade e religião apresentam potencial crescente para a investigação em personalidade.

Medidas criteriosas concluíram que os cinco domínios, do Modelo de Cinco Fatores, explicam menos do que 5% da variedade, na qualidade da relação com Deus de uma pessoa. Já com o domínio religiosidade-espiritualidade esse índice alcança 35%. As experimentações ultrapassam os limites dos Cinco Fatores, no entendimento abrangente dos traços de personalidade.

Na procura do caminho e do método de avaliações da transcendência espiritual e suas possibilidades como sexto domínio, em relação à personalidade (Ralph Piedmont, pós doutor em psicologia, 1990, validou essa escala de transcendência, com amostras de diferentes culturas e religiões), os investigadores cumpriram os quesitos e requisitos do Modelo de Cinco Fatores e chegou à determinação de cinco dimensões robustas da Espiritualidade, a saber:

(1). **Orientação Cognitiva** para incluir atitudes, crenças e percepções sobre a natureza e a importância da Espiritualidade;

(2). **Dimensão experiencial e fenomenológica**, incluindo experimentações espiritualistas, religiosas, místicas, transcendentais e transpessoais;

(3). **Bem-estar existencial**, com sensação de sentido e propósito para a vida (existência) e percepção de si mesmo como indivíduo competente (bastante e suficiente) para lidar com dificuldades e limitações da vida;

(4). **Crenças paranormais**, em precognição, psicocinese, fantasmas, aparições e fenômenos mediúnicos; e

(5). **Religiosidade**, como expressão de Espiritualidade pela via dos significados e símbolos.

Para além da confirmação, por organismos tradicionais de atuação mundial, os longos anos de estudos e experimentações, do papel que religiosidade e espiritualidade exercem na personalidade e no coletivo da espécie humana, há que se contabilizar, de modo positivo, os inúmeros conceitos, definições e sentidos, úteis aos humanos, sobre a **Transcendência Espiritual**; eis alguns destaques interessantes:

I. Paralelo com postulados maçônicos:

- ser livre (autônomo);
- conectividade com a raça humana (somos todos UM);
- universalidade de crenças (Deus único e paternal);
- alegria nos encontros e realidade transcendente (sessões regulares);
- rezar (a ritualística maçônica é **uma única oração**, do cortejo ao encerramento, onde todos comungam e participam da liturgia);
- expressão de Espiritualidade por meio de Símbolos;

II. Autotranscendência:

- sensação de fazer parte do Universo e da Espiritualidade;
- Deus é imanente e está em tudo;
- incompatível com comportamentos materialistas, com pouca ou nenhuma preocupação com ideias como bondade, harmonia e beleza;
- seguir os cinco estágios principais: (a) esquecer um pouco de si; menos egocentrismo; (b) menos individualismo e identificar-se com o transpessoal; (c) reduzir o materialismo racional e fortalecer a aceitação espiritual; (d) refrear a objetividade exacerbada em prol da iluminação; e (e) elevar o idealismo acima e além da praticidade.

7. Compreensão do mundo

Não é necessário acender uma vela para o Sol.
Provérbio inglês

O humano é um animal e, portanto, vem da natureza; para compreender a si mesmo, antes, tem de compreender essa natureza nutriz. Desde as origens o humano tenta compreender o mundo, o tempo todo, em todas as eras e culturas. Para melhor ensinamento, usam mitos, parábolas, lendas e narrativas, que atravessam séculos.

A religião, com milhares de *concorrentes*, tem dado sinais de que perde ou descaracteriza sua tradição, em cada caso. Está submetida à **tragédia dos comuns**. Cada vez mais, estudiosos singulares, sem compromisso acadêmico, como o Orador ou

palestrante em uma Loja Maçônica, tecem conferências para compreensão geral da sociedade, sem que isso seja liturgia, religião, pregação, prática beletrista, pajelança, política ou que o valha, embora seja tudo isso, junto, ao mesmo tempo!

Nesses casos, o que vale é *contar e ou falar*, com aspectos protagonistas, dado que este gesto não é mera medida complementar.

A Filosofia, tal como a política, surgiu em estágio da civilização na qual os deuses já estavam em declínio; a questão da morte, por exemplo, no sentido amplo, não está posta no âmago das pessoas, ainda povoado por deuses; essa questão está fora dos contextos religiosos, magias, curandeirismos, seitas etc.

A *incerteza e o caos* estão presentes no mundo, onde há conflitos e confrontos de tribos, trevas; ainda, assim, as pessoas continuam conectadas e se relacionam, costumeiramente, em condomínios, clubes, associações religiosas ou profissionais, fraternidades e outras comunidades.

O mundo moderno, com ênfase no lado ocidental do planeta, tem como foco sociológico uma entranhada cultura que imagina necessária haver compreensão intelectual do mundo. Durante boa parte do século 19 o modelo de compreensão apoiou-se fortemente na Ciência que, então, *explicava* a vida, o mundo, o universo, o divinal.... No século 20 a ciência sofreu grandes transformações porque o modelo não tinha unidade; verificou-se que, ao invés de uma havia várias *ciências*.

Hoje, os cientistas entendem que *essas ciências* não são, sempre, a tomada avançada de *um objeto*, mas, sim, a construção de

modelos ficcionais para *interpretar* (melhor que compreender!) e, não somente, um único regime de interpretação...

Jornada de compreensão:

Há três nuances destacadas no afã de compreender o mundo, quais sejam:

- (1)
) O grande pressentimento de que se está na iminência de uma grande mutação; a humanidade, porém, tem a compreensão *clara* de que o mundo não é compreensível, até porque as mutações e as revoluções já começaram...
- (2)
) Hoje, a filosofia consiste em ***pensar*** o que é a *incompreensibilidade* do mundo, mais do que buscar e dar novas compreensões e modelos deste mundo. Ou seja, a filosofia não é mais como dantes, em que, durante muito tempo, dedicou-se a explicar o mundo e suas partes articuladas.
- (3)
) Dentre as ideias comunistas que já se extinguiram (ou morreram), muitas traziam o equívoco inalienável de que a história pode produzir, por si própria, mais atos, eventos e fatos; assim, a história, sob essa falsa visão progressista, na qual a sucessão dos fatos não comporta mais direção ou sentido (!), produziam as coisas e eventos.

A maioria das pessoas não está sozinha; as relações entre as pessoas têm significados, embora, nem sempre substantivos ou grandiosos, que extrapolam o significado de INFORMAÇÃO: é, na verdade, SENSACÃO ... na razão de viver!

Embora o século 20 tenha fomentado grande avanço e geração de capacidade técnica na medicina e na biologia (molecular), o que faz surgir forte expectativa no prolongamento da juventude e da

vida. Surgiu, também, a dúvida *por que prolongar a vida?* ...; a resposta médica, simplória, é: *você vai viver mais tempo!*

O estágio atual da civilização representa a *primeira vez*, na história, que a humanidade entende e sabe, verdadeiramente, que as civilizações são *mortais*: podem *desaparecer*; o imprevisível é fato veraz.

A ideia de multiverso não é a realidade de vários universos; é, sim, o fato de que não se pode ter a ideia do conjunto do mundo, por via de projeções de modelos ficcionais.... Muitos universos, possíveis e concomitantes, sem se tratar de encontrar a realidade última: *a viagem é maior do que a chegada.*

5. Perspectivas

*A vida na Terra inclui, grátis, uma viagem
anual em volta do Sol,
com garantias de bilhões de anos pelas leis cósmicas.*
Anônimo

*Não há passageiros na nave espacial Terra:
somos TODOS tripulação.*
MARSHAL MACLUHAN, canadense; 69 em 1980.

1. Realidade imediata

Não há que se ser forte; há que se ser flexível.
Provérbio Chinês

É desnecessário ser tecladista/pianista para entender ou gostar de Bach ou Mozart; da mesma forma não é necessário ser guitarrista/violonista para entender e gostar de Vivaldi.

Destarte, para realizar-se como cidadão, ser humano e pessoa, não é mister ser iniciado. Não é necessário ser maçom para: pugnar por melhores dias para todos; também, para ser bom trabalhador e bom cidadão; e, ainda, para ser bom elemento na sociedade e na família.

Na verdade, há muito mais maçom sem avental, no mundo, do que pode avaliar a vã filosofia do adepto...

A Maçonaria é linguagem e veículo universal para o aperfeiçoamento humano, no cumprimento de sua missão aqui na Terra. Para tal ela conta com heranças antigas como:

- Preceitos advindos de normas e ordenamentos milenares;
- Princípios das causas primeiras/originais, também milenares;
- Proposições dos axiomas e postulados já comprovados ao longo dos séculos;
- Premissas dos silogismos filosóficos remotos e perenes;
- Procedimentos da ação milenar.

Tais considerações permitem enxergar a Maçonaria como espécie de militância, o que requer o pleno discernimento do obreiro/buscador para que assim seja.

O maçom persegue ideias realizáveis no seio da sociedade – em que vive e trabalha –; seu ideal é mutável dado que a perfeição é inatingível.

Daí, então, que a Ordem Maçônica pretende, primordialmente, ser fator ativo do progresso pela constante superação do passado, a fim de emancipar o ser humano da dor, da servidão material e moral, da escravidão (indigna, mas presente, no séc. 21!!...), sem perder de vista civilização e cultura, por meio de uma organização positiva, caórdica e benfazeja.

A espécie humana não pode escapar do processo de geração de Mitos; isso é característica essencial e necessária da mente humana. Isso posto, o mais importante é reconhecer o Mito assimilado como, também, sua natureza mística.

O Mito é constantemente reavaliado e esse é um processo do inconsciente coletivo: Lampião é avatar de Robin Hood e, por exemplo, já foi facínora, homossexual, herói etc...; Tiradentes, avatar de Cristo, levou dois séculos banido da vida nacional até

começar a ser estudado e, finalmente, virar herói do panteão brasileiro.

O processo de *reavaliação do mito*, qualquer que seja a direção tomada, reflete, sempre, certo grau de crescimento na psique coletiva. Ao contrário, se o mito fica estagnado é sinal de que houve retrocesso na esfera coletiva, no caráter sociocultural da sociedade. Há vários nomes de brasileiros esquecidos e isso é ruim (a Câmara Legislativa de Brasília, por exemplo, concede estranhos títulos de cidadania, a estrangeiros, com relativa facilidade...).

Autoridades federais, na mesma tônica assemelhada a cinismo e proselitismo, dá abrigo e refúgio a celerados, sem qualquer escrúpulo ou caráter em relação à trajetória histórico-cultural da nação, como Ronald Biggs, Cesare Batistti, Oviedo, enquanto parlamentares despacham de ordinário no parlamento e recolhem-se à penitenciária, *presos*, à noite...

Mitos podem ser pessoais, coletivos ou ambos; o mito pessoal depende do indivíduo para perpetuar-se enquanto o coletivo, não.

O *paladino da justiça e defensor dos fracos e oprimidos, o popular mocinho dos filmes*, hoje, não monta o cavalo; já agora, é super-herói ou dirige um possante veículo, mas o paradigma básico da atividade justiceira é essencialmente a mesma de séculos atrás.

Fronteiras e florestas, com os perigos do passado, foram *desconstruídas* pela tecnologia; o ser humano tem criado novos *perigos* na complexidade sociocultural da convivência urbana, em todo o planeta.

Os Mitos apresentam, também, em maior ou menor escala, dois aspectos *inversamente proporcionais* que são o tribal e o arquétipo. O Mito Tribal acentua o que está dividindo e está inserido no contexto

de interesse de determinado grupo, e serve para exaltar uma tribo, cultura ou nação, à custa de outras tribos, culturas ou nações.

Geralmente não tem núcleo interno de sustentação e ganha energia do prejuízo, da fuga e da insegurança, daí fabricar um inimigo *externo* para consolidar-se via contraste e negação.

É fácil encontrar-se o Mito Tribal em frações aguerridas de torcidas fanatizadas, em grupelhos radicalizados e inconsequentes de esquerda (política) e nas missões totalitárias tipo bolivarianas.... Quanto mais aumenta o cinismo e a hipocrisia, mais aumenta esse fenômeno!

O Mito Arquétipo é o mito que abrange parâmetros universais da experiência e da condição humana... Qualquer que seja sua origem, no espaço ou no tempo, o mito arquétipo transcenderá tais limitações e projetar-se-á em algo compartilhável por toda a Humanidade.

De modo geral o mito arquétipo possui temas ou características tipo nascimento, envelhecimento, morte, traumas de guerra, vínculos com a natureza ou com os elementos, significado da vida, jornada de autoconhecimento etc. Esses temas, o humano tem compartilhado em todos os lugares e eras da civilização!

Além de oferecerem sólido alicerce para a conciliação, reconciliação e compreensão mútua, o arquétipo aponta para a integração e convergência... afinal, somos todos iguais...

Os dois tipos de Mitos, cada qual de per si, cresce à medida que o outro decresce. Vale, então, a pena caminhar do Tribal, que divide, para o arquétipo, que integra; do mito que separa para o que unifica; do que destrói para o que vivifica...

2. Espiritualidade *sob* Noética

*Tenho medo do dia em que a tecnologia
se sobreporá à interação humana;
o mundo, então, terá gerações sucessivas de idiotas.*
Albert Einstein

O próprio matemático chamou essa prodigiosa *esfera pensante*, acima e além da camada abstrata da sociosfera, de metáfora. Essas metáforas da noosfera (como cunhou Teilhard de Chardin) estão literalmente varrendo o planeta. São metáforas ricas de significado, o que vem descrito por inúmeras *hashtags* (ex.: #vemprarua, #OGiganteacordou, #passelivre, #projetoSP etc.), diferentemente do resto do mundo que se fixou em uma ou duas apenas...

Vale dizer que a noosfera, camada que *cobre a Terra* com conhecimento e espírito, tem vicejado graças ao vertiginoso e profundo avanço da tecnologia de informação e comunicação, associado ao surgimento da teoria da complexidade e cosmologia (evolução cósmica).

Presentemente, é lícito especular ou presumir, com base no avançado estágio das tecnociências terráqueas, que civilização dita *avançada*, já detém a capacidade de comunicar-se, diretamente, cérebro-eletrônicos (aparelhos). Em função disso, o passo seguinte é eliminar a linguagem e outras mídias, e usar, diretamente, a telepatia.

NOTA: Pelo fato *constitutivo* do homem não ter *instinto*, resposta *rígida*, típica dos irracionais, a um dado estímulo, as tecnociências fazem parte da essência humana. Os

animais não evoluem, como os hominais, dado que, logo que nascem, *codificados pelo instinto*, já sabem o que fazer na vida e da vida.

As tecnociências, a *mais extremada forma de racionalidade*, permitem que a espécie humana sobreviva, a despeito de ser o ser vivo mais carente, menos adaptado, sem sintonia e harmonia com a natureza e sem qualquer decodificação rígida, por instinto.

É pelo emprego das tecnociências, hoje com vida própria e independente da vontade da grande massa de humanos vivos, que o homem obtém o *máximo de servidão* e objetivos com o *mínimo de recursos*. Tudo que está fora dessa racionalidade é *insignificante*, desprezível mesmo, sob o olhar do mundo técnico.

O problema que surge é que o homem não é plasmado só por racionalidade técnica e, movido pela emoção e pela paixão, com *componentes irracionais*, ele vai além: ultrapassa o enunciado lógico, apaixona-se, exagera, insiste, persiste.

Esse florescimento tem fomentado a ruptura, verdadeira revolução, com a *era moderna* e com a sociedade industrial, permitindo a passagem para a sociedade do conhecimento e para a era noética.

O século 20, porém, colocou em xeque o mundo do progresso e da razão. A ordem e a inteligibilidade estavam anêmicas diante de grandes colapsos (guerras, revoluções, estragos ambientais, atrocidades e mortes em massa etc....).

E mais: a razão transformou em fins o dinheiro, o prazer e a posse das coisas, que são *meios*. E converteu em tabus o amor, a morte e o sentimento, que são *fins*. Promoveu, também, um deserto de ausências de eventos cósmicos. Como a vida real está em outras paragens, toda racionalização é logro e ilusão!

A vida e suas decisões mais episódicas, o essencial, quer escolher o par ideal, gerar filhos, idealizar o lar, abraçar um ofício, todas de caráter emocional, frutos da paixão que a razão despreza.

A rebelião dos costumes, da ruptura *beatnik*, nivelou **EROS** (Sexo) e **TÂNATOS** (banalização da morte), que nunca estiveram juntos (um deles sempre hipocritamente oculto!) e as sociedades mudaram sem limites...

O sec. 21 tem sido o do desencantamento e das ilusões perdidas. Os ideais iluministas estão perdidos ou com *prazo de validade* quase terminativo.... Há crise de ideologia e de valores; e mais: desentendimentos, corrupção, desperdícios, desigualdades, injustiças e violências. A ética, banalizada, é mera e ordinária figura dos clichês retóricos e discursos.

A explosão de conhecimentos, saberes e habilidades na segunda metade do século 20, agravada pelo uso crescente e agudo do reducionismo, têm acarretado forte fragmentação de ideias, ideais e rumos, o que faz com que a personalidade, ou melhor, a identidade humana, sofra a alquimia do neonarcisismo e perca seu eixo. *Pensar, sentir e agir* sob um só diapasão passou a ser *diretriz de cura* para a falta de integridade e de homogeneidade dos comportamentos.

Nas relações humanas as identidades são marcadas pelas incertezas. Neste mundo relativizado, sujeito a crises sucessivas, sem referencial, tudo *se move* incessante e rapidamente. Hoje, a eficiência ganha da verdade, enquanto as religiões ficam cada vez menores do que ela... ou de ambas.

As tecnociências nivelaram duas vertentes sumamente críticas para os saberes e os conhecimentos (*doxa* e *epistema*) humanos, que são o **TEMPO** e a **DISTÂNCIA**. Deu no que deu: a humanidade procura, e procura com avidez e ansiedade, nova identidade, nova gnosisfera, novos padrões de comportamento coletivo, ainda que tenham de abandonar suas incrustadas *zonas de conforto* burguesas

(caprichosa e ferreamente edificadas pelo *modernismo e pós-modernismo*).

São falsos os arcabouços da acumulação individual, da lógica do consumo e do mercado. As pessoas estão *coisificadas*, por máquinas, gadgets, 1.99, bric-a-bracs etc. ao contrário da utopia do Iluminismo.

São 4 (quatro) os **motores** (trouxeram *monstros*?!) da Humanidade, com entulhos da era que se finda, quais sejam:

- **ciência** (trouxe *neocolonialismo*),
- **técnica/tecnologia** (*hegemonia beligerante*),
- **indústria/economia** (*poluição/destruição e inflação*) e
- **lucro/capitalismo** (*desigualdades e espoliações*).

São 3 (três) os **mitos** (associados a sentimentos funestos) que alimentam a marcha civilizatória:

- *progresso* (no fundo é a *ambiciosa expansão* do mercado),
- *domínio do planeta* (ou do universo; *exploração econômica e geopolítica de hegemonia*) e
- *felicidade para todos e cada qual* (é o *descarado ter*).

São 2 (dois) os **domínios** do *Dualismo* (Descartes; têm desenvolvimentos duplos, pouco virtuosos):

- do sujeito, da filosofia e do espírito (de fato, traz consigo o *viver sem sentido*); e

– da matéria, da extensão do corpo, das tecnociências e da realidade empírica (estimula a *acumulação pela acumulação*).

Os sistemas simples e o pensamento cartesiano – o que significa dizer pensamento racionalista, analítico, mecanicista e determinista – estão fora (ou saindo) do cenário humano.

Analitismo e Reducionismo, bases do método científico, que se tentou aplicar a todos os ramos da atividade humana de cunho acadêmico, têm fracassado em vários campos.

A noosfera, para além de ser o lugar no qual proliferam todas as autonomias e onde o ser humano planifica sua passagem terrena, é o conjunto de redes de ideias e conhecimentos que nutre os processos de criação, transformação, memorização etc.

É a era da Consciência, que cresce sem parar; a necessidade da Consciência tem características de religiosidade, já que as profissões de fé tradicionais estão sendo desconstruídas. À medida que essa necessidade da Consciência cresce surge, também, a consciência das necessidades da vida e da felicidade.

Os graus do espírito, noosfera e gnosisfera, que rompem com os fracassos do modernismo e do pós-modernismo, devem-se ao atual estágio do gênero humano, dotado de linguagens e metalinguagens, hashtag, dados e metadados, e tecnologias, viabilizadas pelo córtex cerebral, à esquerda, e implementadas pela intuição, à direita. A vida está apta a dar à luz o espírito!

Aliás, cumpre dizer que não há descontinuidade nenhuma no espaço cósmico; não há ruptura entre o material (*oosfera* – energia pura; *fotosfera* – luz; *nanosfera* – partículas; *litosfera* – edifícios moleculares; *biosfera* – vida que surge; *sociosfera* – sociedades;

noosfera e, depois, *gnosiosfera*). A humanidade é a ponte entre a *sociosfera* e a *noosfera*. A *noosfera* está emergindo tal como a Era Noética.

O espírito emana e participa da matéria; a *noosfera* à medida que ganha complexidade *vai se desmaterializando*. O humano encontra sua missão e vocação como cristizador e portador da memória com alta densidade informacional, no cérebro.

Não há mais espaço público, portanto, para a afirmação de que *O homem é a medida de todas as coisas*.

Perdeu validade a afirmação de que o homem só deve prestar contas a si mesmo. O olhar narcisista confronta o olhar noético e perde. O homem é apenas, e tão somente, elo no processo cósmico da evolução, no qual só tem valor eficaz ao contribuir para a cosmogênese.

Criação, Criatividade e Conhecimento são as pala-vras-chave da atualidade.

Pouco importa quem fez; só o que é feito é que importa.

Essa era noética clama por um novo mito fundador; sepultando o mito do herói-guerreiro, da conquista epopeica e sangrenta; talvez seja o momento da metáfora do jardineiro, trocando o conquistar pelo cultivar, cativar, proteger, dado que ele só vê plantas, árvores, flores... para cuidar, proteger, salvar o planeta... senão o humano vai desaparecer prematuramente, da face da Terra...

Os valores da era da jardinagem, como não poderiam deixar de ser, estão repletos de valores femininos, entre os quais, já se pode contar com interioridade, espiritualidade, simplicidade, ecologia, criatividade, fraternidade, qualidade de vida, boa saúde, sensibilidade, durabilidade etc.

3. Pensamento *sob a Noética*

Tenho, dentro de mim, todos os sonhos do mundo.

FERNANDO PESSOA; 47 em 1935

(e) Poder do Pensamento

O presente Dalai Lama, Tenzin Gyatso, afirmou que os ocidentais não poderão jamais compreender bem a ciência sem ajuda da filosofia oriental, pois já se tornou claro que a ciência, como ela ainda é entendida, em linhas gerais, no ocidente, não é capaz de penetrar nos fundamentos da consciência.

Marc Halévy referiu que o mundo está adentrando à **revolução noética**, cujas bases serão o talento, a criatividade, a imaginação, a intuição e a capacidade de transmitir conhecimento mediante uma nova educação.

(f) A Alma alerta

Quem não quer pensar é fanático; quem não pode pensar é cretino; e quem não ousa pensar é covarde.

FRANCIS BACON, filósofo inglês

O que será que une solidamente personagens brilhantes da história da Humanidade, tais como: Charles Darwin, um psicólogo

americano chamado William James, os grandes pensadores e psicanalistas Freud e Jung, o gênio Albert Einstein, o cientista da luz elétrica, o Thomas Edison, o filósofo Henri Bergson, o escritor irlandês James Joyce, e mais recentemente Dan Brown em sua laureada obra O Símbolo Perdido?

Resposta: Todos eles, cada um do seu jeito, acreditavam (ou acreditam) na força do pensamento.

Força é termo adequado, pois, quando se fala força, literalmente, inclui-se a existência da massa. Ora, tudo o que tem massa pode ser medido e pode interagir fisicamente com o meio no qual está imerso.

A alma, centelha de Deus, precisa do conflito mundano para cumprir o seu destino. Alma alerta ou *tomada de Alma* acontece quando a luz se funde com a escuridão, quando a alegria e a tristeza se misturam, quando as polaridades são conscientemente reconhecidas e confrontadas no cotidiano.

Quando opostos em confronto resultam em aprendizado, na sala de aula da vida, a Alma se lembra de que foi *projetada e veio aqui* para evoluir. A boa analogia é a do escultor, que *vê* a escultura *pretendida* antes de começar a burilar a pedra ou a madeira; a *tomada de Alma* é o processo prévio de revelar o que já está lá.

James Hillman vê a *tomada de alma*, quando se tem a experiência de crise e oportunidade, do amor e da morte, o que dá significado profundo à vida.

Tomada de Alma permite que a essência eterna de viver e experimentar o mundo exterior via todos os sentidos, visão, olfato, audição, paladar e toque, a fim de que a alma cresça durante sua passagem terrena; esse estado de alerta está constantemente

enfrentando o paradoxo de que um ser eterno habita em um corpo temporal. E, por essa razão, sofre para aprender.

A verdadeira criatividade, a verdadeira *tomada de alma*, vem da comunicação profunda com o mundo arquétipo, segundo Jung. É aí que está o verdadeiro alimento da Alma....

Em outras palavras, a Ciência Noética tenta provar cientificamente assuntos subjetivos como o pensamento, a alma, milagres e fé. Ela afirma, tal como a maçonaria, que não existe nada de sobrenatural nos milagres feitos por santos e xamãs, essas manifestações são apenas consequência da força do pensamento ou fenômeno correlato.

Quando um santo (qualquer um que faça *milagres*) está prestes a efetuar a cura, por exemplo, ele tem em seu cérebro substâncias químicas que formam uma espécie de substância natural que chega a ser curativa. Essa substância *ectoplásmica*, curadora, é gerada pela força do pensamento de santos, monges e xamãs.

Na verdade, segundo a noética, todos têm tal poder. Daí começa toda aquela argumentação de que os indivíduos são deuses e que não existe um Deus Criador: tudo invenção humana para lidar com suas possíveis incapacidades.

No final das contas todos são capazes de tudo, inclusive de fazer coisas inimagináveis – milagres. *Ué, mas como não consigo fazer essas coisas?*

A resposta noética, como a seguir, é até bem simpática:

Se dermos um violino a um leigo, é bem provável que ele não consiga tocar uma nota sequer. Bem diferente do que um violonista profissional é capaz de fazer.

Em outras palavras, tudo o que separa alguém da estatura espiritual do Buda é a prática. Acredite ou não.

É a Ciência Noética que fundamenta a possibilidade de se *pesar a alma humana*, e também, explica alguns assuntos curiosos, como a previsão do futuro através da medição do pensamento das pessoas. Em poucas palavras, significa que qualquer pessoa consegue definir o que vai acontecer no futuro próximo, se souber o que a maioria das pessoas está pensando, dado que esse pensamento tem massa (e poder), fica fácil entender o que pode vir a acontecer.

É sob essa perspectiva que o livro do Dan Brown, O Símbolo Perdido, traz em sua trama dispositivo tecnológico que, pela Internet, consegue medir *o estado emocional de uma nação* ou *o humor de um país* e assim *construir um barômetro da consciência cósmica*.

Se você achou a ciência noética interessante, mas ainda longe da realidade, é porque ainda não entendeu a dimensão dessa nova *corrente filosófica*. Essa ciência (ou seria filosofia?; quem sabe?) busca explicar absolutamente tudo. Ela quer, de fato, convencer todos do enorme potencial que cada um tem dentro de si, e que urge que se volte para si, conhecendo-se melhor, para evoluir e então aproximar-se do nível divinal.

É o caso abordado no *Avatar* (já que a arte, o filme, chega primeiro pela ousadia!); seres com ligação (literal) entre eles mesmos e a natureza. Ocorre que apenas conservando e melhorando essa ligação é que eles conseguem se comunicar por telepatia, conseguem interagir com as plantas e animais e até fazer curas quando estão em grupo. Se isto não é noética explícita, nada mais será... No frígir dos ovos, Deus eleva o *livre arbítrio* ao mais alto dos píncaros espirituais...

Nos primórdios o Instituto de Ciências Noéticas (IONS), da Califórnia, precursor dessas ideias, premissas e novos postulados, descrevia a disciplina sob linguagem misteriosa e difícil de entender, definindo Noética como o estudo do *acesso direto e imediato, por parte da humanidade, ao conhecimento além daquele disponível aos nossos sentidos normais e ao poder da razão.*

4. Foco nas Dimensões espirituais (apoiado em Viktor Frankl)

*Não há mais credos, filosofias ou mapas: de agora em diante
as diretrizes vêm do Universo (Cosmos).
Anônimo*

Esta digressão sobre Dimensões Espirituais, com adaptação livre, originou-se em trabalhos acadêmicos, na UFMG, realizados por Achilles Coelho e Miguel Mahfoud.

É bom começar dizendo que Frankl foi o primeiro (1978) a introduzir noética na literatura psicológica como significado

do nível ontologicamente separado e do mais alto desenvolvimento na existência de qualquer indivíduo, para o qual a psique e o soma constituem ferramentas de implementação do desejo de significar.

Tal conotação contribuiu para se adotar a espiritualidade como perspectiva noética.

O mundo social, da sociosfera, qualquer que seja a cultura humana dominante, tem duas dimensões claras, a saber: a vertical, da hierarquia e *status*, e a horizontal, da proximidade e semelhança.

Investigadores atentos, porém, já constataam que a Espiritualidade é a *terceira dimensão*, desde eras bem remotas.

Espiritualidade é dimensão cada vez mais importante presentemente, dada a consistência que ela imprime ao funcionamento mental, à conformação dos trabalhos intelectivos e aos rumos das ações individuais (e, por que não, coletivas?).

Haidt (Jonathan H., nascido em N. York e Doutor em psicologia, em 1992) compreende a Espiritualidade como conceito bem próximo à construção multidimensional, com transcendência, ou seja, como aventura além do Ego e identificando-se com o mais geral e abrangente conceito possível de Ser: o Ser Altíssimo... É adepto da psicologia Positiva.

NOTA: A metáfora do elefante e seu condutor

Haidt explorou bem essa metáfora em seu notável livro *Uma vida que vale a pena* (do original inglês *The happiness hypothesis – A hipótese da Felicidade*), para evidenciar que o humano não é tão racional quanto imagina que é. Nem sempre se atinge o bem-estar e a felicidade por via da inteligência e ou do raciocínio lógico

A metáfora retrata um elefante gigantesco (de 6000 quilos de tamanho; significando *hábitos e pensamentos automáticos e reflexos*; capaz de processar onze milhões de bits por segundo), conduzido por um pequeno guia (de 60 quilos de tamanho; representando o *pensamento consciente e controlado*; capaz de assimilar e tratar 50 bits por segundo).

É óbvio que o guia é muito mais inteligente do que o elefante; contudo, por maior que seja a vontade humana de fazer com que o condutor *comande* o elefante, no fundo, porém, o guia é *mero conselheiro* do animal. O elefante *está no comando* e vai para onde está acostumado a ir; para quando quer (comida, sexo), foge de perigos na sua própria avaliação.

A jornada chega bem, ao final, quando o condutor, sem entrar em confronto direto de vontades, consegue distrair e convencer o elefante de prosseguir. Ainda que consiga

vencer o animal no desejo de parar ou desviar do rumo, a quantidade de energia despendida é imensa.

A ideia eficaz é, caso queiramos viver com mais tranquilidade, paz e poder, os poucos esforços que o humano pode dispor devem ser direcionados para adestrar e treinar o elefante e, não, para convencer o inteligentíssimo, mas fraco condutor.

A esfera da espiritualidade *recai* cada vez com mais densidade, no escopo do interesse da Psicologia, mercê de sua ligação estreita, e quase estrita, com o bem-estar do indivíduo. A tendência é que a ciência noética, no vácuo deixado pela literatura e pesquisas psicológicas, dê mais robustez aos conceitos e definições sobre religiosidade (plural; mais de quatro mil, no mundo! em flagrante fraqueza e dubiedade material) e **espiritualidade** (*conceito singular e consistente!*), que não são equiva-lentes.

O tema apresentado aqui, apresenta teoricamente a distinção e as relações entre a dimensão noética (ou espiritual) e a dimensão religiosa da experiência humana. A dimensão noética procurando explicitar suas características essencialmente humanas e suas expressões inconscientes. Analisa-se que, no fenômeno da Consciência moral, o homem considera o caráter transcendente desta – através da intuição.

Viktor Emil Frankl, psiquiatra e neurologista austríaco, fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, conhecida como Logoterapia, em abordagem fenomenológica, existencialista, humanista e teísta, propõe visão de pessoa que se diferencia das concepções psicológicas vigentes em sua época (principalmente a partir de 1945). Ele busca destrinchar a existência humana por meio dos fenômenos essencialmente humanos; identifica a *dimensão*

noética ou dimensão espiritual que, no seu dinamismo próprio, pode chegar a despertar a vivência de uma religiosidade.

Segundo Frankl, a experiência humana está orientada para além de si mesma, para algo ou alguém; considerando ser fundamental *entregar-se, o homem, a uma obra a que se dedica, a um humano a quem ama, ou a Deus a quem serve*. Frankl trata, também, da liberdade diante de uma Providência, da responsabilidade perante o Outro, da existência em relação *a* e *para* Deus. Contudo, é muito importante ressaltar que, em sua obra, ele diferencia dimensão espiritual e experiência religiosa, considerando esta última como uma dentre outras manifestações da dimensão noética.

5. Modernismo e pós-modernismo exauridos

Nada é, tudo vem a ser.

FRIEDRICH HEGEL; filósofo alemão; 61 em 1831

Aparentemente os valores axiológicos *sumiram da praça* para serem substituídos por novos valores. Os deveres sobrepõem-se aos direitos.

O Humanismo, expressão moral e política do antropocentrismo – que tem colaborado para a decadência das religiões clássicas (; as religiões mais tradicionais pagam caro tributo por terem abandonado o teocentrismo em favor do antropocentrismo e por terem adotado marketing para atrair *clientes fidelizados* e correspondentes, como se *fiéis* fossem; o próprio **Deus** está deixando de ser assimilado pela imagem e semelhança do homem para ser uma *energia cósmica*

superior) – tende a ser substituído... Não há mais espaço público para a afirmação de que *O homem é a medida de todas as coisas* {segundo Protágoras, de Abdera, sofista da Grécia Antiga, 70 em 410 a.C.}.

NOTA: O **Humanismo** está desaparecendo; o próprio homem obsoleto-se com rapidez e profundidade em confronto com as máquinas e as tecnociências, que são mais potentes. Estas persistem em que o homem deve ser equacionado como máquina digital: com mais memória, sem engravidar nem ficar deprimido, nunca faltar ao trabalho, reduzir suas componentes fora do contexto técnico (insignificantes e irracionais) e minimizar a variação de sentimentos.

Há *mudanças poderosas* em curso na *política*, nas *relações com a Natureza* e na *ética*. Os políticos, em um mundo de tecnociências, que determinam a marcha dos acontecimentos, são praticamente *inúteis, repulsivos* mesmo, fora da imperativa e única missão de garantir bem-estar e paz social, sob a exclusiva gestação de leis sob o comando dos cidadãos.

Na relação com a Natureza (que as tecnociências enxergam como matéria prima) o homem só vê o lado utilitário (exemplo: olha manancial fluvial e enxerga barragens e produção de energia); a harmonia com a Natureza está desastrosamente comprometida por influências técnicas.

Na moral-ética, sujeita a três modalidades ocidentais de codificação moral, a situação está bem apocalíptica, senão vejamos: (a) a moral das Intenções ou *moral Cristã* está completamente atropelada e fora do cardápio, sob a hegemonia das tecnociências; sobre as *Intenções*, ainda, assenta-se quase que a totalidade da

ordem jurídica ocidental, e a salada continua nos vetustos conceitos de *culpa, dolo, doloso ou culposos*; (b) a **moral laica de Kant**, pela qual o *homem deve ser tratado como um fim em si mesmo, não como meio*; se o homem assume o topo da pirâmide da proteção judaico-cristã, o que dizer *do ar, da água, biosfera, atmosfera, animais, florestas etc.*?; o que mais se verifica em um planeta de quase oito bilhões de almas, com capacidade para menos do que seis bilhões, é o uso do *homem como meio e*, o que é pior, *como objeto*; uma dada ética só funciona, e estipula *responsabilidades*, quando remonta a uma consciência ou **psique coletiva** e, no caso da moral de Kant, não há no momento, nem nos horizontes da espécie humana, nenhuma ética que se responsabilize pelos **entes da Natureza**; e (c) ética de Weber ou ética das Responsabilidades, que deve ser regida, não pelas intenções, e, sim, pelas consequências dos atos praticados (infelizmente, Weber colocou um aposto **desde que previsíveis**); o mundo técnico prima pela imprevisibilidade das suas buscas e lançamentos, sem escopo e sem finalidade específica, como quer a ciência pela ciência, com capacidade bastante superior na execução e realização, do que na capacidade de planejamento e previsão.

A noção noética, e vale repetir, opõe-se àquela do motor do mercado e do consumo. O humano, presentemente, é mero carregador, ou estivador, das bagagens do espírito e do pensamento.

A era *moderna*, sob o domínio do TER, foi era de orgulho e vaidade; já a era noética, que ora surge, é a do respeito. A juventude, em todo o planeta, opta pelo fenômeno da *simplicidade voluntária* e troca, desapegadamente, o motor à explosão pela bicicleta!

Ter, ser, seguidos da ausência do *vir a ser*, que foi exterminado pelo *modernismo*; nesse cenário o **parecer** engoliu o ser e deixou tremenda ansiedade nas almas, como troco.

Os caminhos viáveis para o ingresso, com *pé esquerdo* – como preceituava o paradigma maçônico –, nesta era noética, do Conhecimento, podem ser resumidos em oito pistas, todas temperadas pelo pensamento do *homo maçonicus*, como sejam:

- **aprender**: a humildade pela via da meditação e contemplação;
- **viver**: em harmonia com a natureza, visando guardá-la e servi-la;
- **assumir**: a complexidade do mundo real, desprezando todos os reducionismos;
- **renunciar** a dominar, a se apropriar, a subjugar o que quer que seja e quem quer que seja;
- **cultivar**: a pacificação e a suavidade, denunciando toda e qualquer violência;
- **aniquilar**: todas as idolatrias e escravidões;
- **religar** sua vocação de criador da noosfera; e
- **subordinar**: o político e o econômico ao noético.

6. Olhar Espiritual (Esoterismo Ocidental)

*Um fato maravilhoso, para reflexão permanente,
é que toda criatura humana é constituída para ser
o grande segredo e o mistério para todos as outras.*

CHARLES DICKENS

a. Os séculos 14/15 plasmaram os modos de fixação e operação da Ordem Maçônica, pelo que ela começou sua expansão geográfica; o século 16 viu o florescimento das sociedades *protegidas* pelo segredo, o 17 presenciou o desenvolvimento das sociedades iniciáticas, sob o *pálíio* do conhecimento esotérico (Rosacruz e Maçonaria), o 18, com o Iluminismo, ampliou sobremodo o pensamento esotérico e surge o esoterismo ocidental (embrião empírico), o 19 testemunhou o advento de novas tendências e surgimento do ocultismo (Thelema, Golden Dawn, Sociedade Teosófica, Paganismo moderno, Wicca etc.) e o sec. 20, New Age e esoterismo ocidental (acadêmico).

b. Em 1992, Antoine **Faivre** (82, *scholar* francês, aposentado como professor na Sorbonne; foi o primeiro pesquisador a definir o esoterismo como estudo acadêmico interdisciplinar) propôs a definição de esoterismo ocidental como ***forma de pensar*** que consiste em quatro componentes intrínsecos e dois secundários, a saber:

I – Intrínsecos

⁽¹⁾) ***Correspondências (ideia de):***

Símbolos e concreta correspondência havidas entre todas as partes do universo, visíveis ou invisíveis. A ideia de correspondência é vital para a Magia, Alquimia e Astrologia, as três *Artes Reais* do esoterismo ocidental.

Há duas correspondências primárias, a saber:

(A) as existentes na natureza, visíveis ou não; exemplos: 7 planetas, correspondem a 7 metais, e estes correspondem às 7

partes do corpo humano; *spiritus* humano corresponde a *spiritus mundi*; e

(B) há correspondências entre o Cosmos (a Natureza) e os textos e histórias reveladas; escrituras ditas sagradas (Bíblia, por exemplo) estão em harmonia com a natureza; e, por meio do estudo, criterioso e apurado, de um lado, alcança-se maior conhecimento do outro lado.

(2

) ***Natureza viva:***

O universo inteiro é ***complexo, plural e hierárquico***; ele é vivo e atravessado por uma imensa e intrincada rede de simpatias e antipatias que liga as coisas da natureza.

O conhecimento desta rede – enlaces místicos –, habilita o *espiritualista* a manipulá-la e, por via de consequência, causa interveniência no mundo natural conforme seus desejos. A Magia é o núcleo primordial da magia da Renascença, e é derivada dessa manipulação.

(3

) ***Imaginação e Mediações:***

Os esoteristas encaram, como de grande importância, a faculdade humana imaginativa. A matéria que interessa ao esoterista é a parte invisível do universo, quase sempre imaterial, e é aquilo que está sendo revelado pela imaginação criativa, ou *olho interior*.

O uso de rituais, símbolos imagísticos, mandalas e espíritos intermediários, está conectado à *vis imaginativa* (ou imaginação); trabalhos mágicos operam via imaginação.

(4)

) *Experiência de Transmutação:*

Transmutação é termo *adaptado* da Alquimia e significa transição de um plano a outro, pela modificação da essência do indivíduo. Os alquimistas *transformam* chumbo em ouro por um processo que abrange estágios considerados de cunho espiritual.

A transmutação é de grande importância aqui, nos estudos do presente tema, dado que a ideia de iniciação é, em parte, conectada a ela. O Iniciado é visto, o tempo todo, como o *recipiendário* que *atravessa* um processo de transmutação ao adotar, *ad vitam*, uma jornada que passa por vários ritos iniciáticos, com obrigações juramentadas.

II – Secundários

(5)

) *A Praxis da Concordância:*

Desde o final do século 15, e ao longo do 16, existe a ideia de adquirir *uma gnose que abarca diversas tradições e mescla-as em uma singela ‘panela de fusão’*.

Esse procedimento é, exatamente, como o esoterismo ocidental obteve seus formatos, no Renascimento; para isso, tomou ideias Neoplatônicas, do pitagorismo, do hermetismo, do misticismo cristão, e da cabala, para formular o modo do pensamento esotérico.

Faivre descreve a prática da concordância como *uma tendência consistente a fim de se estabelecer denominador comum entre duas ou mais tradições distintas, entre todas elas, na expectativa de obter iluminação, gnose, de qualidade superior*.

Vinculado a isso subjaz a ideia popular da *filosofia perene*, ao asseverar que a tradição do conhecimento místico, tem sido tratada desde Hermes Trimegisto, passando por Moisés, Zaratustra, Platão e outros.

⁽⁶⁾
) **Transmissão:**

O Conhecimento Esotérico deve ser transmitido do mestre para o discípulo, mediante determinado conjunto de regras. O *conhecimento* assim transmitido não pode ser questionado, e é visto *como parte da tradição*, que deve ser protegida e respeitada, além de ser encarada como *esquema orgânico e integral*.

A importância dessa ideia, para a Iniciação, é bem clara: deve existir alguém que inicie o *discípulo*, já que ele não pode iniciar a si mesmo (do ponto de vista operacional); este último critério denunciado é de vital importância para as sociedades maçônicas iniciatórias.

c. Propósito da investigação sobre Esoterismo Ocidental, em duas vias:

(I) No geral, apresentar o fenômeno *do ritual maçônico da Iniciação* em perspectiva histórica; esses rituais (maçônicos) não são só, meramente, *rituais de Iniciação em Maçonaria*, mas, também, rituais derivados da Maçonaria e que, por essa razão, têm certos componentes estruturais em comum; e

(II)
) Analisar as relações entre rituais de iniciação e o Esoterismo Ocidental, e, também, como o esoterismo é transmitido pelos chamados *rituais esotéricos ocidentais de iniciação*; com as questões subjacentes a seguir:

(A) como é o esoterismo ocidental transmitido via o *ritual esotérico de iniciação*? e

(B) que tipos de esoterismo são transmitidos?

Desdobramentos (de a, b, c):

d. É fácil verificar que o Esoterismo Ocidental é campo transdisciplinar de estudos, que traz de permeio várias formas de filosofia, religião, pseudociência, arte, literatura, música e outras disciplinas da noosfera, que desenvolvem de modo subliminar, crescente impacto sobre as ideias intelectuais (*episteme*) e da cultura popular (*doxa*).

e. Mais *quadro de estudo* que definição, como alternativa a Faivre, encontra-se o esoterismo que, grosso modo, pode ser apresentado como *forma ocidental de espiritualidade, que evidencia a importância do esforço individual para a aquisição de conhecimento espiritual (ascese), ou gnose, perante o qual o humano vê-se confrontado pelo aspecto divino da existência.*

f. O nível mais geral desse *quadro* significa demanda por maior conhecimento, ou a reivindicação de acumular tanta sabedoria a ponto de superar todas as demais interpretações da história e do cosmos. Talvez uma *chave mestra* para responder todas as perguntas da humanidade; daí a ênfase no sigilo e no segredo, praticados institucionalmente pela Ordem Maçônica, para *alimentar os discursos.*

g. Os adeptos da doutrina da fé tacham a **gnose** como heresia; e os promotores da **racionalidade** acusam a gnose de entabular raciocínio metafísico e irracional. O curioso é que, na ciência dita

moderna muitos cientistas e pesquisadores, senão a expressiva maioria, são, ao mesmo tempo, esoteristas.

h. Esses estudos tratam espiritualidade sob forma ocidental, que enfatiza, com força e vigor, a importância do *esforço individual* para a necessária *ascese*, ou seja, o ganho do conhecimento espiritual (gnóstico), onde o aspecto humano vê-se confrontado com o aspecto divino da existência.

i. O segundo autor de destaque sobre esoterismo ocidental, atual, é o professor holandês Wouter Hanegraaff, da Universidade de Amsterdam. Na abordagem de estudos religiosos ele distingue bem as perspectivas êmicas, em que o estudioso *adentra* à cultura sob observação e análise, como faz o teósofo, com o risco de tornar-se apologista e ideologizar; e a perspectiva ética, mais histórica, mais neutra, visão crítica do observador externo, entre empirista e reducionista, com o risco da ignorância e hostilidade para com o assunto.

j. Hanegraaff, que *dilui a gnose*, difundindo-a nos conceitos contemporâneos do esoterismo, tece a visão de que o esoterismo ocidental é categoria tal que engloba todos os *conhecimentos* da cultura ocidental *rejeitados* quer pela comunidade científica quer pelas religiões tidas e havidas como tal, hoje, aos milhares.

k. Gnose pode referir-se a conhecimento ou percepção direta de aspectos ocultos ou esotéricos do cosmos (gnose cosmológica), ou a visão espiritual direta na transcendência (gnose metafísica). A

cosmológica é dualista, sutil, de sujeito-objeto, e pertence ao domínio do conhecimento. A metafísica é não-dualista e discernimento espiritual.

l. O cuidado com a gnose, sempre presente da antiguidade até aos dias atuais, ajuda a mesclar conhecimentos do esoterismo de sorte a tecer visão espiritual sobre a essência do cosmos e de si mesmo e, por conseguinte, abarcar as duas considerações, fundamentais da gnose, a saber: a *cosmológica* (via positiva de Dionísio, dos padrões ocultos pela natureza) e a importação *metafísica* (via negativa de Dionísio, visão direta para o transcendental).

m. O cosmológico e o metafísico, longe de serem exclusivos, proporcionam experiências visionárias gerais, que mostram que esses polos formam um *continuum* capaz de conter manifestações dos dois polos. A gnose é o que há de *místico* dentro do esoterismo. O esoterismo descreve o fenômeno histórico, sob análise; enquanto a gnose descreve o que é esotérico, oculto, protegido e transmitido no escopo desses fenômenos históricos.

n. O homem é visto como o microcosmo do macrocosmo – o universo divino. Cumpre dizer que a interpretação do que a Gnose é, atualmente, difere substantivamente daquilo que está apresentado na história do esoterismo ocidental. A gnose identifica-se com as *correspondências*, que são um mundo holístico e interconectado, já que *todos somos um*.

o. O conhecimento oculto, secreto, não é filho da razão, mas, sim, da gnose-acordo com o esoterismo; e isso deriva de fonte suprrracional.

6.

Pensamento complexo e simbólico

*Incerteza e caos produzem diferenças,
o que impede que a vida seja
sucessão de repetições e mediocridades, e, também,
evita que a humanidade fique estagnada.*

Ciência Noética

1. Pensamento Complexo {Maçonaria atual e Complexificação...}

*Onde está a notícia que não se tornou Informação?
Onde está a Informação que não se tornou Conhecimento?
Onde está o Conhecimento que não se tornou Sabedoria?*

T. S. ELLIOT

(1). Motivação

A vida prova e comprova ser difícil divisar-se a fronteira entre espiritual e temporal; todos somos feitos dessas duas naturezas. Daí, então, que todas as relações humanas devem ser regidas por valores superiores.

Os milhares de *eus* que existem dentro da pessoa não são compatíveis entre si e sequer *se conhecem*. O homem é plural e não consegue ser *eu* no singular.

Tudo o que é humano é perecível e insignificante; toda a Sabedoria, Virtude e Compreensão são incapazes de resistir aos testes da vida!

A Humanidade, presentemente, está engajada, primeiramente, em satisfazer necessidades primárias (como fome, saneamento, sede, morada, assistência médica e hospitalar etc.), já que perdeu a esperança de obter felicidade e *welfare state* como bem comum... isso é uma utopia quase inatingível...

No atual estágio civilizatório, em que o estado de bem-estar e de felicidade, dado pelo extinto *welfare state*, estiolou-se, a Humanidade luta com problemas de toda ordem, com diversas crises, sempre comandadas por ondas de escassez e dominações.

Não é o conjunto de direitos que faz o homem livre e menos imperfeito; é, sobretudo, o dever que opera essa transformação...

No contexto atual da globalização, é flagrante a vigência de uma crise de ideologia e de valores. O mundo todo está em crise, vivem-se dias conturbados caracterizados por desentendimentos, corrupção, desperdícios, desigualdades, injustiças e violências. A ética deixou de ser padrão de comportamento para ser figura ordinária dos clichês retóricos.

Cumprir destacar o que sábios e avatares primitivos já sabiam: quando o espírito se aproxima e cobra o alinhamento da matéria com as leis cósmicas maiores, a matéria responde com muita violência, como presentemente... a revolução noética repõe a espiritualidade na sua condição prevalecente! ...

Cumprir dizer, ainda, *en passant*, que enquanto a *Espiritualidade* é campo aberto às investigações científicas, o *Materialismo* não é realidade existencial, não tem evidências, teses, comprovações científicas ou inquietações acadêmicas.

Os sistemas de conhecimento simbólico, originados nas tradições iniciáticas e espirituais, autênticas, da civilização, são as primeiras

entidades autônomas da noosfera; são noemas remotos, pouco sofisticados, mas trazem embutidos complexidades maiores do que os saberes ditos racionais.

O pensamento simbólico é o metafórico não dedutivo; que se baseia em estruturas, imagens e analogias; é praticamente racionalidade transracional. Tal pensamento, então, é **símbolo**, a ser interpretado; e é **arquitetura**, dado que os símbolos se interligam em redes nômades emaranhadas.

O noema maçônico fundamental, landemarque, é o dos três graus “azuis” ou simbólicos. Há, ainda, o noema alquímico (REAA), noema templário (RER), noema cabalístico etc.

Todo noema *forte*, constituído por símbolos fortes demanda muito do recipiendário e requer aprendizado denso. A iniciação, que deve ser rigorosa, na essência, sempre para garantir que o estudioso consiga ver o invisível por trás do visível.

Tal rigor, na iniciação, vale tanto para a Maçonaria, ou qualquer outra seita iniciática, detentora de conhecimentos simbólicos milenares, quanto vale para a densa ciência como a Teoria da Relatividade, que envolve energia, velocidade, luz, massa, espaço, tempo, espaço-tempo etc.

(2). Maçom

*Ontem eu era esperto, então eu quis mudar o mundo.
Hoje eu sou sábio, então estou mudando a mim mesmo.*

Rumi

Ao ingressar na Ordem, o candidato deve ter muita coragem e mover-se para além do conforto e da segurança do mundo físico ordinário, chacoalhando suas próprias condições sociais e personalistas.

Ela não molda o homem, que é sede de atitudes enraizadas (ele que *se mude!*); ela molda, sim, a ação humana, reflexo dos comportamentos.

O gênero humano não tem *eu* permanente e imutável; surge um *eu* a cada pensamento, a cada humor, a cada desejo, a cada sensação, enfim, a cada estado de espírito.

Cumprir repetir, desde já, que ***espiritualidade*** é busca incessante do autoconhecimento para a descoberta da natureza profunda da consciência, o verdadeiro ser ou *eu*. É o que assegura a prevalência do espírito sobre a matéria.

São vertentes de manifestação maçônica o *idealismo*, que tem de ter forte aptidão para o novo, pelo fato de rejeitar o dogmatismo; a *ação política*, de repercussão desprezível, dado que não tem muito voto, nem militância no sentido massificado e não se coaduna com agitação social; e, culto ao *amor pela humanidade*, ao próximo e acima dos dogmas.

Cumprir reconhecer que alguns querem construir *mais alto* do que outros irmãos, movidos, em parte, por sua própria glória...

Mas o balizamento é dado pelas posturas seculares da Ordem, que busca ser fator a mais em um mundo de facções; e procurar remover o que é hostil nas diferenças sociais, nacionais, regionais, étnicas, do fanatismo, do fundamentalismo etc. É Ordem de homens escolhidos para fazer valer a suave razão e prevalecer a vontade divina e natural.

Não basta saber o que gostar ou desgostar; deve-se, sim, experimentar quão densa é a verdade sobre si próprio; a Maçonaria tem fórmula para isso, que vai ao encontro do *conhece-te a ti mesmo!*, encontrado em Sócrates (70, em 399 a.C.) e no mergulho da alma, de Agostinho (76, em 354); esse método maçônico, com nome próprio, é a fórmula VITRIOL.

A Maçonaria é o Maçom, assim como o Maçom é a Maçonaria no lato sentido de que, além da pétrea busca das virtudes, dos valores axiológico e da Verdade, bem como da ideia de inculcar no adepto as premissas, preceitos, princípios, procedimentos e proposições daí decorrentes, é o homem quem determina os rumos organizacionais a seguir.

Em face de todo o exposto cumpre ressaltar o protagonismo do MAÇOM, matéria prima essencial para a permanência e a visibilidade da Ordem Maçônica no contexto da família e da sociedade brasileira ao longo dos séculos.

Há sete crimes primários, incompatíveis com os princípios e características do homem livre e de bons costumes: o Maçom. Em contraposição, destacam-se sete qualidades *atômicas* que, uma vez praticadas e internalizadas pelo Maçom fazem nascer nele virtudes que certamente o destacarão no seio da família, da sociedade, da pátria e da humanidade.

(a). Crimes primários:

- **Raiva, Ira** desconecta o indivíduo da realidade e do aqui e agora;
- **Discórdia** fará com que os envolvidos experimentem o inferno da perversidade;

- **Orgulho** não confundir com a vaidade, que presta bons serviços à humanidade; o orgulho é uma anomalia da personalidade e tende a anular os vínculos de compromisso e responsabilidade que se tem com os semelhantes;
- **Indiscrição** torna o indivíduo repulsivo e inconveniente perante os demais;
- **Perfídia** faz com que o indivíduo fique inútil e perca a confiança do coletivo;
- **Temeridade** tira a pessoa do contexto e das expectativas em que vive;
- **Calúnia** além de viver em um mundo irreal, sua psique sofre de patologias que devem ser tratadas de alguma forma.

(b). Qualidades:

- **Prudência** para conduzir-se de tal modo que o profano, embora suspeito, nunca será capaz de censurar ou conduzir;
- **Amizade** virtude que deve reinar entre os Irmãos;
- **Discrição** reter algo que pode estar sempre sob nossa guarda e, assim, nunca ser surpreendido;
- **Engajamento, disciplina** para aprender a aprender, aprender a conviver e enquadrar-se no âmbito da Ordem, sem *pestanejar*;
- **União** fundamentação da sociedade e do fraternalismo entre os homens;
- **Fidelidade** estreita e estritamente para poder realizar o que se prometeu devido as obrigações juramentadas;
- **Temperança** disciplina do espírito para evitar todos os excessos decrementais, em dignidade, para a alma e para o corpo;

(c). Virtudes:

- **Sabedoria** ensina o conhecimento para criar felicidades, bem-aventuranças e saberes para todos;
- **Beleza, Harmonia** adorna e ajusta a atuação comum e convergente;
- **Divindade** a Maçonaria é de origem Divina e suas sessões celebram, sempre, a interação direta com o sagrado;
- **Honra** qualidade indispensável para suportar e sustentar o Maçom nas suas lides como adepto e obreiro da respeitável Ordem Maçônica;
- **Poder** para desconstruir a profanidade dentro ou fora da Ordem e, agindo assim, despreocupar todos os Irmãos;
- **Glória** o BOM Maçom *não tem preço*, que está acima do máximo, e, com essa atitude e comportamento, glorificar sempre o GADU, que é Deus;
- **Força** necessária para sustentação.

E mais:

- *responsabilidade* é qualidade moral e serve como fórmula voluntária e, até mesmo, natural para verificar-se o sistema de liberdades, em qualquer sociedade;
- ao desenvolver o senso de *responsabilidade* aumenta-se a liberdade interna pela fortificação do caráter;
- o adepto-maçom tem de ter presente o pensamento de que, no foro íntimo, valor e verdade, bem como sentimento e razão, estão em permanente confronto;
- quando a liberdade propõe diferentes vias de ação, ou realização, incluindo certo ou errado, o caráter — com

responsabilidade inerente — assegurará a escolha do certo;

— infelizmente, esse mecanismo sutil entre **responsabilidade e liberdade** nem sempre é compreendido em toda a sua extensão.

A postura mínima que possibilita sobrevivência de uma dada coletividade é a ação Ética. O mundo precisa, e precisa com urgência, de base ética para alicerçá-lo.

A ideia de estabelecer uma Declaração Universal das Responsabilidades Humanas (pela assembleia de nações associadas ao InterAction Council, Conselho mundial voltado para estudos de relacionamentos entre as nações e suas culturas; veja quesitos primordiais no **Anexo III**) não só busca o equilíbrio entre **responsabilidade e liberdade** como, também, reconcilia ideologia com visões políticas ferrenhamente antagônicas no passado. É pena não ter tido a divulgação devida e continuar, no Brasil, *nas mãos de raposa felpuda, dos donos do poder*.

A Verdade, na Maçonaria, é considerada como ponto obrigatório de todo e qualquer Maçom. A própria busca da Verdade confunde-se com ela própria. A disposição de partir para a Busca compõe o direito individual do humano, em relação a sua jornada.

O Oriente, de onde vem a vida e a luz (do Sol; símbolo planetário), é ponto de fuga que está fora do ângulo material. É a perspectiva de um lugar que não se vê e, no sentido real, nem existe. O Oriente, então, é a própria Rosa dos Ventos, mais a carta de navegação, mais o caminho e a própria meta...

(3). Maçonaria

Quem não sabe o que busca, não identifica o que acha.

IMMANUEL KANT

Iniciação é a tomada de consciência imediata, pelo homem (gênero, por enquanto), da imanência divina e suas incidências infinitas. Vai daí que:

- o homem é finito, mas possuído por eflúvios infinitos;
- a via iniciática faz emergir Tradição e Conhecimentos;
- Conhecimento e Tradição são frutos da graça divina e do amor de Deus, o nosso GADU;
- o humano é carente e tem necessidade de fundamentar sua ação sobre algo absoluto.

A Ordem Maçônica, que tem Conhecimento e Tradição como pilares primordiais, é a organização que educa e instrui homens (gênero) a controlar suas vidas de modo responsável e responsivo.

A Ordem Maçônica não é criação humana!?

A Ordem foi (in)criada para unir os homens, nunca para dividi-los. Seus Fundamentos incluem três grandes princípios, quais sejam: amor fraternal, assistência (com voluntariado) e confiabilidade/credibilidade.

A Maçonaria nada tem a ver com as sutilezas especulativas concernentes às verdades tais como fados, fatos e fardos da fé, da ciência, da vida moral, da vida espiritual e das invejas e disputas que tais fermentações ocasionam. Nessas áreas começam as cizânias e divisões, mas a Ordem não foi instituída para dividir... e,

sim, para ser ponto focal de convergência da união final de todas as almas reverentes e abnegadas...

O real propósito da Ordem, em particular, e da vida, como um todo, é a evolução espiritual dos que aspiram aperfeiçoar sua própria natureza, na 1ª. pessoa do singular.

Daí que a missão da Ordem é

reunir pessoas, quaisquer que sejam suas profissões de fé, para satisfazer suas necessidades religiosas, no coração, e suas inquietações metafísicas, no espírito.

A Ordem é grandemente invisível, mas seu todo está em qualquer lugar, em qualquer época, na vida interior das pessoas, dado que é ponto de convergência da união final das almas abnegadas e reverentes. É um universo em si mesmo; não é simples encontro periódico, nem um Poder Central, nem os Templos, embora seja tudo isso a um só tempo!

A Maçonaria é jornada rumo ao mundo divino, via o Conhecimento embutido nos símbolos, ritos e rituais. Ao longo do caminho vão se acentuando e engrossando as responsabilidades para com a família, a comunidade, a pátria e a humanidade.

Vai daí que ela é, sempre, uma jornada das trevas à luz, da ignorância ao Conhecimento, do egocentrismo à compaixão e do egoísmo à caridade

Entre suas propriedades estão: a ênfase na importância das pessoas; revelar e tornar ostensiva a Paternidade de Deus; orientar para a crença na fraternidade entre os humanos e preceituar a dignidade do dever e do trabalho. Cumpridos os procedimentos ligados a essas propriedades, o Maçom fica apto a adotar a filosofia

de vida que dê sentido e para sair em busca da felicidade, aqui e agora.

Defende, por conseguinte, a realização de aspirações sociais de forma moral e politicamente correta. Não há segredo nem regras de interdição nisso.

Um dos motivos da Ordem Maçônica ainda não ter desaparecido, a despeito de registros doutrinários milenares, é a constatação de não ser Escola de Filosofia, fadada a mudar em função da evolução do pensamento humano. A Ordem, ao invés disso, é escola de filosofar e permanece consentânea com a realidade do tempo aqui e agora.

A Maçonaria, hoje, além de ter soluções milenares para o fundamentalismo, o medo, a intolerância e o uso da violência, por algum motivo pouco expresso, senão o seu credo da imortalidade e superioridade da Alma, tem crescido no mundo todo sem razão aparente, não obstante permaneça estacionário o número de adeptos.

A Lei da Ação-Reação só não se aplica no fenômeno do *crescer ou crescer* da célula neoplásica, flagelo do organismo. A expansão das fronteiras das lides maçônicas, entretanto, representada por potências maçônicas, dezenas de nações e interesses de líderes mundiais, encontra consonância com o pensamento doutrinário da Ordem e com a atuação plena dos dirigentes da Maçonaria Brasileira simbólica.

A Loja Maçônica procura deixar ao sabor da vontade de cada obreiro a forma de expressar sua religiosidade e seu próprio modo de venerar a divindade. Espera-se que o adepto, com isso, acreditará na glória da arquitetura do céu e da terra, no G.:A.:D.:U.:,

que é Deus, e praticará o sagrado dever da moralidade, balizado pelo MITO subjacente ao credo maçônico.

Daí, então que a Maçonaria é o centro da união entre os bons e a Verdade, com a garantia de que a felicidade virá da sementeira e da conciliação do Fraternalismo entre aqueles que, por outro lado, ficariam perpetuamente distantes e afastados! ...

O impacto social da Ordem Maçônica é bem difícil de quantificar... e isso faz com que pesquisadores gastem tempo e energia em biografias e origens... e, com isso, mantem acesa a chama das suas lendas e do conhecimento derivado.

As modificações que a Ordem Maçônica tem desfechado nos últimos 20 ou 30 anos denotam, no mínimo, que a Maçonaria, como de fato tem mostrado nos quatro séculos anteriores, quer manter suas doutrinas contemporâneas, sólidas e capazes de fortalecer discurso ou prática que tenha por escopo a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade, o progresso e o bem-estar da Humanidade, aqui e agora.

Integrada na vida nacional, desde tempos imperiais, o GOB – Grande Oriente do Brasil, a maçonaria universal que se faz presente na história do Brasil, traz do processo civilizatório mundial suas qualidades transversas e transcendentais para amalgamá-las, no país, em senso cívico, e lutar pelo progresso e forte contribuição para o desenvolvimento da cultura e da evolução sociocultural brasileira.

A ênfase nas obrigações é necessária e há vários argumentos nesse sentido. Essa ideia pode ser incipiente, apenas, para algumas áreas do mundo. Muitas sociedades, tradicionalmente, têm

abordado relações humanas mais do que como direito, inerente ao humano.

Direito tem a ver com liberdades, assim como Obrigações associam-se às responsabilidades; e isso faz com que obrigações sirvam ao equilíbrio entre responsabilidades e liberdades.

Ao longo dos séculos a Maçonaria tem apregoado, como de fato apregoa, as inter-relações entre esses conceitos, a saber:

- liberdade implica, em qualquer lugar ou afiliação, a existência de limites;

- quanto mais liberdades, portanto, maior é a responsabilidade correlata;

- o cidadão, e no sentido estrito o adepto-maçom, deve movimentar-se, sempre, da liberdade de cultivar a indiferença para a liberdade de escolher...;

- aliás, o caráter só ganha têmpera e rigidez ao manter, sob um único diapasão, o pensar, o sentir e o agir;

- *se o pensamento não bate com as coisas e objetos vai-se a Verdade;*

- *se o pensamento não conjumina com o discurso e o linguajar, aniquilam-se a coerência, a autenticidade e a sinceridades das relações humanas;*

- *se o pensamento está fora de sintonia com a ação vai-se o caráter;*

- há ideologias que hipotecam ênfase na liberdade individual, outras, no inquestionável compromisso coletivo;

- o único balizamento possível é que qualquer extremo é indesejado;

- liberdade irrestrita (como ação de vândalos) é tão perigosa quanto responsabilidades sociais impostas (aceitação de invasores

de terra!?).

Esse conjunto de preceitos, associados a outros seculares, demonstram que a Maçonaria é uma só, a despeito dos homens adotarem rótulos, cercas e barreiras para designarem maçonaria de *todos os tipos, as verdadeiras e as não verdadeiras*, o que é um erro crasso e inominado. Isso retarda a marcha da Ordem para o seu desiderato.

Ao longo do milênio, entre os últimos 100 ou 200 anos, santos, sábios e profetas rogavam à espécie humana que encarassem com seriedade suas responsabilidades. É o caso de Gandhi, com seus sete pecados sociais, prontamente assimilados por membros do InterAction Council (da Declaração Universal das Responsabilidades Humanas), a saber:

- (1)
) Política sem princípios;
- (2)
) Negócios sem moralidade;
- (3)
) Riqueza sem trabalho;
- (4)
) Sabedoria sem caráter;
- (5)
) Ciência sem humanitarismo;
- (6)
) Prazer sem consciência; e
- (7)
) Devoção sem sacrifício.

Maçonaria é escola de superação (espiritual) e, por conseguinte, tem o dever de situar-se na vanguarda dos movimentos científicos e filosóficos, que estejam voltados para o progresso e o bem-estar da humanidade.

Maçonaria é sociedade iniciática, isto é, é como jornada provida de contínua potencialização das qualidades humanas. E isso não quer dizer que deve *empurrar* conhecimentos sobre seus adeptos e, sim, para inculcar neles premissas, preceitos, princípios, proposições e procedimentos filosóficos, sociais e humanistas, sempre atuais, calcados em valores, virtudes e verdades temperadas por longos séculos de civilidade, liberdade e responsabilidade.

O registro histórico permite trazer para os agitados dias republicanos de hoje, repletos de crises mundiais e mudanças de valores, eventos de quase 200 anos passados, cheios de bravura e civismo, de maçons e heróis, que escreveram, às vezes com o sacrifício da própria vida, de forma eterna e gloriosa, uma data de expressiva magnitude, no contexto nacional.

Entre outros, vale registrar, já que não há como mencionar certas conjunturas históricas sem associar-se a intervenção maçônica, a abdicação de D. Pedro I, a independência, a difusão do pensamento liberal, a questão religiosa (quiçá a questão militar!), a luta em prol do laicismo (com a bravura cívica de enfrentar o poderoso monopólio religioso do sagrado, para livrar o Estado desse jugo), o abolicionismo, o movimento republicano entre outros.

No âmbito maçônico, dado que o maçom *ganha o pão* perante o mesmo edifício social, alvo da atuação da Ordem, eis que o obreiro, imerso na crise que assola o planeta, preocupa-se com os rumos da maçonaria nos dias de hoje.

Aqui ou ali, há alertas nas redes sociais insinuando que o maior desafio da Maçonaria atual é seu próprio destino!? Sim, mas sempre

de modo irrelevante, prosélito e desfocado ou tudo ao mesmo tempo.

Embora tenha, de fato, se fragmentado ao longo do século XX, a Ordem segue partilhando o território com suas potências derivadas e buscando seu caminho no contexto global, do processo civilizatório e, já agora, congrega-se em blocos regionais, conformando Confederações entre instituições maçônicas de vários países, e desenvolvem novos discursos, novas fórmulas de abordar problemas, velhos ou novos.

O velho aforisma *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, suporte primordial da retórica política de líderes das 200 nações do planeta, quanto mais surrado mais sublimado vai ficando.

A Maçonaria ao servir de linguagem universal capaz de unir povos e nações, procura alertar não só para a necessidade de olhar para os problemas atuais da humanidade, como levar os Maçons a formar e a alterar consciências. O exercício de uma cidadania mundial, cosmopolita, deve englobar o conjunto dos princípios, valores, atitudes e comportamentos que os povos e nações do mundo devem adotar para a realização do desenvolvimento sustentável.

Cumprir dizer, a propósito, que a historiografia tradicional, mais preocupada em investigar a construção da identidade nacional, deixou em segundo plano, entre 1822 e 1870 – ao longo de cinquenta anos -, a redefinição das atividades maçônicas, sua participação política, sua atuação quase como partido político e as dispersões daí derivadas.

O pensamento oriental, em grande escala, tem comprovado isso.

As noções de comunidade e responsabilidade prevalecem no oriente, enquanto que, tradicionalmente no ocidente, com ênfase desde o Iluminismo do século 17, a tônica efetiva-se sobre os conceitos de individualidade e liberdade.

As potências ocidentais, vitoriosas na segunda grande guerra geral, influenciaram bastante a base cultural e filosófica que originou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, suprimindo, em parte, as *Obrigações Humanas*.

Os que querem certeza não busquem na Maçonaria: a certeza tolhe a imaginação e empurra para opção única de vida; a Maçonaria não tem o que não existe...

Olhando para o breve extrato da jornada brasileira da maçonaria, vista até aqui, já dá para perceber quão intrincada e complexa é a mistura do pensamento maçônico com as ideologias, ideias e ideais que a nação fatalmente cultiva, em face de seu próprio destino.

2. Século XXI

*O atual estágio civilizatório,
sob a plena égide da imprevisibilidade,
representa a primeira vez que a humanidade
sabe, verdadeiramente, que as civilizações
são "mortais": podem "desaparecer"!*
Ciência Noética

O sec. 20 fomentou o desencantamento e as ilusões perdidas. O mundo, hoje, sofre impactantes carências de altruísmo, verdade, valores e ideologias sadias. Os ideais iluministas, tão cultivados pela

Ordem Maçônica, estão perdidos ou com *prazo de validade* quase terminativo.

As mudanças, que implicam ruptura com a ordem (*status quo*) estabelecida, são todas temáticas; não obstante isso, até o início do século 20 as mudanças eram administráveis ... e agora!? ...

O discurso ajustado sintoniza maçons cosmopolitas dos quatro cantos do mundo. Aparentemente a forma de pensar, sentir e agir é nova, mas a finalidade, trazida pela perene Tradição Maçônica, é o bem-estar da espécie humana, da pátria, da família. Essa é a Maçonaria!

Engajamento, harmonia consigo mesmo, certas inquietações e questionamentos metafísicos, caráter excepcional da sociabilidade maçônica, calor humano, fraternidade, entendimento, por exemplo, são coisas que, reunidas em um só diapasão, só os maçons possuem!

Como é fácil constatar *construção* e *sociedade* são palavras indissociáveis da filosofia maçônica, dado que a construção de uma sociedade nova, alicerçada nos valores fundamentais da Liberdade, Igualdade e Fraternidade constitui a ideia-força que a todos, maçons principalmente, deve mover.

Sabe-se agora, contudo, que se tem de estar grato, em primeiro lugar, à sociedade das partículas, depois à sociedade dos seres vegetais e por último à sociedade dos seres animais irracionais que, em progressão inexorável, deram origem e sustentação ao processo civilizatório, permanecendo assim inteiramente fiéis aos desígnios do G.:A.:D.:U.:.

E é exatamente porque o Maçom tem consciência disso e é livre de realizar ou não, sua obra, ao contrário dos seres que integram as

restantes sociedades, muito será exigido, porque muito tem sido dado aos maçons, de forma muito especial.

Esse período não só foi contemporâneo das três grandes unificações, que acarretaram expressivas mudanças de paradigmas, dos EUA, com unidade política e preparando-se para a unidade econômica; da Alemanha, sob a liderança da Prússia, com sinalização para Grande Guerra Geral; e da Itália, imersa no caos total, como coincide com o fim de ciclo na história do Brasil...

A Maçonaria apresenta, enquanto pensamento internacional expansionista, mais de três séculos de história, sempre engajada direta ou indiretamente, nos principais movimentos e ou acontecimentos políticos, sociais e culturais, com ênfase nos séculos XVIII e XIX.

Como é sabido, a evolução, de modo geral, processa-se através de ciclos. Eles existem na história, astronomia, geologia, biologia etc. A sociedade não é estática, é, sim, organismo dinâmico, em constante metamorfose, desafios e réplicas.

3. Aquisição de Saberes e Habilidades

*Meu único desejo é um pouco mais de respeito para o
planetinha Terra, que começou sem o ser humano,
e vai acabar sem ele.*

CLAUDE LÉVY-STRAUSS, antropólogo franco-belga

O *homo sapiens* tem três cérebros distintos, com relativa independência entre si; cada desenvolvimento biológico acarreta maior avanço tecnológico. O cérebro (1), o *reptiliano* é onde reside a

inteligência comportamental; o (2), o do *mamífero*, acoberta a *inteligência emocional*; o (3), o *neocórtex*, é o *racional*.

Os três cérebros exercem autonomamente, em contraponto, dois principais sistemas neurofisiológicos, a saber: o sistema da *autopreservação* e o da *preservação* da espécie. O fato soberbo e entranhado de cada humano experimentar *uma só essência e identidade*, perante dois sistemas funcionais sumamente eficazes, deve-se à alta sofisticação (não destrinchada pelos humanos, ainda!) da comunicação entre os três cérebros.

Thomas Kuhn propôs um paradigma interno que interpreta todos os dados e parâmetros que chegam aos cérebros, derivados dos sentidos, *enquadrando e estruturando* a percepção, o pensar e o comportamento. Neurocientistas já mostraram como a arquitetura cerebral origina as diferentes funcionalidades dos três cérebros e *permite*, via amígdala, que o emocional e o comportamental *façam rapinagem* sobre o racional.

É a amígdala que coloca o humano em alerta diante da possibilidade de risco. Mas é ela, também, que impede o esquecimento de traumas infantis e de eventos que causaram sofrimento.

Obviamente, é interdito *pensar ou considerar*, à luz da razão (*neocórtex*) se a informação é *alienígena* em relação, por exemplo, à programação de mamífero determinada pelo paradigma interno...

Em princípio (mas ainda não *certificado*) um dado paradigma interno consiste de três MITOS arquétipos, a saber:

- (1)
) realidade da estrutura-criação, que remete à questão: **Onde estou?**;

(2

) pertença da estrutura-origem, com: **O quê sou?**; e

(3

) Mito do Herói da identidade e individualidade: **Quem sou?**.

Esses são os filtros da cosmovisão pelos quais o indivíduo vê e idealiza o mundo; e, do ponto de vista da coletividade, os filtros formam o núcleo da identidade cultural da sociedade.

As respostas a essas três perguntas retóricas, arquetípicas, *Onde, Quê e Quem*, criam o único caminho neural, nos cérebros, que estrutura o *construto* da realidade; e é por meio disso que a racionalidade intercepta os dados. De modo permanente o indivíduo, e não importa a validade ou qualidade dos dados, escolhe os dados do mundo que melhor se ajustam às suas respostas e descartam sumariamente os dados estranhos e alienígenas em relação aos Mitos.

Resulta, daí, que o que pode ser perfeitamente óbvio para alguém, ao mesmo tempo, poderá ser totalmente imperceptível para outrem, submetido a um diferente conjunto de mitos. De fato, a *programação cerebral* advinda dos mitos molda o único caminho neural que atua como filtro sobre a experiência de vida. Vale dizer, então, que: *Cérebros humanos são fisiologicamente incapazes de processar dados ou informações estranhas ou alienígenas em relação aos mitos que os programou.*

Ocorrem, do processo, implicações para o desenvolvimento científico; dados pertinentes para um novo conjunto de mitos, salvo se houver salvaguardas para apreciar o fenômeno, se anômalos para, ao menos, um dos mitos correntes, serão descartados.

Há mais sobre esses mitos, senão veja-se:

- não são *abertos* ao bel prazer racional posto que se situam para além do alcance intelectual;
- agem no cérebro mamífero como dispositivo eletrônico digital, aniquilando qualquer dado que não se ajuste; de fato, para o neocórtex os dados *alienígenas* não existem; esses *roubos e sequestros de dados* podem tomar forma assemelhada ao comportamento dos negros sob *apartheid*, direitos não discriminatórios de LGBT ou medicinas alternativas para pesquisadores biomédicos fundamentalistas; e
- formam os fundamentos subjetivos (e temáticos) de qualquer sistema de conhecimento, incluindo os ocidentais.

Esses três Mitos constituem o IMPERATIVO NOÉTICO, pois, além de envolver os três cérebros humanos, abrangem um mundo cognitivo acima e além da geosfera e da biosfera, total definido como Noosfera por Teilhard de Chardin. Noética, como já definido antes, significa Consciência ou *saber interno*.

Por quê imperativo? Antes de tudo porque esses três mitos enquadram o comportamento de cada indivíduo, como primordial e definitiva fonte de toda e qualquer ação. Segundo, porque resulta dessa influência paralela o *imperativo territorial* que, comprovadamente, governa o mundo animal (e, até mesmo, o governo da Ordem Maçônica)..

O estudo desse comportamento animal mostra, via vieses de contraponto como *estímulo* (acesso via desafio), *segurança* (pelo senso de pertença a determinado grupo) e *identidade* (a posição no grupo), o lado bom de cada um, bem como o lado bom de todos, no sentido de manifestar a moralidade natural. No nível humano a

integração é obtida por meio de um *equilíbrio* dinâmico entre verdade, retidão e amor. A moralidade hodierna é produto da estrutura instituída a esses três vieses, pelos três mitos em que se acredita.

4. Mística

*A ordem é o prazer da razão e o caos, a incerteza,
é o desfrute da imaginação.*

PAUL CLAUDEL; dramaturgo francês; 87 em 1955

A Ciência Noética predispõe-se a provar cientificamente assuntos subjetivos como o pensamento, a alma, milagres e fé. Afirma que não existe nada de sobrenatural (nem de revelação) nos milagres feitos por santos e xamãs: essas manifestações são apenas consequência da força do pensamento.

Quando um santo (entenda-se qualquer um dotado de poderes curadores e milagreiros) está prestes a efetuar uma cura, por exemplo, ele tem em seu cérebro substâncias químicas que formam uma espécie de substância natural que chega a ser curativa. Esta substância se cria pela força do pensamento dos tais santos; e pela força do pensamento é que eles curam as pessoas.

Na verdade, segundo a noética, todos temos esse poder dentro de nós, seres cosmogênicos, uma vez que somos nossos próprios criadores. Daí começa a premissa de que os humanos têm componentes divinas, como deuses, o que torna desnecessária a presença de um Deus Criador (seria isso invenção humana para

lidar com possíveis incapacidades e vulnerabilidades?; afinal, o Absoluto não cria na matéria...).

É a ciência noética que aventa a possibilidade de se pesar a alma humana; explica, também, alguns assuntos curiosos, como a previsão do futuro através da medição do pensamento das pessoas.

Em poucas palavras, significa que qualquer um consegue definir o que vai acontecer em futuro próximo, se souber o que a maioria das pessoas está pensando, de vez que esse pensamento tem massa (e poder), fica fácil entender o que pode vir a acontecer (como no Webbot).

Os místicos têm reputação de mistérios. No sentido mais básico, contudo, o místico é aquele que busca a união, ou a unidade. Como esse é anseio generalizado, seríamos todos místicos? Tudo leva a crer, no irromper dessa Era Noética, que sim.

As tradições místicas surgiram para ajudar as pessoas a lembrar de sua verdadeira origem e destino. Lembrando de onde vêm e para onde vão, isso, certamente, ajuda na transformação para relacionamentos pautados por autenticidade, respeito e compaixão.

É a Alma que sabe o *quem* somos; tem-se a chance bem melhor de tornar a alma aquilo para qual ela está destinada. Como Joseph Campbell deixou claro, não se tem de arriscar maior aventura da vida sozinho:

O labirinto é totalmente conhecido. . . onde pensávamos viajar para fora, devemos ir ao centro de nossa própria existência, onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com todo o mundo.

Tradições sagradas do mundo fornecem os marcos e marcadores para esta aventura. Viver vidas de forma consciente, sob motivos

universais, arquétipos e padrões atemporais que ajudarão a descobrir não apenas quem somos, mas também porque tão profundamente ligados a todos.

5. A alma é eterna

*Oração não muda Deus,
mas muda a alma de quem reza.*

SOREN KIERKEGAARD; filósofo dinamarquês; 42 em 1855

A viagem mística é a jornada da alma. Apesar de ser mistério entre mistérios, a alma está no coração de todas as tradições religiosas e espirituais do mundo, que define quem se é na essência. Todas as tradições sagradas concordam que a alma é eterna, que ela existe antes do nascimento e continua depois da morte, com o retorno a Deus.

Reconhecimento similar da natureza ambígua, mas central da alma encontra-se em psicologia, onde psique originalmente significava alma. CG Jung sabia muito bem que a *psicologia, menos ainda, pode se dar ao luxo de ignorar a alma*, pois *tem tudo a ver com a religião, tudo o que é e afirma, toca a alma humana tão de perto*. Para Jung, a alma é o que une a pessoa ao mundo arquetípico, que ajuda a experimentar os elementos universais da vida, essência de todos os outros seres humanos.

O psicólogo James Hillman agudizou o processo de individuação de Jung, de dentro para fora. A sua *teoria da bolota*, que diz que se nasce com imagem da pessoa que em que se vai assumir e a *bolota*

(alma) tem papel fundamental em guiar o indivíduo na direção do padrão de vida orientado para o destino de cada qual.

Marion Woodman, professor de Inglês e analista junguiano, entre conotações espirituais, psicológicas, bem como de natureza conjuntiva e coletiva, vê a alma como *a parte intemporal de nós mesmos*:

Nós somos pequenas faíscas de Uma Alma. Estamos 'animados' neste planeta... somos um povo que habita um país... somos todos parte de uma Alma... Quando nos conectamos com as nossas almas, nos conectamos com a alma de cada ser humano. Entramos em ressonância com todos os seres vivos. A alma é a nossa ligação eterna ao reino imortal.

Significado do mistério

Poderia este projeto de ciência, pensamento e filosofia retratar a jornada da alma desde sua origem, desde sua vida na terra ao seu destino eterno? Isso é uma representação antiga do conceito Criador multi-religioso que todos viemos e, inevitavelmente, voltaremos à corrente da vida?

Há uma série de tradições, de lendas místicas anteriores a Platão, que contam história da alma antes de nascer ganhando conhecimento de sua vida futura, em seguida, esquecer esse conhecimento quando nasceu, e passar o resto de sua vida tentando lembrar o que havia esquecido. Poetas e psicólogos exploraram bastante mais essa metáfora do conhecimento.

Para poetas ingleses contemporâneos do século 19, como William Wordsworth e John Keats, a alma carrega sabedoria intemporal a que se pode ter acesso. Como Wordsworth colocou:

*Nosso nascimento é apenas um sono e um esquecimento:
A alma que se eleva com a gente, da nossa vida,
não teve seu ajuste....
Nossas Almas têm isso de vista imortal
que nos trouxe para cá...*

6. Religiosidade segundo Frankl

Deus não tem religião.

MAHATMA GANDHI, político indiano; 79 em 1948

(1). Dimensão Espiritual ou Noética

Homens e animais são constituídos por dimensões biológica, psicológica e social, contudo, o humano difere dos animais porque faz parte de seu ser a dimensão noética. Em nenhum momento o homem perde as demais dimensões, mas a essência da existência está na dimensão espiritual. Assim, a existência, propriamente humana, é existência espiritual.

Neste sentido, a dimensão noética é considerada superior às demais, sendo também mais abrangente porque inclui as dimensões inferiores, sem negá-las – o que garante a totalidade do homem.

A dimensão espiritual mostra-se, essencialmente, como a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade. Responsabilidade nada se identifica com um caráter moralista pelo qual o indivíduo se obrigaria a agir de acordo com normas introjetadas, mas caracteriza-se justamente pela capacidade de responder, isto é, pela liberdade atuante no momento em que o

homem responde ou se posiciona diante das circunstâncias presentes.

Pressupõe *liberdade para* efetivar seu posicionamento no mundo, manifestando, então, a *irrepetibilidade e caráter de algo único* constituinte de cada homem. Falar de existência, na sua dimensão espiritual, é falar sobretudo do *ser-responsável* e do *ser humano consciente de sua responsabilidade*.

Trata-se não da *liberdade de* condições biológicas, psicológicas e sociais – a que todo homem está submetido – mas, da *liberdade para* uma tomada de posição diante de todas as circunstâncias, cotidianas ou excepcionais. O homem sempre estará exposto a estímulos e determinações ambientais de diversas ordens, mas essa liberdade refere-se à maneira criativa e própria de cada indivíduo, expressa no momento em que *responde* a eles.

Nos campos de concentração nazistas, nos quais foi prisioneiro, Frankl pôde observar bem de perto as diversas maneiras de enfrentar e lidar com aquela circunstância inevitável e com o sofrimento dela decorrente, a que todos estavam submetidos. Naquela situação, cada pessoa posicionava-se de maneira diferente: havia quem se jogasse nas cercas eletrificadas, outro se deixava levar pela impotência e, deprimido, adoecia mais facilmente, outro ainda decidia resistir até o fim porque tinha a esperança de que algo o esperava ao sair dali – uma pessoa a amar, uma obra a realizar, um Deus a quem servir.

Nesta liberdade de resposta, aqueles prisioneiros colocavam-se diante das situações conferindo sempre a elas um sentido, um motivo ou razão pela qual valesse a pena continuar vivendo. A

dimensão espiritual mostra-se, portanto, como uma dimensão não-determinada, mas determinante da existência.

É importante ressaltar que não são apenas nos momentos mais difíceis, ou seja, aqueles de sofrimento, que esta afirmação do ser humano – através da **liberdade e responsabilidade** – encontra sentido para sua vida. No âmbito da clínica, Frankl observou que outros dois caminhos se apresentam como possibilidade de experiências constitutivas de sentido: o **trabalho**, onde se cria algo para alguém; e o **amor**, onde duas pessoas se encontram existencialmente em sua originalidade e insubstituibilidade.

Trabalho pode ser experiência de transcendência de si na qual vivencia-se um valor da própria pessoa ligado à utilidade, podendo chegar a constituir sentido. De maneira semelhante, também o amor possibilita a experiência de transcendência, porém vivida na intersubjetividade: o encontro evidencia o valor do *caráter de algo-único* da(s) pessoa(s).

(2). Inconsciente Noético

Na obra *A Presença Ignorada de Deus* (Frankl, 1993), onde o tema do inconsciente espiritual ou noético é aprofundado, o autor acrescenta a possibilidade da espiritualidade se manifestar no inconsciente, dizendo que *a pessoa profunda, ou seja, o espiritual-existencial em sua dimensão profunda, é sempre inconsciente*.

Não se trata de dizer que a espiritualidade é facultativa, ou às vezes, inconsciente. O que Frankl afirma é que a dimensão espiritual é, obrigatoriamente, ou necessariamente, inconsciente. Ele explica que uma das características mais marcantes desta

dimensão é a *autotranscendência*, ou seja, o homem é constituído de intencionalidade que o dirige para algo ou alguém fora de si mesmo.

É por meio exclusivo desta autotranscedência que o espírito se realiza; somente na execução de atos espirituais – dirigidos a algo ou alguém – é que o espírito se manifesta verdadeiramente, constituindo-se, assim, como *realidade de execução*. Nesta realidade de execução *a pessoa fica tão absorvida ao executar seus atos espirituais que ela não é passível de reflexão na sua verdadeira essência, ou seja, de maneira alguma ela poderia aparecer na sua reflexão*.

Isto acontece, por exemplo, quando o pensamento está profundo e totalmente voltado para um ato muito importante a ponto de não caber a ele perceber-se, simultaneamente. Portanto, a existência-espiritual é irreflexível por não ser passível de reflexão no momento em que ela está se realizando pela autotranscendência.

Observando fenômenos especificamente humanos, via processo indutivo, ou melhor, fenomenológico, Frankl chega a conclusões que melhor caracterizam o inconsciente noético. Os fenômenos escolhidos por ele foram a *consciência moral, o amor e a arte*.

Considere-se o exemplo do fenômeno da consciência moral, definida como a capacidade intuitiva para captar o sentido único possível em cada situação e a partir destes sentidos captados, tomar uma decisão ou estabelecer os julgamentos morais dos atos realizados, o que faz da consciência um órgão de sentido.

No dia a dia, esta consciência moral é conhecida como a *voz da consciência* que sempre nos diz do caminho a tomar em momento de decisão, podendo se manifestar como orientação em situações de indecisão a respeito da ação a ser realizada.

A maneira como a consciência moral se manifesta, nestes momentos de decisão, é considerada como *pré-lógica* ou *irracional* pelo fato de não haver ali raciocínio lógico que anteceda a orientação dada.

Outro motivo para esta atuação irracional ou pré-lógica da consciência é o fato de que ela está ligada ao *ser absolutamente individual*. Não se trata de antecipação de valores sociais instituídos e introjetados pelo sujeito que impulsionará decisão, mas de identificar valores ligados à situação específica e à pessoa específica, em que qualquer regra universal fracassaria.

Trata-se de a consciência moral captar *aquele único ato necessário* que precisa ser realizado pela pessoa, ficando também clara esta característica de exigir, da pessoa, resposta ao que lhe está sendo proposto, por meio da realização do ato ou atitude revelada.

As características apreendidas pela análise existencial da consciência moral são identificadas, também, nos fenômenos da arte e do amor, originários do inconsciente noético. Considerando esses três fenômenos humanos, Frankl apreendeu e explicitou as características que eles têm em comum, contribuindo para melhor compreensão do inconsciente noético e de seu dinamismo atuante no homem.

(3). Inconsciente Noético Transcendente

Na busca de compreensão da existência humana, Frankl se deparou com o fato de que a dimensão noética é também inconsciente e manifesta-se pela via da *intuição*, para a qual voltamos agora nossa atenção. Para que o homem siga a intuição é necessário que considere algo em si que lhe diz o que fazer, que

considere a voz da consciência moral, percebida por ele como algo que não vem de si mesmo, percebida como algo transcendente, *extra-humano* e capaz de orientá-lo.

Frankl acredita que o caráter de *dever*, próprio da consciência moral, não poderia vir do homem, mas sim da transcendência – algo maior do que ele – por se constituir palavra segura, de *autoridade*, que guia o querer de modo eficaz em direção à realização do ***sentido de vida***. Surge no ser-responsável a necessidade de responder à voz da transcendência, usando a livre vontade, iniciando relacionamento com o transcendente.

Este relacionamento com o transcendente acontece mesmo que não possa ser percebido de maneira consciente, ou seja, é ligação intencional com o transcendente ainda que vivida inconscientemente. Assim, o relacionamento com o transcendente revela-se como característica humana, ontológica.

A relação com a transcendência pode ser apreendida pelo sujeito, no vivo da experiência, como diálogo no qual o transcendente é considerado como um *Tu* (segunda pessoa). Ao homem que vive esta possibilidade, Frankl o chama de *homo religiosus*. Contudo, este relacionamento com o *Tu* também pode estar oculto para nós, inconsciente ou reprimido, mas todo homem está sujeito a ele enquanto possibilidade humana. Frankl investigou o inconsciente noético, a partir da análise de sonhos e verificou a presença de conteúdos religiosos reprimidos, mesmo em pessoas irreligiosas, percebendo que a religiosidade poderia ser ocultada psicologicamente diante do eu consciente. Estes trabalhos com análise de sonhos confirmaram que pode haver, no inconsciente noético, religiosidade no sentido do relacionamento inconsciente

com o Tu, de relação constante com o transcendente, considerada por Frankl como *fé inconsciente*.

Pois, assim, como se necessita de coragem para declarar-se partidário daquilo que se reconheceu, é preciso ter humildade para designá-lo com aquela palavra que os homens vêm usando há milênios: a simples palavra *Deus*.

Frankl adverte para alguns cuidados necessários relativos à interpretações errôneas que algumas pessoas podem fazer quanto à teoria que ele está propondo. Falar do relacionamento inconsciente com Deus ou desta presença divina por detrás da consciência moral, em nenhum momento significa que o inconsciente seja divino ou que Deus esteja *dentro* do homem, preenchendo o seu inconsciente.

Também, seria engano acreditar que o inconsciente seja onisciente. Entretanto, o perigo maior que Frankl explica cuidadosamente para que seja evitado, é acreditar que esta relação inconsciente impulse ou force contato do homem com Deus. Este foi o grande erro de Jung, localizar a religiosidade inconsciente no id e acreditar que não é o eu quem decide por Deus, mas o id. *A verdadeira religiosidade não tem caráter de impulso, mas antes de decisão.*

(4). Consciência moral como experiência religiosa

Revisitando o tema da Consciência moral, entendida como fenômeno próprio do homem; a Consciência moral, ou melhor, a voz da transcendência, guia o homem em suas respostas às perguntas que a vida lhe faz através de situações concretas. No momento em que responde, o homem pode elaborar a vivência de diálogo com a

consciência moral, podendo atribuir a este diálogo característica de experiência religiosa.

Do ponto de vista psicológico, o homem religioso é aquele que, ao atender ao falado, experimenta a vivência de alguém que lhe fala, sendo, portanto, por assim dizer, homem de ouvido mais agudo que o homem não religioso: no colóquio com sua consciência – essa conversação mais íntima que se dá a sós consigo mesmo – o seu Deus é o interlocutor que o acompanha.

O homem religioso é capaz de assumir a sua vida como missão a ser cumprida, envolvendo-se com a instância de onde a missão lhe vem, e como desejo do encontro com essa instância. A vida deixa transparecer nesses homens a presença daquele que lhes confere a missão. Este é o *homo religiosus*, o homem que foi capaz – segundo Frankl – de completar a dinâmica ontológica. Nele, ser responsável e ser consciente se dão simultaneamente.

A experiência religiosa, assim caracterizada, é tão importante no caminho da busca do *sentido da vida*, que Frankl chega a afirmar que o homem irreligioso não foi capaz de dar este último passo – o da experiência religiosa – escolhendo ficar no meio do caminho. Caminhando rumo ao sentido, o homem irreligioso parou antes do tempo, pois não foi capaz de perguntar para ir além de sua consciência.

Sim, o sentido da vida, ou simplesmente sentido, nunca virá *de fora*; se ele existe, e ele existe, está religiosamente dentro de cada um, e não é, necessariamente, idêntico.

A experiência religiosa, portanto, está inserida na caminhada para uma vida plena de sentido, na qual o homem explora a força de sua

dimensão espiritual, permitindo-se ser conduzido por Tu, advertido na dinâmica da própria consciência.

Eis então a relação: porque busca (dimensão espiritual), deixa-se conduzir (dimensão religiosa).

Há uma *abissal lacuna* entre essas duas dimensões, que não interessa à teologia, no particular, e à religião, em geral, e que *acaba por gerar a sensação de que a vida vem embutida por uma difusa inutilidade*; isso vem magistralmente retratado no livro *A Viagem do Elefante*, de José Saramago (2008; lusitano, ateu e comunista, 88 em 2010), o único Nobel (1998) em literatura portuguesa registrado. A nota a seguir esboça o sumário dessa *Metáfora da Inutilidade da Vida*, que só figura neste texto, a título de ilustração, e a despeito de sua flagrante bizarrice, por razões didáticas e dialéticas.

NOTA: Metáfora sobre a Inutilidade da vida.

Nascer, viver, morrer e acabou, mais nada; a morte é ter estado e já não estar mais. A vida, de per si, não tem sentido, é o que a obra *A Viagem do Elefante* (2008), de Saramago, traz como *metáfora da inutilidade da vida*, dado que não se consegue fazer dela mais do que o pouco que ela é.

Um dia o Sol desaparecerá... aí, então, o Universo nunca sequer se dará conta de que existiram humanos ditos racionais; nunca, ainda, saberá que houve a revolução Americana (1776), que o Brasil teve um quarto de século, entre 1964 e 1988, de crescimento real e honesto, pleno emprego e paz social, ou que Homero escreveu a *Ilíada*.

Esta metáfora *apoiase em fatos históricos*, do século 16, no qual Salomão, elefante nascido em Goa, então possessão lusitana, é levado para Portugal. Anos depois, sempre acompanhado por Subhro, o adestrador (conarca), o paquiderme é oferecido como *presente de casamento*, por D. João III, o Piedoso, da Dinastia Avis e da expansão atlântica (54 em 1557), a Maximiliano II, Arquiduque da Áustria.

A viagem, de Lisboa a Viena, jornada épica do grande animal, é inacreditável e extraordinária, assinalando a transição que transformou uma inutilidade, para D. João III, a presente inesquecível para Maximiliano II.

O texto foi assimilado como metáfora da vida humana, de cunho escatológico dado que *revela o fim de todas as coisas*. A morte, ou destino final, tal como o elefante, simbolizando a burocracia e o governo, que andou, andou, caminhou, caminhou, levando consigo a corrupção, Subhro, contratado para garantir o bem-estar do elefante, mas que fez uso dele vendendo seu pelo e obtendo lucro em benefício próprio.

No final, apesar de todos os esforços, não foi possível tornar a vida melhor do que ela foi: o elefante, demandando cuidados, morreu. *Suas patas foram cortadas* e, depois, foram usadas ***para colocar guarda-chuva***.

É fácil, daí, constatar que nada, em termos absolutos, é definitivo, inclusive a vida; compreende-se, portanto, a inutilidade do orgulho (anomalia da alma), a pequenez desprezível de disputas e desavenças, a estupidez da ganância, a desfaçatez repulsiva da prepotência e arrogância e ou a incoerência das mágoas idiotas e sem sentido.

7. Sobre a Ciência Noética e a Investigação

Onde há calma: observo; onde há alma: absorvo.

Anônimo

A mais excitante fronteira dos tempos atuais é a consciência humana. A busca é a integração de ciência e espiritualidade, uma visão que faz lembrar a conexão com o *eu interior*, com os outros e com a Terra. O que é a ***intuição*** e como ela funciona? Qual é o papel da mente na saúde e no processo de cura? O que é a criatividade com relação ao potencial humano? O espírito sobrevive após a morte física? Como as experiências paranormais se integram na vida cotidiana? Como podemos encontrar maior inspiração, significado e propósito na vida? Se conhecêssemos as respostas a

estas e outras questões perenes, elas mudariam nosso modo de viver?

INSTITUTE OF NOETIC SCIENCES (IONS)

O Instituto é uma organização americana sem fim lucrativo, mantido por seus membros filiados em todo o mundo. Fica na Petaluma – Califórnia, e foi fundado pelo astronauta Edgar Mitchell, da Apollo 14, em 1973, após extraordinária experiência quando de seu retorno da Lua para a Terra. Mitchell sentiu que a separação entre mente, matéria e espírito se dissolve em experiência de Unidade.

Como cientista bem treinado, ele sabia que a ciência compreenderia a totalidade e a interconexão que ele vivenciou, mas, primeiro, teria de aprender como acessar níveis mais profundos da consciência humana e compreender as forças do coração e da mente, que vão muito além da moldura puramente racional.

Mitchell reconheceu que esta expansão do paradigma científico seria necessária para facilitar as mudanças necessárias para criar sociedade planetária pacífica e sustentável. Ele fundou o IONS com este propósito. Hoje, o Instituto atua nesta Missão de ser organização de pessoas engajadas mundialmente na pesquisa e na educação, criando a ponte entre ciência e espiritualidade.

8. Transformação

A incerteza e o caos estão sempre latentes na vida real.
Ciência Noética

No IONS, persegue-se o estudo do potencial humano, especialmente no laboratório da experiência humana. A ciência moderna não descobriu, ainda, como explorar plenamente esses domínios, embora o potencial de transformação deles seja por demais evidente.

Ao longo da História e em culturas de todo o globo, há infinidade de registros sobre maneiras elevadas de ser e agir, seja na cura, na transformação, na criatividade, desempenho humano e no renascimento espiritual. A ênfase, portanto, é no afã de legitimar as Ciências Noéticas combinando-se estudos científicos e acadêmicos rigorosos, alianças interdisciplinares, pesquisas fora da linha tradicional e a multiplicidade de atividades educacionais e editoriais.

Embora a linguagem da transformação não seja exata, há algo inegavelmente universal nas experiências transformadoras, quaisquer que sejam as formas que elas assumem. Elas geram conexão intensa com o *eu interior* e maior convicção para se viver a vida a partir dos mais profundos valores.

Transformar a consciência é, com alta probabilidade, a ação mais importante que alguém possa realizar para si e para a humanidade. A ciência noética tem como objeto traçar o mapa da área da autotransformação e da transformação.

Cumprir destacar, ademais, que a vida humana, à luz do foco monolítico da noética, é, a um só tempo, oportunidade e escolha para o regresso ao alicerce comum da evolução, sob a condição de que se deve viver imerso e em equilíbrio, simultâneos, em dois mundos, a saber: o relativo-objetivo e o definitivo-subjetivo.

O dilema perene para a ciência, a espiritualidade, a cultura é a abordagem e solução dessa aparente dualidade, que é a relação entre a *existência* (corpo e mente) finita, objetiva e material, e o alicerce comum (o *Espírito*) infinito, perfeitamente subjetivo e que abraça *tudo* de forma *não-dual* e onde *tudo* nasce e participa.

Esse problema demanda *transformação* dado que ele está embutido na raiz da salvação pela fé (soteriológico, quando se trata da fé cristã).

CONCEITOS (PÍLULAS DA TRANSFORMAÇÃO)

– A teoria do caos, principal origem da teoria da complexidade, reconhece e aceita a mudança e a incerteza e, por conseguinte, confronta os determinismos derivados do mecanicismo newtoniano de causalidade linear/simples. Com isso emergiram os paradoxos.

– A organização é dita resiliente quando, ultrapassada a *crise* ela volta ao seu estágio anterior de complexidade. *Crise*, no caso, é qualquer estado caótico no qual emergem comportamentos aparentemente díspares, sempre orientados para confrontar um perigo mediato ou imediato que a todos aflige.

– Se a organização tem capacidade de se auto organizar e, após a *crise*, estabelece-se em patamar de complexidade mais elevado, houve adaptação e ela *aprendeu/apreendeu* algo importante para sua sustentabilidade/permanência. Esse fenômeno do auto aprendizado ocorre, também, em sistemas socioculturais, empresas e ou mercados em *crise*; nesse caso, porém, a capacidade de aprender é, com frequência, inexistente ou bem menor.

– A causalidade complexa não é linear e, portanto, ainda que em organizações complexas, pode não ocorrer qualquer mudança ou ocorrer o oposto ao esperado.

– Em uma organização não há lado de dentro nem de fora: há o contexto em que tudo e todos os sistemas estão juntos e misturados.

– Há tempo operacional e linear (Kronos), para as mentes atreladas a resultados imediatos e contextos estritos; dos relógios e dos calendários. É o tempo cultural que satisfaz às necessidades de quantificação e da administração científica.

– O tempo ontológico e natural (Kairós), é, também, não linear e existencial, pouco percebido por ser subjetivo, não mensurável e requerer ser alvo do método experimental.

– À medida que se sai do curto em direção ao longo prazo, mais se precisa de Kairós e, menos, de Kronos.

– O gênero humano não deve ser o foco, nem foco exclusivo, das metas políticas dado que esse antropocentrismo separa o *sujeito* do seu contexto (o *objeto*) quando, então, ele estará separado do mundo e reduzido, apenas, aos propósitos e necessidades humanas.

– Fora da globalidade do ambiente não há vida, ou seja, não há evolução.

– CAOS é a incerteza que age por meio de leis deterministas, no domínio da microfísica. Em termos de organizações humanas, a microfísica equivale às micro interações entre as pessoas e a micropolítica. O CAOS está sempre latente no mundo real.

– Os sistemas complexos, então, estão sempre à beira do caos. Quem *aparenta* ter respostas, principalmente na cultura brasileira, na

qual dizer *não sei* pode ser sinal de suprema fraqueza, com frequência tem poder... e está a serviço do Caos e do mal.

- A teoria do caos comprova que a incerteza faz parte da sensibilidade dos sistemas complexos em relação às suas condições iniciais. Quanto mais se leva em conta a presença da incerteza mais realista se é.

- A cada dia que começa, longe de serem iguais, há sempre novo ponto de partida, novo começo; é enganoso pensar que são sempre iguais.

- A incerteza produz diferenças e isso impede que a vida seja sucessão interminável de mediocridades e repetições, além de evitar que a humanidade fique estagnada.

Contrapondo-se ao reducionismo psicodinâmico, Frankl (1986) considera que a existência se dá de maneira noodinâmica (dinamismo noético). A noodinâmica é a tensão caracteristicamente humana, a dinâmica existencial. Viver buscando redução de tensão ou homeostase opõe-se à auto transcendência humana. Isso porque a noodinâmica é a tensão que se estabelece entre o homem e o sentido, entre o ser e o dever-ser. E nela está presente a liberdade; os valores que atraem as pessoas não o fazem de maneira irremediável (instintiva/impulsiva), pode-se optar por sua realização. Pode-se escolher uma ou outra possibilidade agindo no mundo, ao contrário da orientação para o equilíbrio interno instintivo. Para finalizar esta síntese vale a pena a interessante disposição de Frankl, quanto à busca da felicidade: *a felicidade não é algo que se busque ou que se persiga; ela deve ser resultante, efeito colateral ou*

*subproduto da realização do **sentido na vida**.* Segundo isso, não se visa à felicidade, pois ela, por si mesma, não acontece.

7.

Termo conclusivo

Sete (7) passos para dominar o ego:

1. Não se sentir ofendido;

Libertar-se da necessidade de:

2. Identificar-se com seus próprios êxitos;

3. Ganhar; 4. Ser superior; 5. Ter razão;

6. Ter mais; e 7. Ter fama.

1. A Maçonaria

*Maçonaria é Ciência da Alma, voltada para instruí-la para
a total subserviência ao Espírito.*

Definição “temperada” pelo Neoplatonismo e Noética

Esta Ordem, simplesmente, apresenta o umbral e o caminho de aperfeiçoamento individual, promovido em grupos ou assembleias, reunidos periodicamente em Lojas. Alerta seus adeptos, portanto, sobre o compromisso vital em relação à Busca, que é o mais importante!

O gênero humano busca, sempre, o Absoluto ou algo que caracterize ou supere a *finitude* de sua própria condição humana. Aliás, o humano *alcançou a globalidade e reúne todas as condições para descrever em tudo, por estar enclausurado na totalidade*. Vive-se, então, o tempo da finitude e, ao mesmo tempo, o mundo da plenitude. A plenitude do progresso lacrou o mundo à volta das pessoas.

Os Estatutos de Ratisbona (1498; na Baviera alemã, entre Munique e Nuremberg), tratava Deus como Ser Onipotente, ou

Todo-poderoso, o que significava que para ELE realizar algo não necessitava de qualquer pressuposto, além de Seu poder infinito.

No Manuscrito Regius (1390, surgido na Inglaterra) na parte dedicada aos *Deveres – Pontos Principais* (15) -, o Décimo Ponto diz que uma dada nação não deve hipotecar qualquer apoio ao laborar em erro ou que permitam tais práticas, com os seguintes termos:

DÉCIMO PONTO

O décimo ponto explica como viver bem

Sem confusão nem discussão.

Se algum dia um maçom for colocado em posição difícil,

Se ele cometer um engano em sua obra

E inventar desculpas,

Ele não hesitará em desonrar seus Companheiros.

Por causa de tais infâmias

O ofício poderá ser censurado.

Se ele aviltar o ofício

Não lhe poupem de nada

E tentem afastá-lo do vício,

Sob pena de verem nascer guerras e conflitos.

Não lhe permitam nenhum repouso. Até que o tenham convencido

A comparecer diante de vocês

De boa ou má vontade.

Durante a assembleia, ele comparecerá

Diante de todos os seus Companheiros reunidos.

Se ele se recusar,

Ele será excluído do ofício

E castigado de acordo com o código de nossos anciãos.

No Brasil, é lícito afirmar, a Ordem Maçônica teve instalação oficial logo no início do século 19, nas pegadas das correntes de pensamentos europeias, iluministas e liberais, típicos do século das Luzes e das Revoluções (sec. 18), a partir do que, a Maçonaria Brasileira se constituiu referencial político e cultural desse ideário.

2. Presentemente

*Os covardes nunca começam,
os fracos nunca terminam
e os fortes nunca desistem (e até vencem).*
Anônimo

No atual estágio civilizatório a eficiência ganha da (s) verdade (s) enquanto as religiões clássicas tornam-se cada vez *menores* em relação a ambas. Há muita desconstrução da (s) Tradição (ões), religiosas ou não. A Ordem Maçônica, imersa neste mundo real, tem probabilidade de sofrer descontinuidades e estagnações até readaptar-se.

(a). Escolhas

Uma das principais causas do sofrimento e da miséria é a ignorância das causas e efeitos, princípios e fins; por essa razão a reunião maçônica induz o dever do compartilhamento do conhecimento (de todos os gêneros) e do desejo consciente de

transpor obstáculos; o aprendente deve, ele próprio, escolher o caminho.

É a razão de se propiciar aos educandos a possibilidade de debater num grupo, em família, os temas com que a Maçonaria os provoca e eles mesmos definirem as suas próprias verdades.

A fim de despertar no aprendente as potencialidades de seus dons, exige-se do Mestre obter conhecimento lato da natureza humana. Para aprofundar-se no conhecimento das características humanas exige-se dele, e do Aprendiz também, capacitação Noética, que conheça antes a si mesmo, da forma a mais ampla possível – é a essência do *conhece-te a ti mesmo* –, o *Nosce te ipsum* de Sócrates, ou, ainda, a fórmula maçônica VITRIOL, de transformação da *pedra bruta*.

A arte de educar da Maçonaria alcança intuição cósmica e esotérica (mística).

(b). Expectativas do Candidato

É ilusão pensar que, pelo fato do aprendente ver-se envolto em uma sociedade de homens bons, livres e de bons costumes, já seja o suficiente para fazer dele um homem *justo*. Se negligenciar e agir sem enquadramento no paradigma, de nada adiantarão Mestres com alta densidade de conhecimento, ele nunca obterá a sabedoria maçônica.

Pelo modelo do mundo, dito *profano*, é atribuição do mestre transmitir conhecimentos e pelo método da Maçonaria cabe ao Mestre induzir o educando a decidir qual caminho deseja seguir em sua jornada. A regra é que cada qual escolha o próprio caminho, já

que o Mestre não induz o conhecimento, nem a educação maçônica, muito menos a Luz e a almejada Sabedoria.

O cidadão que bate à porta do Templo Maçônico, em busca da luz, da formação que leva à sabedoria, e até da *janela cósmica* que o fará observador privilegiado da marcha civilizatória do Conhecimento, espera que a Ordem possua método de ensino que o transformará em ser humano melhor do que já é.

Tempos depois, alguns não encontram esse método *concreto*, esse tesouro, desiludem-se e adormecem. Para estes, a almejada luz foi apenas lampejo. Se fosse fácil os homens do planeta, em número de bilhões (3,6) de almas, com infalível probabilidade, seriam majoritariamente maçons.

Maçonaria é *uma vida para viver*, dentro de padrões culturais iniciáticos; pensar diferente disso é impedir que a Luz e a Sabedoria *entrem*.

É impossível educar terceira pessoa, a não ser que ela, na prática de seu livre arbítrio e de seu livre pensar, consinta e se esforce em *mudar a si próprio*. Só são obteníveis, em termos pragmáticos, a autoeducação e a autotransformação.

O risco maior, já dentro das hostes maçônicas, é que o *maçom*, que não pensa livremente, vire *massa de manobra* de outros maçons, vivendo estereótipos medíocres e não se sinta estimulado a tecer *auto expressão e afirmação individual*.

(c). Autotransformação

No universo dos seres pensantes, preparatório para o *Quinto Domínio, o Reino dos Iniciados*, existe apenas a autoeducação,

rejeitando ideias medíocres, pouco altaneiras e de pobre envergadura.

Cada loja é a união de homens imperfeitos, maravilhosamente livres e de boa vontade, e trabalham a pedra bruta com vontade férrea de alcançar a perfeição, (e de se ver apoiado pelos iguais).

GADU é o elevadíssimo espírito que faculta reunir, no mesmo espaço confinado, com características monásticas, pessoas das mais variadas linhas de pensamentos, temperamentos, culturas e religiões, para debaterem assuntos, de todos os naipes, da sociedade e da vida, sem que briguem e ou se matem. Muitos nem sequer chegam a compreender o instrumento cósmico assim posto e disposto, em bases semanais, pelo elevado espírito.

A meta da geração atual é crescer para além do plano material; isso confunde os processos de vida. Tal disposição, nesta nova era, mostra a consciência correta, em que o mundo espiritual esclarece e revela a vida.

O problema não é só físico: o gênero humano está se consumindo internamente (e não se dá conta...); ***as consciências físicas internas estão se aniquilando***. Há desligamento entre humanos e a dimensão divina, mas tudo depende da Consciência.

(d). Limiares, marcas e marcos

O que a Educação é para as pessoas, a Revelação é para a Humanidade.

G. E. LESSING, filósofo alemão, (52, em 1781)

Presentemente, conforme já registrado, a misericórdia está fenecendo, já que a espécie humana julga o tempo todo. As

peessoas *justas* têm ligação com o espiritual e pedem misericórdia para os outros e julgamento para si. As demais são *perversas* e gastam tempo à toa, o que é transgressão espiritual grave.

Sob a égide da Era Noética, do Conhecimento Verdadeiro, pessoas egoístas serão, todas elas, substituídas por altruístas? Deve-se crer na utopia de que a sociedade constituída pelos governantes do mundo, submetidas às leis terrenas, produzirão pessoas cordatas e *domesticadas*, a ponto de serem idealizadas e unilateralizadas?

Espinosa (45 em 1677, grande racionalista holandês, judeu, do século 17) responde *não* a essas perguntas retóricas, pois o humano é, ao mesmo tempo *demens et sapiens* (demente e sábio), condição que nunca mudará.

Teria o maçom capacidade distópica de anular a utopia da *causa nobre* e de que *os fins justificam os meios*? Permanecerão, os maçons, imersos nessa ignorância junto com toda a humanidade?

Vale reforçar, maçonicamente, que a *alta estirpe da causa nobre* surge no decorrer do processo e da luta, não no fim! O caminho se faz ao andar.

(e). O Coletivo Depende do pessoal

{A Alma é atemporal (está fora do tempo)}

A jornada mística é a *jornada da Alma*; apesar de ser mistério envolta em mistérios, a Alma é o núcleo de todas as religiões do planeta e das tradições espiritualistas. Ela define quem somos na essência. Todas as tradições sagradas, incluindo a Ordem Maçônica, são acordes sobre a eternidade da Alma, que ela

preexiste antes do nascimento e *continua* após a morte e, em certo sentido, que ela vem e retorna a Deus.

3. O Individual

*É bem difícil localizar um gato preto em uma sala escura,
especialmente se não há um gato ali.*

CONFÚCIO

Essa jornada mística e o caminho de ***serviços em vida*** identificam-se, isto é, é único. Cada pessoa tem um papel a desempenhar, pequeno ou grande, não importa, no grande cenário da vida. Cada qual tem algo a oferecer aos demais, à humanidade. Daí que a jornada da Alma é ***extremamente relevante*** e imperiosa para o avanço civilizatório. Pode-se, mesmo, ignorar por completo o próprio papel na Grande Obra, até que sobrevenha a consciência de ser partícipe e integrado e, possa-se incorporar esse estado de reconhecimento no próprio âmago do ser.

Consciência é tudo que importa, já que é a fonte *inesgotável* de tudo que existe. A Ordem Maçônica não consegue dirimir, devido à prática do Supremo desejo de Liberdade de pensamento e expressão, se ela própria é a Consciência das necessidades, a necessidade da Consciência ou ambas.

A forma de *encarar* a cosmovisão que se desenvolve sobre a vida terrena determina como o mundo se transforma para cada qual. A transformação de cada um acarreta mudança no mundo. O universalmente cósmico e o *fora do tempo*, ou *sem o tempo*, é o que

tem sido sagrado, individualmente, desde os primórdios civilizatórios; vale reiterar que a jornada sagrada de cada um é a jornada sagrada de todos: eis aí um dos *mistérios maçônicos*.

Como é obtida a vitória, que cria corpos mais sofisticados para decodificar o cosmos? A Neurociência mostra, por via do *elixir da neuroplasticidade*, que fixar o pensamento em atenção a algo tem o poder (isso é meditação, com sua sistemática), quase mágico, de alterar o cérebro e ampliar seus *circuitos* funcionais.

Corpo e mente são aspectos da Consciência que se misturam adequada e perfeitamente, por intermédio da fluidez dada, por exemplo, pelos neuropeptídios (moléculas geradas no sistema neuronal para alterações de longo prazo). Embora não *corporifique* o pensamento, o neuropeptídio move-se como se o fosse, e serve como ponto de transformação.

Consciência e salto quântico

Ervin Laszlo (86; teórico de sistemas e virtuoso pianista clássico húngaro) autor de mais de 80 (oitenta) livros sobre filosofia, sistemas e neurociência (dentre os quais *A Ciência e o Campo Akáshico: Uma Teoria Integral De Tudo* e *Um Salto Quântico no Cérebro Global*, ambos encontrados em português pela Cultrix, na certeza de que todos e cada qual pode mudar a si mesmo, descreve procedimentos, a saber, para tal.

A primeira medida é contrapor a ideia de **Holismo**, a visão holística contra a separatividade que a visão fragmentária que separa o humano da biosfera e todos os campos da realidade circunstante, uns dos outros.

A segunda é o ***pensamento transversal***, generalizado, entre os dois hemisférios e os três cérebros; a base da *criatividade* está em *mover-se* de modo fluido e harmônico entre eles e utilizar na íntegra toda a potencialidade deles.

A terceira é a ***comunicação***, bem valorizada, isto é, não só angariar conhecimento como, também, comunicá-los aos seus interlocutores. A comunicação é uma, senão a mais importante lei da vida e de toda a evolução. Essa *valorização da comunicação*, do compartilhamento de ideias, ideais, é forte característica da nova consciência.

A quarta é o cultivo à ***simplicidade*** do estilo de vida; a escolha de hábitos parcimoniosos, simples e natural de viver, com *simplicidade voluntária*, sem excessos, garante o consumo responsável, ético e ecológico.

A quinta é a ***espiritualidade***, que se originou na Antiguidade; ela não *coloca* a divindade fora da natureza e do humano. Tudo é divino e os humanos estamos todos juntos e misturados por intermédio da *imanência* dessa divindade. Nesta ideia reside boa esperança para o futuro da humanidade, que tem como *depositário fiel* o deísmo maçônico.

A sexta é o resgate da ***saúde global***, individual, via alimentos naturais, nutracêuticos, em *sintonia com o ambiente*, para atingir-se a ausência de doenças de modo complexo, holístico, total, funcionando no *nível ótimo*.

A sétima, em grau de abstração ampliado, é a ***consciência planetária***, pela qual os seres humanos transitam de um estilo local e egocêntrico, para a *visão global, planetária*. A missão é alcançar, com

tolerância, sentido fraterno, o futuro planetário sustentável e humanizado.

Laszlo fala do *salto quântico* a ser dado de vez que tanto o cérebro humano quanto o Cosmo são quânticos; além disso a nova consciência cresce sem parar e não há como *extinguir consciência*. Só o reino hominal (a) tem a consciência de si mesmo; (b) relaciona-se com o ambiente e com TODOS os demais reinos aí existentes; e (c) tem modelo da realidade e visão própria do mundo.

O reino hominal e a *sociosfera* talhada por ele, são **Sistemas Abertos**, dado que recebem, de fora (exógeno) **energia e informação**. Vive-se e troca-se, em caráter peremptório e perene, com TUDO e TODOS.

O crescimento é linear, sem tropeços, até determinado ponto em que cessa a **estabilidade e a sustentabilidade**. Aí, então, o *sistema* tende a **se transformar** abruptamente (por imperativo Noético); há sempre uma bifurcação, entre duas escolhas opcionais, a saber: (1) entrar em colapso e desaparecer (como tantas outras civilizações, espécies, idiomas, culturas etc.); ou (2) dar o salto quântico, exponencial, para a nova forma de ser e de existir.

O quinto reino, o **reino dos Iniciados**, não necessariamente só de maçons (*que nunca poderiam dar a demonstração de separatividade que a vaidade tem ostentado*), é a convocação viva e latente para compor **a massa crítica** e, com vontade positiva e expansão cósmica da Consciência, *mergulhar na frequência* que comanda o Salto. Será?!

O **salto quântico** é a forma com que a Consciência faz colapsar todas as probabilidades possíveis, das ondas de possibilidades, para que as discontinuidades se tornem realidade concreta. Então,

a Consciência é o juiz (e escolhe) da realidade entre as possibilidades exis-tentes.

Tal como o *quantum* de energia no interior da matéria *desaparece* ao dar o enigmático **salto quântico**, indo de um átomo a outro, o neuropeptídeo, também, em permanente e insondável mistério, faz um caminho errático e incógnito, ainda, para transformar a não matéria em matéria e colapsar o objeto material como sendo a realidade que está à volta do indivíduo.

O Conhecimento e a Consciência foram feitos para o humano; não há certezas já que não se sabe quando ocorrerá determinado **salto quântico**. Mas o humano é o único reino que sabe que morrerá...

A Consciência não depende do cérebro e, sim, o cérebro é que depende da Consciência. O teorema de Godel, um dos mais surpreendente da matemática e, talvez, o único a facultar discussões e incursões filosóficas, ao revelar a possibilidade de incompletude e inconsistência na *pura e virginal* matemática (que não dá brechas para *clonagens interpretativas*), permite afirmar-se que **nenhum sistema pode produzir ou alterar sua própria consciência**.

Há forte paralelo entre as estruturas cósmicas, do universo ilimitado, e as estruturas da Alma, tão ilimitada quanto Deus. *Insigths*, grandes e inopinadas transformações são saltos quânticos.

4. Mensagem final

*Deve-se crer e seguir os que buscam a Verdade, e duvidar,
desprezando, os que já a encontraram.*

ANDRÉ GIDE, escritor francês; NOBEL, 82 em 1951

Os valores da era da jardinagem, para cuidar, nutrir e salvar o planeta, estão repletos de valores femininos. O Espírito prevalece gradualmente e os valores impõem, de modo crescente, verdades e virtudes.

Os caminhos viáveis para o ingresso nesta nova era, do Conhecimento e do Espírito, podem ser resumidos em oito pistas, temperados pelo pensamento simbólico e complementados pela intuição, como sejam:

Aniquilar	todas as idolatrias e escravidões (e servidões morais);
Aprender	a humildade (pode ser pela via da reflexão e meditação);
Assumir	a complexidade do mundo real, desprezando TODOS os reducionismos (e outros <i>ismos</i>);
Cultivar	a pacificação e a suavidade, denunciando toda e qualquer violência; o mito do <i>herói-guerreiro</i> , da espada e da conquista <i>já era</i> ;
Religar	sua vocação de criador da noosfera (com planos espirituais);
Renunciar	a dominar, a se apropriar, a subjugar o que/quem quer que seja;
Subordinar	o político e o econômico ao noético; e
Viver	em harmonia com a natureza, visando guardá-la e servi-la (mito do <i>jardineiro</i> , para proteger o planeta).

Bibliografia

(fontes e referências)

A Felicidade não é:
– destino ou ponto de chegada; é jornada;
– amanhã; é agora;
– dependência; é decisão;
– o que se tem; é o que você é....
OSHO

Referências:

- SCHLITZ, M. M. et alli. “*Noética*”, MR, ESP, 2010.
- GREGÓRIO, F. C. “*Ética e Maçonaria*”, Trolha, 2005.
- BIASI, J. L. “*O Elo perdido da Maçonaria*”, Ágora Hermética, CE, 2012.
- HALÉVY, M. “*A Era do Conhecimento*”, UNESP-FEU, São Paulo, 2008.

Complementares:

- GLEISER, M. “*A Ilha do Conhecimento*”, 3ª., Record, Rio de Janeiro, 2014.
- MATURANA, H. R. et alli. “*A Árvore do Conhecimento*”, 4ª., Palas Athena, S. Paulo, 2004.
- OLIVEIRA, C. “*Maçonaria: passado, presente e futuro*”, Trolha, 2011.
- JOHNSON, S. “*Noetica or The First Principles...*”, Kessinger Pub., 2010.
- SATINOVER, J. “*O cérebro quântico*”, Aleph, São Paulo, 2007.
- GUIMARÃES, J. “*Evolução da Instituição Maçônica*”, Chiado, Lisboa, PT, 2017.

Outros:

Frankl, V. E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Rio: Zahar, 1978.

Frankl, V. E. *La idea psicologica del hombre* (4a.ed.). Madrid: Rialp, 1974.

Frankl, V. E. *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrante, 1989.

Frankl, V. E. *Um sentido para a vida*. São Paulo: Santuário, 1989.

Frankl, V. E. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas, SP: Papirus, 1990

Frankl, V. E. *Psicoterapia na prática*. Campinas, SP: Papirus. 1991.

Frankl, V. E. *A presença ignorada de Deus* (3a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1993

Frankl, V. E. *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração* (7a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

Pela rede:

[www.willisharmanhouse.com.br/open.php?](http://www.willisharmanhouse.com.br/open.php?id_ses=3&pk=64&fk=65&canal=3)

[id_ses=3&pk=64&fk=65&canal=3](http://www.willisharmanhouse.com.br/open.php?id_ses=3&pk=64&fk=65&canal=3)

www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u655246.shtml

www.noetic.org/index.cfm

www.willisharmanhouse.com.br

pt.wikipedia.org/wiki/No%C3%A9tica

cantodooraculo.wordpress.com/2009/11/30/critica-o-simbolo-perdido

www.infoescola.com/ciencias/noetica

www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u655246.shtml

www.pucrs.br/psico/revistapsico/volume36/P36-3p311-4.pdf

(Max

Scheler)

<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642001000200006>

NOÉTICA (alguns vídeos – youtube):

NOÉTICA (alguns vídeos – youtube):

Ciência e Filosofia Noética ... https://youtu.be/EaI2bRCaNoc	Dimensão no ética da criança https://youtu.be/nisn8o2VVjo
Noética (Filosofia) https://youtu.be/M8TQZvdO8IA	A ciência da Consciência https://youtu.be/td1TFBD_r8k
Noética, uma nueva ciência de la consciencia... https://youtu.be/77CziuoQkE	Ciência e espiritualidade https://youtu.be/a9FLWIDgORl
Noética, ciência del futuro. https://youtu.be/6hipuB1T9gU	Pensamento e física quântica (trecho de <i>Quem somos nós?</i>) https://youtu.be/tijjUpKBDSo
Noética – Era do Conhecimento https://youtu.be/8iPKvYzJag	Roda viva 12.MAR.2001 https://youtu.be/FwTFkdtU2us
Noética no Brasil: https://youtu.be/_N137bQHYE	... cérebro... neuroaprendizagem... https://youtu.be/LNHBMFCzznE
Estrutura (bíblica) Noética https://youtu.be/HEbUItmsY5s	Ativismo quântico https://youtu.be/X5iK3M9-HM8
Antropologia Noética https://youtu.be/aW6naH8noko	Cassandre: Sociedade Sadia https://youtu.be/rj-787otXnY
O símbolo perdido (jornalista Jorge Pontual) https://youtu.be/6VW255K-Iko	... a próxima revolução https://youtu.be/M9asWQrMM6j
Ciência Noética https://youtu.be/owDfr6bXIDU	[Suplementar: procurar ver e analisar o filme <i>Uma verdade inconveniente</i> (Meet the truth) produzido por Al Gore]

E mais:

BUCZNY, J. et alli. “*The Noetic perspective...*”, Gdansk Univ., Anais, XVII, 2014.

BOAZ, D. P. “The Noetic Revolution...”, draft, Copper Mountain, Novo México, 2011.

LEONARDI, J. “*O Caminho Noético*”, Dissertação de Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica, USP, Rib. Preto, 2007.

AMOROSO, R. L. “*An Introduction to Noetic Field Theory: ...*”, Univ. Internac de Noética, Ca, USA, 1999.

LORTIE, F. “*Étude sur les principes de la noétique néoplatonicienne*”, tese de Doutorado, Univ. Laval, Québec, Can., 2015.

WILBER, K. “*O Espectro da Consciência*”, Cultrix, 10^a., S. Paulo, 1995.

BAUMAN, Z. “*O mal-estar da Pós-modernidade*”, Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

KAPLAN, E.A. (org.). “*O mal-estar no Pós-modernismo*”, Zahar, Rio-RJ, 1993.

GLOCK. C. I. et alli. “The New Religious Consciousness”, Univ. California, LA, EUA, 1976.

URANTIA. “The Urantia Book”, Fund. Urantia, Chicago, Ill. EUA, 2005.

Anexos

O propósito da vida é ser feliz.

DALAI LAMA

I.

Frases e assertivas simbólicas e filosóficas

Genéricas:

– Gilles Deleuze sugere que se precisa ir além das atuais representações e institucionalizações sociais, para entender-se de modo mais profundo o que acontece à volta dos humanos.

– Theodore Taptiklis e suas considerações sobre a teoria da complexidade e as organizações: deve-se deixar para trás o pensamento sistêmico (ainda confundido com o pensamento complexo), pois seu propósito é sintetizar e achatar a complexidade para ajustá-la ao pensamento mecanicista e monocórdio; o pensamento complexo, ao contrário, está aberto à multiplicidade de atores/vozes presentes, as quais não buscam sínteses nem resultados *definitivos* (que equivale a congelar o próprio fluxo da vida).

– O pensamento complexo é importante para ajudar a superar o simbolismo da causalidade imediata inerente ao pensamento sistêmico. Ele tem valor psicológico, porque ajuda a compreender que a complexidade é natural e, não, algo estranho à vida, e por isso não se deve supersimplificá-la na ilusão de que, assim, seria possível escamoteá-la; o pensamento complexo é a expressão de

uma nova atitude: ao contrário do sistêmico, não procura congelar a realidade em modelos estáticos e redutores, na expectativa de poder controlá-la; refere-se a encontros, conexões, fluxos e acontecimentos. Isso tudo, com sua complexidade, é forma atual de dizer as coisas já sabidas há milênios.

- Nenhum conhecimento deve induzir a vaidades intelectuais e aos torneios de erudição delas resultantes; não deve, ou pelo menos não deveria sustentar o ego de *gurus*, guias e aconselhadores, de todas as colorações.

- Um fragmento citado por Blaise Pascal –

Reputo impossível conhecer as partes sem o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer as partes separadas

- é bem útil para ilustrar duas boas características do pensamento complexo, quais sejam: **(a)** tudo está ligado ao tudo; e **(b)** as partes estão no todo e o todo está nas partes.

- Princípio da convivência entre opostos, contraditórios e complementares, ao mesmo tempo: *nem todos os pares de opostos são excludentes entre si*; há opostos que convivem lado a lado: são os paradoxos; os paradoxos, contrário aos problemas não podem ser resolvidos, mas, sim, gerenciados.

- O ideal hegeliano de que seria, sempre possível, superar as contradições por via da dialética cedeu lugar (nos 1960s) à necessidade de se trabalhar e conviver, também, com os paradoxos.

- A gestão dos paradoxos é um dos instrumentos essenciais do pensamento complexo, bem útil diante da necessidade de sustentabilidade.

– A mudança constante é o próprio processo de vida, por via dos qual os sistemas adaptam-se, uns aos outros, e ao ambiente: os que se adaptam evoluem e os que não conseguem, não evoluem e extinguem-se.

– Jean Paul Sartre afirmou que *o mundo resiste à presença humana*, e existem resistência de ambas as partes. Aqui há um paradoxo: *para seguir vivendo é necessário conservar a identidade e, ao mesmo tempo, mudar.*

– Esse paradoxo é típico da condição humana e, conforme Michel Foucault: *Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo.*

– Em termos humanos, a lógica das pessoas ditas espertas é a dos sistemas simples e isso implica dificuldades de adaptação, de lidar com o novo e o inesperado.

– As pessoas que passaram pelo adestramento têm maneira de pensar dos sistemas complicados não adaptativos ou pouco adaptativos, como as máquinas.

– Já a lógica das pessoas orientadas para a educação é a dos sistemas complexos adaptativos (o que elas, de fato são, por serem seres humanos!). As pessoas inteligentes sabem lidar com os dois polos, a saber: usam a lógica dos sistemas complexos adaptativos, o que elas são exatamente por serem seres vivos, e, também, a dos sistemas complicados não adaptativos (máquinas inventadas e utilizadas pelas pessoas).

– Esperteza e inteligência não se excluem, complementam-se.

– Quer se goste ou não, incerteza (caos) é parte integrante da complexidade da vida. As ciências da complexidade são, também,

chamadas de ciências da incerteza (ou do caos). Pensar em complexidade, inexoravelmente, é pensar em incerteza.

- Às vezes (muitas) a incerteza só existe em grau mínimo, mas tem, sempre, o potencial de aumentar, a qualquer momento, de maneira súbita. São as crises. Os triunfos sobre a incerteza são sempre parciais...

- É difícil para expressiva maioria das pessoas, na cultura ocidental, pensar de maneira diferente da linear/binária, em termos de interconexão de coisas, ideias, pessoas e eventos.

- As pessoas de mente sequencial e analítica raciocinam em termos de causalidade imediata (uma causa, um efeito; um efeito, uma causa).

- A ideia de redes e conexões desafiam a maioria das pessoas que, na maioria das vezes ficam na defensiva.

- O pensamento sistêmico *alivia* um pouco essa angústia da perda do hábito linear, binário e analítico; mas o viés sistêmico é mecanicista e *vende* a ilusão (e o delírio) de que pode eliminar totalmente a incerteza e ou de que ela tem importância secundária.

- A trajetória composta para perseguir-se o projeto técnico é (4 etapas; o engenheiro sempre, inexoravelmente, procura diminuir as incertezas ao máximo possível): projeto, método, elementos (ferramentas e utensílios) e resultados. A escada do conhecimento tem trajetória semelhante (degraus de cima para baixo), a saber: por que fazer (filosofia), o que fazer (métodos/conceitos); como e com que ferramentas fazer (técnicas).

- Vertentes (3) do medo da realidade: (a) não poder controlar o mundo como gostaríamos; (b) não poder ter, em relação ao mundo, as certezas que pretendemos; e (c) não pode prever o futuro com

base nos dados experimentados no passado. O gênero humano, então, resiste a tudo que lhe é diferente...

- As pessoas, em geral, sentem-se ameaçadas pela teoria da complexidade dado que ela questiona fortemente os pressupostos e ilusões acima.

- As pessoas, em geral, também, têm a vontade (quase sempre legítima) de controlar sua vida e seu *entorno*. Isso é chamado do Santo Graal da ciência da complexidade. Caso inclua a consciência da presença da incerteza, essa vontade, esse desejo deve ser estimulado dado que equivale ao reconhecimento de nossas limitações, ao reconhecimento de nossa HÚBRIS.

(**NOTA:** é uma desmesura, presunção, certa arrogância, e, no fundo representa a pretensão de controlar o que não pode ser controlável e explicar o inexplicável, por meio de mensurações e fórmulas simplistas...).

- A húbri tem sido potencializada pelas tecnociências, o que equivale a dizer, pelas ideias de progresso... A esperança humana é aquela de que, um belo dia, as tecnociências proporcionarão esse almejado controle *total*.

- A teoria do caos é, por conseguinte, anti-húbri: uma convocação para o real, efetivo, já que estar vivo implica grau de incerteza irreduzível a métricas, racionalizações, determinismos, ideologias e recursos semelhantes.

- *Gosto de viver perigosamente*, dizem alguns; de fato, a vontade de saber o que está por detrás das áreas da atividade humana, faz com que a inevitabilidade da incerteza seja uma dádiva; sem ela a vida seria repetitiva e monótona.

Filosóficas:

– O pensador fracassa, ao mesmo tempo em que se torna mais humano, quando suas reflexões causam dor e sofrimento.

– O sentimento de empáfia e vaidade arrefece ao perceber-se a responsabilidade que se tem no mundo; e, é claro, ao detectar-se o grau de vaidade própria.

– O mundo, fruto de muita cobiça e interesses individuais, corporativos e espúrios, apresenta de modo cativante momentos singulares de harmonia, alegria e beleza, mistérios insondáveis que surgem do inefável e do *não-lugar*... não é daqui.

– A tradição (gnóstica, religiosa ou não), que reafirma, sempre, a fé que o humano deposita no humano, tem bastante intimidade com a essência da condição humana; isto explica o fato de que, já agora na Era Noética, o humano sente-se muito melhor quando deixa de se considerar o centro do universo.

– A maior densidade espiritual, longe de residir nos textos de autoajuda, não obstante os dogmas religiosos, está sempre escorada na experiência de esvaziamento do *eu*, que implica descentramento de valores.

– Quando o *eu* está desmesuradamente inflado, ao invés de encarar-se como cerne da vida a capacidade de amar outrem, passa-se a confrontar o objetivo e ser amado como o problema principal da existência.

– Sto. Agostinho diz que *Se você quer ser livre, ame*. Se a verdade liberta absolutamente, amar liberta você de você mesmo, o que é primordial.

– A cultura narcisista do homem ser a *medida de todas as coisas*, em franca decadência na era noética, faz o humano voltar-se para maior pro-fundidade espiritual, exercitando a capacidade de amar, abandonando, assim, a preocupação excessiva com o direito (narcisista) de ser amado.

– O *descentramento*, então, torna felizes os dias em que as pessoas estão envolvidas com outras pessoas.

– Nada melhor do que o Templo, e suas dimensões *infinitas*, para descobrir-se quão pequenos somos; não só contribui para o *descentramento* quanto causa a sensação sublimada de que todos dependem de todos e de suas boas vontades. Isso é Fraternalismo!

– É da natureza humana encontrar, ou buscar, o sentido da vida; e vale atentar para a condição de que a espiritualidade séria inclui a descoberta do seu justo lugar no mundo, bem como começar a desenvolver a Consciência do mal que reside em cada qual.

– O Bem, segundo Platão, é generoso, abundante e gerador; ele se doa. Já o Mal, só copia, é incapaz de criar e de colocar alguma coisa onde não havia nada.

– O que afasta e diminui a autoajuda em relação à tradição espiritual remota, é a tentativa narcisista de fazer o ser humano sentir-se bom (isso não se conquista com física quântica, cristal no bolso, meditações, yoga ...).

– O ódio, a inveja e o despeito são atributos humanos e a Ordem Maçônica não tem vacinas e remédios contra isso. Não adianta patuá, pai de santo, talismã ou cristais para livrar-se desses sentimentos pouco maçônicos. E não adianta achar que inveja e despeito é bobagem!

– Enquanto *esotérico* é o conhecimento e o interesse pelo oculto, inefável, *mística* significa uma tradição (quase sempre gnóstica) que descreve uma experiência direta de transcendência; e isso não deriva de um texto pedagógico: é um conhecimento experiencial.

– A mística, presuntivamente para iniciados, pode significar algo misterioso, hermético.

– Aparentemente, no campo filosófico, não há fundamentos para a existência de Deus.

– Há uma coluna de harmonia e da beleza, a misericórdia (e compaixão), que sustenta o mundo. Isso dá sentido religioso, espiritual, imaterial, no âmbito do Templo, a muitas tradições maçônicas, infundindo espiritualidade sem religião.

– A maioria das pessoas precisa de um ritual (prático), um credo que *alivie* suas inquietações metafísicas, e justifique o sofrimento e a dor; o gênero humano é finito, sabe que findará, sente dor, perde quem ama, há violência....

– A Maçonaria supre essa necessidade religiosa de placebo para *aliviar* a dor da condição humana: todos creem em algo comum, trocam experiências, ideias, encontram-se, conversam.

– Quem deixa de acreditar em Deus, porém, acaba acreditando em qualquer outra bobagem, tais como política, natureza, história natural, história, ciência, energias.

II.

Foco sociológico

*Entre um governo que faz o mal e o povo que o consente,
há certa cumplicidade vergonhosa (... e diabólica).*

VICTOR HUGO, escritor francês, 83 em 1885

Espaço social maçônico

O espaço social maçônico, nesta Era atual, do Conhecimento e da Noética, caracteriza-se por obediências que tecem sociabilidade em bases e identidades específicas. Diferentemente dos séculos anteriores, a Ordem Maçônica tem administrado seu espaço social, mediante o protagonismo de seus atores, suas regras *interna corporis*, seus preceitos e seus conflitos domésticos, de forma bem autônoma, a despeito dos embates do passado com a política de governos despóticos e a religião *detentora do monopólio* do sagrado.

Espaço Social Maçônico (conteúdo)

- Maçonaria é grupo de pertença, com Forma e Conteúdo,
- o Conteúdo é formado, principalmente, do Credo, do Rito e do Segredo,
- Forma e Conteúdo mudaram e ainda mudam, no tempo e no espaço (há Rito Mexicano, Rito Brasileiro, Rito Sueco ..., ao lado dos Ritos mais tradicionais).

Espaço Social Maçônico (forma)

O discurso maçônico, então, está sempre medindo, avaliando, a distância que separa a sociedade ideal - construída *interna corporis* nas lides maçônicas da Oficina - do mundo real, *externa corporis*, onde mora o obreiro e porfia sua própria existência.

O Maçom

Disse o Gato para Alice: 'Se você não sabe onde quer ir, não se preocupe, QUALQUER caminho chega lá...'.
LEWIS CARROL. Escritor e matemático, em *Alice no País das Maravilhas*

O homem maduro, o Maçom pela própria essência da missão, com a autonomia que o processo civilizatório trouxe para os indivíduos, equilibra as três dimensões religião, política e moral; **antes, porém, tem de alargar sua consciência espiritual; que torna o equilíbrio possível.** Na Ordem esses procedimentos ocorrem em (de) graus, e o avanço é discreto e de *longo curso*.

Longe de caracterizar-se como um ser esotérico estranho, o Maçom dos dias atuais, *construtor social*, mantém ritualisticamente acesa a chama da crença na construção do ser íntegro e integrado na civilização humana, capaz de melhorá-la continuamente pelo próprio auto aperfeiçoamento; essa é a figura do místico do terceiro milênio, sempre preocupado com o papel da família, da pátria e da humanidade, diante do seu tempo (atual).

Crença e sentido (da vida)

Vale a pena, neste ponto, traçar um breve paralelo entre o cultivo de uma crença e o sentido da vida, do humano e do mundo. Crença, no caso, é tudo que compõe, mobiliza, ou pode mobilizar, certa carga de afetação, na sequência de representação, explícita ou não dos fados e fardos dos fatos da vida.

Na base do sentido da vida há três crenças fundamentais, quais sejam:

(1) crença no conceito monista do mundo todo, no qual o universo inteiro tem a mesma natureza:

- o espírito e a matéria, na natureza essencial, são projeções idênticas da única realidade superior, que não é consciência nem matéria;

- o homem parece ser o ponto de fusão entre a realidade visível dos cosmos e o campo quântico invisível associado; fica, portanto, indissociável o humano e o universo;

- é impossível isolar-se causa em relação ao seu efeito; a realidade não é algo estático e recortável; é impossível entender uma célula, um roedor, uma estrutura cerebral fora do contexto do tecido ou habitat no qual vive;

- a realidade corresponde, literalmente, a um holograma, em que cada parte guarda as características do todo, isto é, cada ponto traz consigo o conjunto de informações relativo a todo o objeto;

(2) crença, da parte do esoterista, no progresso, nada linear, via mutações, do mundo e do humano deambulante nesse mundo:

- na tradição cristã, diz-se que o humano é participante do *Reino dos céus*;

- isso significa que o humano mutante fica integrado no processo de criação cósmica, admitido, cada vez mais, por cientistas;

- no universo newtoniano, o tempo era considerado, tão somente, no estudo do movimento; já agora, o movimento vital na natureza, aponta para um rumo de uma complexidade sempre crescente;

- Ilya Prigogine (86 em 2003; belga-russo; Nobel de Química em 1977), na sua Teoria da Complexidade, explica como os seres vivos estão aumentando a complexidade em que vivem, imersos em um universo entrópico e, supostamente, em degradação;

(3) crença na perspectiva de superar os limites que a ciência clássica atribui e marca a condição e a atividade humana:

- o esoterista crê em vida após a morte, bem como em diversas *realidades nada ordinárias*, tais como comunicação e ação fora do **continuum-espaço-tempo** circunstante, projeção (astral) fora do corpo físico, regressão a vidas passadas...;

- proposta de existência de campos morfogênicos, com implicação de estruturas capazes de manter, independente de fatores espaciais, interligados membros da mesma espécie: o nível de consciência global cresce, simultaneamente, para todos os membros;

- a ciência em vigor, a física quântica, as teorias de Prigogine e, até mesmo personagens de ficção científica de animações e filmes, desnudam uma certa espontaneidade da matéria;

- a interação entre partículas (elétrons, prótons...), sem se importar com a imensidão do espaço interposta entre elas, parece

cravar afinidade substantiva com seres vivo sob telepatia.

Visão Cabalista

*A aquisição de conhecimento pela
experiência é sempre exceção.*

ANTI-LEI DE ROBERTO

Fases da vida

A educação maçônica, aparentemente, começa em uma instrução, palestra ou conferência, quase sempre conduzida por um Mestre Maçom, mas a avaliação final, que só ocorrerá de modo escatológico, nunca produzirá seus efeitos pedagógicos terminativos dado que o resultado é uma vida a ser vivida.

É espinhoso explicar rapidamente esse milenar processo, mas fica claro para o Recipiendário que a autoeducação, algo que acontece *dentro* do aprendente, é fator preponderante.

As fases da vida são mais místicas do que aparentam à primeira vista; são elas:

- impulso de receber tudo imediatamente,
- julgamento,
- misericórdia, e
- tempo.

Em síntese a educação maçônica pode apenas ser vivida; o obreiro é sutilmente convidado a *viver conforme os preceitos e princípios que norteiam o bom, o virtuoso, o justo e o sábio, e isso é resultado de salutar e filosófica convivência.*

Cabala e Árvore da Vida

A espécie humana acredita-se ser material, físico, mas a Cabala, conhecimento milenar dos sumérios e egípcios, ensina que o humano é alma conectada noética e *temporariamente* à matéria, e que a ligação entre o céu e a terra é a psique humana.

A Cabala é ferramenta e método que, independente da religião, profissão de fé que as pessoas normalmente têm, até mesmo por influência familiar, ajuda qualquer indivíduo a atravessar a *passagem terrena da vida* sem esquecer que somos espíritos o tempo todo.

A Árvore da Vida (**AV**) é o diagrama símbolo, é a estrutura que ajuda a perceber, fora da antropologia religiosa (como a Maçonaria), as relações entre Deus, o Cosmos e a Humanidade.

A **AV** representa a imagem do *bebê divino*, o Adam Kadmon ou Homem Primordial. Cada humano é uma célula do corpo de Kadmon e todos, e cada um de nós, estamos na jornada terrena em busca de perfeição.

Foco cabalista

Produzir em termos espirituais é criação da energia que irá curar as pessoas dos males do autoconsumo: é a cura da morte; há que se sentir a dor da morte figuradamente.

No mundo da ordem divina há a consciência do julgamento; para tudo há causa e efeito, que resultam em consequências. A causa leva ao efeito, e depois, ao conhecimento da consequência... e isso depende da consciência de cada qual.

Ao eliminar-se a fonte entre causa e efeito, o tempo deixa de ser necessário e desaparece; disso resulta a consciência do julgamento que, nesse caso, significa **iluminação**.

De acordo com a Bíblia uma dada pessoa é **perversa** quando desperdiça o tempo ao julgar os demais; acaba, também, por desperdiçar sua própria vida, pois, ao invés de compartilhar, critica e julga.

Os **justos**, sabendo que existe julgamento no mundo espiritual, usam misericórdia e indulgência para se corrigir do pecado original. Ele percebe que existe um mundo real de causa e efeito... e transforma julgamento em misericórdia.

O **justo** vive com a consciência de que morrerá *agora*... está sempre pronto! Não tem a consciência ilusória de que ainda *tem tempo*. Sabe que a vida física não tem sentido sem a consciência espiritual da vida eterna. Para a pessoa que tem essa bússola, cada momento é eterno, o valor de cada segundo é valor mágico da vida.

Daí surge o seguinte paradoxo: aquele que vive *com tempo*, na verdade, é uma pessoa morta. Quem vive *sob julgamento*, e sabe que pode morrer a cada segundo, recebe a vida eterna. Tudo está na mente, na transformação de nossa consciência.

Como aproveitar a sabedoria dos **justos**?

(1º.) sair da ideia de que somos **justos**, de que sempre temos razão; isso faz com que não se atraia (muito) críticas e julgamentos, como, também, não criticaremos e nem julgaremos outras pessoas;

(2º.) o bom pensar orienta aproveitar-se a consciência dos **justos**; ao adentrar-se à consciência dos justos e seus legados,

aproveita-se o tempo e a energia de misericórdia que eles deixaram para o mundo físico.

Tempo é a energia da misericórdia e esse é o pecado mais grave que se pode cometer: eis a pessoa **perversa**. Presentemente, o efeito está bem mais próximo da causa; o tempo de misericórdia está acabando. A Humanidade está adentrando ao mundo das causas e efeitos imediatos, típico do mundo espiritual.

Tetragrama

Se você acha que pode ou se você acha que não pode,
de qualquer maneira você tem razão.

HENRY FORD, empresário

O Tetragrama, o Hashem ou o *Nome* representa as 4 fases do processo de realização do Recipiendário no mundo (pelas quais todos passamos). O nome sagrado representa, também, a evolução espiritual da consciência coletiva divina dos seres humanos, que é a Árvore da Vida.

A vida é bem preciosa; mais do que ela, contudo, é a revelação da Luz Infinita ou vida eterna. O preço é alto, e não é nada fácil largar o prazer do mundo físico (sentidos locupletados), que é imediato, para receber o prazer do Infinito, tido como receptível apenas após a morte...

Embora o bom pensar diga que o prazer infinito, do paraíso, está presente aqui e agora, na Terra, foi a religião que inventou isso –

para tributar indulgências, misericórdias e perdões –, relegando o contentamento infinito para depois da morte!

III.

Quesitos para a Declaração Universal das Responsabilidades Humanas

Quem fala semeia; quem escuta colhe.

PITÁGORAS, VI a.C.

Preliminar

O InterAction Council já promoveu dois fortes movimentos, entre outros, voltados (1) para um Padrão de Ética Global, com líderes religiosos de todo o mundo; e, em decorrência da formulação das Nações Unidas sobre as Obrigações Humanas, complemento dos Direitos Humanos, (2) para iniciar um esboço do que seria a Declaração de Obrigações ou Responsabilidades Humanas.

No caso das profissões de fé, todos ficaram desvanecidos dado que (1) revelou-se forte identidade entre religiões díspares quanto aos mandamentos e regras; e (2) o que seria um **Pacto de Tolerância** entre elas já vinha sendo praticado há mais de três séculos pela Ordem Maçônica, em todo o mundo, mercê de sua atuação universal.

Já as Obrigações Humanas ficaram claras que era movimento para apaziguar ideologias, visões políticas, principalmente as mais antagonistas, para além, simplesmente de meio de equilíbrio entre **responsabilidade e liberdade**.

Direitos mais Obrigações

Ora, atribuições e direitos são fortemente atados, em *nó górdio*, e a ideia dos direitos humanos só encontra consequência virtuosa e eficaz se houver responsabilidades de todos e cada qual. Vale destacar que, não obstante regras comunitárias, qualquer relação humana, ainda que dois a dois, só prosperam na vigência de direitos e obrigações recíprocas.

A Regra Áurea que foi destaque na Pacto de Tolerância entre as religiões, aliás, mostra, até por sua natural universalidade, que não carece de um sistema complexo para orientar as ações humanas; se seguida essa vetusta regra já garante boas relações humanas, diz ela: ***Faça a outrem aquilo que queres que te façam.***

Tendo em mente a Regra de Ouro, a Declaração Universal dos Direitos Humanos e alguns quesitos, como a seguir, foi possível balizar e produzir a Declaração Universal das Obrigações Humanas.

Quesitos iniciais:

Direito {se temos}	Obrigação de {então, temos}
à vida	respeitar a vida
à liberdade	respeitar a liberdade dos outros
à segurança	criar condições para que TODOS desfrutem da segurança
a participar do processo eleitoral e eleger nossos líderes	participar e assegurar que os melhores líderes serão escolhidos
a trabalhar, para prover padrões decentes de vida, para mim e meus familiares, sob condições justas e favoráveis	dar o máximo que em mim couber, da minha capacidade
à liberdade de pensamento, consciência e religião	respeitar outros princípios de pensamento ou religiosos
a receber educação	aprender tanto quanto caiba na minha

	capacidade e, onde possível, compartilhar conhecimentos e experiências com os outros
a extrair benefícios generosos da terra	respeitar, cuidar e restaurar a terra e seus recursos naturais.

Os seres humanos temos potencial ilimitado de automotivação e, por conseguinte, deve-se orientar, responsiva e responsavelmente, toda a capacidade possível das dimensões física, emocional, noética, intelectual e espiritual para manter em alto desempenho essa automotivação!

IV.

Neoplatonismo

O homem propõe, Deus dispõe.

TOMÁS A. KEMPES

Amônio Sacas (67 em 242), extraordinário filósofo, um dos idealizadores do Neoplatonismo, fundou a **escola alexandrina** cujo tema primordial será Platão e sua obra.

Cumprir dizer, neste ponto, até para sublinhar a obra de Platão como acesso insuperável em matéria de filosofia e de ação da vida, de todos os tempos.

Há quem diga, diante da história do pensamento, que *Platão já disse tudo*, tal a influência **perene** que sua forma ativa e repleta de paradigmas de ação formata, ainda nos dias atuais com força e vigor, a forma de pensar e o livre pensar.

As reflexões, silogismos e premissas de Platão guiam os que **querem sair da caverna escura**, ultrapassam a mera retórica das ideias e exibem um universo cósmico repleto de chances para a ação.

Seus ensinamentos e aforismos, atuais e efetivos, portanto, em boa parte, parecem ter sido maturados e escritos **ontem**, enriquecendo a arte da vida.

O Neoplatonismo é verbete que define o conjunto formado por doutrinas e escolas de inspiração platônica, entre os séculos 3 (com

a fundação da escola de Alexandria) e o 6 (com o fechamento da Escola de Atenas, pelo édito de Justiniano, em 529).

O Neoplatonismo é voltado para aspectos espirituais e cosmológicos do pensamento platônico, sintetizando o platonismo com a teologia egípcia e judaica. Sacas, Plotino e seus discípulos, tiveram o cuidado de deixar preocupação política com os políticos, que povoavam o pensamento platônico: eles achavam que era pura perda de tempo decorrente do terreno caviloso e movediço da política.

Sacas considerava a alma imaterial; e a forma adogmática com que eles teciam suas cosmogonias influenciou definitivamente o embrião maçônico que nasceria do neoplatonismo.

No Renascimento, havia um *instinto* filosófico que mirava a síntese do **sistema de pensar**, com vistas a encontrar a filosofia universal, comum, capaz de encampar a vasta margem do pensamento humano.

A maior das sínteses foi obtida pelo filósofo neoplatônico Pico della Mirandola (31 em 1494) e envolvia Platonismo, Aristotelismo, Estoicismo, pensamento hebreu, misticismo judaico, filosofia árabe e um conjunto de outras ideias que formavam um *sistema de filosofias avulsas*.

A tradição platônica ganhou consistência e continuidade não só pelos diálogos e ensinamentos de Platão, como, também, com tanta maior razão, pela Academia de Platão que durou até 539 da era vulgar, quase um milênio de atividades intelectuais e intensa fermentação.

A filosofia de Platão mudou ao longo de todos os séculos, de modo a formar duas categorias, a saber:

– **Platonismo do meio** traçou uma visão de que as forças ou ideais eternos, que abrangem o mundo das aparências, são pensamentos de alguns deuses ou divindades singulares; isso significa que todas as categorias abstratas e as matemáticas estão mais próximas da mente de Deus do que qualquer outra coisa;

– **Neoplatonismo**, que quer combinar Platonismo com outras filosofias *maiores* tais como Estoicismo, Aristotelismo e várias teologias; cumpre dizer que a atividade neoplatônica se assemelha à síntese que ocorreu na China, para aglutinar miríades de escolas filosóficas.

Dois dos mais importantes, Próclus (filósofo grego; neoplatônico; 73 em 485) e Plotino, muito ativos no 3º. Século cristão, desfecharam a síntese mais sistemática dos pensamentos romano e grego, que embasaram a tradição europeia.

Próclus e Plotino fundiram a forma platônica com conceitos aristotélicos na formação de uma hierarquia universal ordenada. No topo desta hierarquia estava *um único Deus* e todos os demais níveis abaixo (como a Terra, por exemplo) constituíam emanção desse único Deus.

Ao morrer, Plotino que investigara ideias esotéricas sobre a alma, legou aos seus discípulos, Jâmblico (80 em 325) e Porfírio (75 em 309) os estudos da alma e eles se tornaram responsáveis pelo lado místico do neoplatonismo.

Três tradições distintas preservaram a Tradição Platônica na Idade Média, a saber:

– a **Europeia**, onde o Neoplatonismo nunca morreu porque foi o cerne do pensamento filosófico de Agostinho (Santo, teólogo, filósofo *em latim*; 76 em 430) e Boécio (teólogo, filósofo, romano; 45 em 525); o conhecimento deixado por Platão nunca se perdeu e foi lido em latim (também) em toda a idade Média;

– a **Islâmica**, que preferiu Aristóteles, não ignorou Platão mas privilegiou Aristóteles ao máximo, no século 12, quando se mesclaram com a tradição europeia; neste século 12 a tradição europeia absorveu fortes *dosagens aristotélicas* que redundou no declínio da predominância de Platão e Agostinho; e

– a **Bizantina**, que foi a mais dinâmica; eles transplantaram especulações neoplatônicas a respeito de ideias divinas sobre o mundo físico; isso resultou no amálgama do Platonismo com o Cristianismo.

Gemisto Pletão (filósofo grego, neoplatônico; 97 em 1452), o mais ativo neoplatonista dos séculos 14 e 15, bastante significativo para o Renascimento, internalizou na Itália as tradições Bizantinas. Ele tornou evidente que os sistemas platônicos e aristotélico eram conflituosos entre si.

Para fins práticos, porém, o Renascimento continuou com as três Tradições. Os **européus** herdaram a síntese platonismo/cristianismo e muitos declararam-se agostinianos.

Os **islâmicos** empurraram os europeus para o empirismo, lógica, hierarquia, conhecimentos qualitativos em relação às *ideias divinas*.

A influência poderosa foi a **bizantina** que deu sequência às especulações neoplatônicas sobre a mente de Deus e, o que é mais importante, confirmou a tradição de sintetizar tradições e sistemas filosóficos.

Marsílio Ficino (filósofo italiano; o maior representante do Humanismo florentino; 66 em 1499) foi o neoplatônico mais importante do renascimento, junto com seu discípulo Pico della Mirandola; tinha mente ativa e dinâmica e foi responsável pela difusão de conhecimentos acadêmicos.

Ficino afirmava que *a alma é imortal e é o centro do universo*. Além de centro da criação, a alma é o termo médio de todas as coisas no universo.

A dignidade do gênero humano – e da humanidade, por consequência --, enfatizada por Ficino, derivou das correntes humanistas da época. Ficino desenvolveu e batizou o conceito que chamou de *Amor Platônico*, e que firmou raízes na Europa e na humanidade, como um todo.

Os aspectos mais influenciadores do Neoplatonismo, na cultura Ocidental, foram ênfase na prioridade e nas certezas das matemáticas, bem como a doutrina do *Amor Platônico*.

O neoplatonismo, ***sui generis*** sistema de sintetizar pensamentos da evolução civilizatória, participa de forma insólita, simultânea e majoritária tanto do embrião ***dogmático*** das Religiões, que viriam nos milênios subsequentes, quanto no embrião ***adogmático*** da Ordem Maçônica.

Escondidas atrás de seus próprios dogmas é compreensível que as religiões, isoladas ou em grupos tenham restrições à expansão da Maçonaria...

Em síntese, o **Neoplatonismo** é, geralmente, filosofia metafísica e epistemológica; é uma espécie de ideologia monista com elementos politeístas.

Morre aos 65, em 270 d.C., Plotino, discípulo de Amônio Sacas; um dos documentos básicos e práticos do **neoplatonismo** foi a obra de Plotino ***Eneádas***, considerado o sistematizador do Neoplatonismo. Plotino investigou uma ideia mística apoiada em dois vieses, quais sejam: a *prédica*, da elevada origem da alma, e a *prática* de como a alma pode voltar ao eterno Ser Supremo.

NOTA: A *Eneádas*, texto da essência da mitologia egípcia, retratou nove divindades com laços familiares entre si, como sejam: CHU (o **ar**), TEFNUT (a **humidade**), que tiveram os dois filhos a seguir: GEB (a **terra**) e NUT (o **céu**); Geb e Nut tiveram cinco filhos, a seguir: OSÍRIS, ÍSIS, SET, HÓRUS e NÉFTIS, totalizando nove deuses.

Em Roma, em 1486, com apenas 23 anos, Giovanni Pico della Mirandola, cabalista, *neoplatônico*, eclético, junto com seu mestre Marsílio Ficino os maiores neoplatônicos até o século 16/17, lança sua obra mais conhecida (uma obra *maçônica* em sua essência): *Discurso sobre a Dignidade do Homem*.

De família aristocrática lançou um repto ao mundo civilizado, à época, oferecendo pagar todos os custos de uma viagem a Roma, para quem quisesse desafiá-lo sobre suas 900 teses mesclando hermetismo, cabalismo, *neoplatonismo*, lógica, física, matemática ou outro conhecimento humano similar.

V.

Pecado, sem perdão ou salvação (conceitos esparsos)

O escopo deste texto, de natureza propedêutica, não comporta análise fria e descompromissada com tradições milenares que sustentam religiões vetustas e bem assentadas. A humanidade segue em busca de destino comum, que traga a felicidade, que já foi *sonhada* como sendo a composição do *máximo do prazer com o mínimo de dor*.

É claro, no entanto, nos dias atuais, que as religiões contadas aos milhares, não contribuem para a busca da felicidade, nem sequer da fraternidade entre os humanos. Vai daí que se seguem várias afirmativas e conceitos teológicos e religiosos, fora do escopo da disciplina e, ao mesmo tempo, em consonância com os parágrafos preliminares do **capítulo 1. Antecedentes**, para o talante do amado leitor; são elas:

– Pio XII (82 em 1958; ainda hoje uma das maiores referências do Vaticano, pelo volume de textos litúrgicos, burocráticos e por características estadistas, em meados do século 20) afirmava que o *maior pecado do século 20 é a perda do sentido de pecado*, e, vindo de Pio XII dá uma excelente medida do valor do pecado para a religião;

– é de pouca valia, nos dias atuais, tentar determinar *quem inventou o pecado*, até porque quem crê, crê e ponto final; destarte essa invenção do conceito de pecado, **tem características de**

dominação sobre as pessoas, o que não se coaduna com a divindade;

– o **pecado** diz respeito à questão inerente aos aspectos humanos, porque vinculado à cosmovisão, o modo como o humano parte da **escolha primordial** para a prática dessa escolha; esta é *regra de vida* e provoca reflexões sobre ansiedades, desejos reprimidos, sentimentos, delírios, tendências (vivas e ou sentidas) e incômodos em geral;

– há indivíduos extremados, narcisistas, egocêntricos...; estaria a humanidade em crise?

– a pós-modernidade trouxe embutida a ausência de consistência na sua designação: aparentemente, isso denuncia mais incerteza que determinação (?); a falta de um *nome próprio* para essa era, aumenta a difusa similaridade com a era da modernidade;

– qualquer que seja o foco da crise ela não comporta delírios nem postura desesperada dado que ela sempre será mero desafio ao agir humano, que invariavelmente prepondera;

– se a crise for de **sentido**, então, que é o que interessa ao texto, suas raízes, de fato, estarão na contemporaneidade;

– a falta de sentido e objetividade de vida, que alcança as pessoas em escala *pandêmica*, corresponde ao que alguns autores chamam a *Era do Vazio*;

– presentemente tem-se:

□ mudanças velozes,

□ Indiferentismo; consumismo,

□ busca-se autonomia exacerbada e desfocada,

□ culto de si próprio (narcisismo),

□ vive-se a tentativa da plena fruição dos sentidos, aqui e agora,
□ exaltação do corpo; erotismo e sensualidade banalizados,
□ a religião assume conotações privatizadas,
□ as profissões de fé são buscadas tendo por referências tipificações pessoais,

□ há sincretismo herético e promíscuo, na vã tentativa de se atingir, simultaneamente, alvos sociais, espirituais e satisfação pessoal,

□ a volta ao sagrado, tímida e nebulosa, verifica-se à revelia da fé e da religião abraçada;

– a era hipermoderna, embora não tenha extinguido a necessidade de apelar para o sagrado, acabou por rearranjar tudo, com individualismo, dispersão (milhares de religiões!), *privatizações*, dramatizações de crenças e práticas;

– procura-se com afincado, desfrutar da transcendência... sem o Transcendente;

– a indiferença pode estar aniquilando a Esperança e instaurando o vazio angustiante de sentido;

– hoje, a indiferença dissolve o interesse em arguir razões para a descrença, que se espraia; essa indiferença existencial ocupou o lugar antes ocupado pelo ateísmo sistemático;

– há crise de alteridade: perde-se a visão do próximo como semelhante e distinto de si próprio;

– o consumismo, ao mesmo tempo que *dessocializa* as pessoas, lança-as na vala comum, socializando-as pela lógica midiática e das necessidades;

– tudo vira objeto para um dado ego (sujeito);

– o hiperconsumo invade a alma religiosa, sob o pálio do **antropocentrismo** que, em *um passe de alquimia*, transforma o fiel, adepto, em cliente (\$\$);

– os valores movem as pessoas; o que ou quem deve ficar no topo da escala de valores?

– ao colocar o ego ou, por exemplo, o modismo ou a moda, no topo da escala, o caos começa a aumentar e a pessoa fragmenta-se e vê todos os seus relacionamentos implodirem, fazendo desmoronar aquela cosmovisão, escolha primordial, que deveria ser consistente para sustentar toda a jornada terrena da vida;

– relacionamentos relaxados e inconsequentes, desleixo com o cultivo da natureza, casais livres e imponderados, divórcios e separações a granel, volatilidade na troca de valores, aspirações, moral titubeante e permissiva, síndromes patológicas (estresse, depressão, autismo, bipolaridades, doenças autoimunes...);

– Zygmunt Bauman (professor, sociólogo e filósofo judeu-polonês; 91 em 2017) afirma que a modernidade (e a moralidade) é líquida, dado que *flui por entre os dedos*; constatou que a era atual é dos especialistas em *identificação de problemas*, dos *coachs*, dos restauradores de personalidades, orientadores casamenteiros, diretores de cerimônias *free-lancers*, dos livros de autoajuda, do *do it yourself*, do surto de aconselhamentos, dos testes vocacionais inócuos e com laivos de contravenção etc.;

– neste contexto fragmentário, perfeitamente líquido e alienável, a identidade sofre a alquimia do *neonarcisismo*, o que contribui para a explosão das *personalidades rebeldes sem causa*;

– Bauman, no bojo de sua modernidade líquida, detectou uma moralidade sem o viés código de ética;

– e mais: ética **vira** estética; desaparece o permanente, nos compromissos duradouros, a razão moderna fareja opressão; no engajamento permanente vê-se dependência incapacitante;

– nunca antes, ao longo do processo civilizatório, o humano esteve:

- mais informado e mais desarticulado;
- mais adulto e mais instável;
- menos ideológico e mais influenciável (pelas redes e pela mídia);
- mais cético e menos profundo;
- mais crítico e mais superficial;

– o paradoxal é que envolto em magnífico e estonteante avanço tecnocientífico, o humano vai se esfacelando por falta de sentido;

– há uma infinidade de expressões que ainda não estão devidamente decodificadas, que se refletem, em paralelo, na expressão do *sentido mórbido de culpa*;

– a religião, em geral, em paralelo, e as profissões de fé *cristãs* (inúmeras), lidam secularmente com as noções, *teológicas e religiosas, de pecado, sofrimento, salvação, perdão, remorso etc.*; e, para além de impactar o equilíbrio de inúmeras pessoas, provocam profunda indiferença...;

– perceber-se **culpado**, contudo, em nível consciente, com a capacidade de assimilar esse desafio, é sinal de *maturidade* moral, dado que a culpa possibilita o burilamento de sua *pedra bruta interior*, além de juntar-se aos *justos*, pois pede e é julgado pelo *tribunal de foro íntimo*;

– principalmente no cristianismo, e suas inúmeras igrejas, apostólicas ou não, trinitárias ou não, ortodoxas ou não, o pecado e a culpa tornaram-se fenômeno único: o adepto arca com todas as más qualidades, segundo uma visão do pecado exagerada e, até certo ponto, equivocada; isso deu causa à crise de sentido e ao desfalecimento da sua própria percepção;

– o sentimento de culpa, e as religiões trabalham com proficiência nessa vertente, freia os impulsos humanos e torna trágica a existência; não há valores superiores que compensem (à altura) desejos suprimidos;

– a culpa é, de fato, símbolo do mal, tão grato às religiões (até como *elemento coercitivo*); *culpa, liberdade e consciência* estão imbricados nesse ***juízo***;

– sentir-se culpado e tomar consciência são sinônimos semânticos; o ser humano, a propósito, só se sente ***responsável*** por aquilo que experimenta como culpa (ou compromisso) interior;

– a experiência da *alteridade*, porque o semelhante resiste ao que se deseja, e a experiência *das próprias limitações*, porque mostra a impotência de se realizar o que se propõe, são as experiências que compõem as duas *vertentes da culpabilidade*;

– há, também, duas formas concretas de demonstrar culpa, a saber: o *sentimento de culpa* (expresso por *escrúpulos* - rejeição real da culpa; *remorso* – autopunição que leva a reparar, indefinidamente, o passado condenável; e a *auto justificação* – culpa bem forte que acarreta o comportamento auto justificado); e a *consciência de culpa*, consciente, portando as seguintes duas referências: a lei externa e a voz da consciência;

– a *consciência de culpa* reflete a dimensão moral do agir humano; por isso ela tem estreito vínculo com o pecado, na visão religiosa; e está implícita a **responsabilidade**, elemento-chave do pecado;

– pecado, consciência de culpa e *responsabilidade* são interdependentes (assim como culpa, liberdade e consciência têm vibrações comuns);

– o pecado pressupõe *responsabilidade* dado que só há pecado quando se age de forma consciente e livre, o que torna o protagonista responsável;

– liberdade, *ser livre*, vertente pouco dirimida para o adepto iniciante na Ordem Maçônica, encontra nesse mecanismo de *culpa, liberdade, consciência e responsabilidade* o cerne crucial da questão; a Maçonaria, fora da antropologia religiosa e, reciprocamente, fora do jogo do monopólio do sagrado, considera inócua e sem significado a figura do pecado sob as tintas religiosas; o maçom é, antes de tudo, *maduro, consciente e age livremente* porque tem a obrigação juramentada de *polir sua pedra bruta* e assumir *responsabilidade correlata* por todos os seus atos; eis o mecanismo da liberdade: se errar ele passa, sem burocracia, pela dupla jurisdição do seu tribunal interior, o mais inclemente e cruel do universo, e, concomitante, passa pelo crivo da assembleia dos seus Irmãos;

– é a **responsabilidade** que correlaciona e coordena a culpa com o sentido de pecado;

– a responsabilidade e as declarações de obrigações e deveres (confrontar o *anexo III – Quesitos para a Declaração de Deveres*) são cada vez menos presentes: estão se volatilizando;

– com o elo vinculante – a responsabilidade – cada vez mais enfraquecido, a culpa consciente, eclipsando o pecado, vão desaparecendo;

– à medida que as responsabilidades se desmaterializam, a permanência da humanidade fica ameaçada;

– presentemente, com a responsabilidade em crise, a tendência é que tudo fique explicitado por condições e condicionamentos;

– as relativizações não são bem-vindas dado que *onde tudo é relativo, tudo é subjetivo*;

– hoje, tem-se medo de tudo, menos do pecado;

– a experiência moral inicia-se quando o homem assume a responsabilidade própria diante de sua existência; argui sempre sua escolha primordial, opção fundamental, ou cosmovisão; sempre por intermédio de escolhas conscientes, livres e ditada por atos particulares;

– Saint-Exupéry (44 em 1944; escritor e piloto francês, de grande notoriedade) diz que o humano é *um nó de relações*, ou seja, é um *ser relacional*;

– para o cristão o pecado é a antítese da graça.

VI.

A jornada humana, o *tempo* e o transumanado

Proletário é todo aquele que só tem o tempo, e nada mais, para negociar na marcha da vida. Com a avalanche atual de informações, notícias, novos focos de saberes, compelida pelo aperfeiçoamento continuado dos processos de produção, o ***tempo livre individual*** passa a constituir-se a melhor e maior moeda de troca, poupança sob constante assédio e saque.

O capitalismo, turbinado pelas empresas movidas por alta densidade tecnológica, que exploram com proficiência esquemas sedutores de ***captura do tempo livre***, das pessoas comuns, convertem ***contribuições*** espontâneas e massificadas (há postagens que atingem milhões de seguidores simultâneos, além-fronteiras!) em muito lucro. Basta observar os bilhões de dólares em que são avaliadas empresas como Google, Facebook e assemelhadas.

O que ocorre é que o *mercantilismo*, capitalismo que promove acumulação pela troca, não apresenta estreita ou estrita vinculação com o tempo; por exemplo: compra-se determinado produto por um dado preço; é possível *aguardar o esquema de demanda e oferta*, até vender esse produto com lucro.

O ócio criativo, típico da era atual, é a condição intelectual na qual não se consegue distinguir o tempo do trabalho, da diversão e o do estudo. Está se abandonando, cada vez com mais nitidez, a *compartimentação* peculiar à era industrial verificada entre meados do século 18 e fins do século 20.

Na vida industrial, na qual os frutos do mercantilismo são **bens materiais**, as etapas clássicas, sempre diferenciadas, são as três seguintes:

- ao longo de cada dia há *horas bem definidas* para se trabalhar, viver e dormir;
- durante a semana há *dias de trabalho e dias para o descanso remunerado*; e
- na duração da vida há *faixa etária para estudar, para trabalhar e, ao final, a aposentadoria*, para repousar e viver.

Na atual era pós-industrial, emergente, os *bens* são ditos *imateriais*, do tipo, símbolos, valores, estética, informações, serviços, e, tais focos de trabalho não têm horário rígido. Essas considerações pressionam para a reformulação de todo o sistema, em todo o mundo!

Olhando, grosso modo, para o espectro civilizatório constata-se que o humano, para alcançar a média de vida de 50 anos, de duração, levou 1,5 milhão de anos. Durante o século 20, no lapso de 100 anos, foi conquistado o salto de 50 para 80 anos de vida média. É óbvio que *o sistema global tem de se adaptar* para essa nova ordem de fatos.

É cada vez mais evidente que *a jornada*, na qual o humano deve buscar a felicidade, é mais importante que a ***Chegada***, cuja conformação está desaparecendo. O presente é eterno e mutável continuamente. A felicidade e o prazer estão, portanto, associados à finitude e à existência.

A finitude é a única certeza e é o evento absolutamente nivelador e equitativo: todos morrem! O que virá a ser o humano sem finitude?

Os estudos sobre a reprogramação celular, já avançados, condizem com a inquietação humana do devir, e investigam, hoje, a regressão no tempo de determinada célula adulta, até que ela readquira suas propriedades embrionárias, ou seja, totipotente, e cure, restaure e ou rejuvenesça.

Vive-se, então, em plena era da Complexificação, sem reducionismo, o limiar entre o ser biológico e o transumanado; não há bases históricas ou tradicionais, para possibilitar uma visão de 100 ou 200 anos à frente. Presentemente, apoiado na tecnologia, que tem vida própria, o tempo tem sido linear.

O tempo é por demais precioso, em definitivo, porque ele vem repleto de possibilidades e perspectivas. Ao se gastar o tempo no debate e investigação de ideias e essas ideias não contribuem para mudanças positivas aí, então, é pura perda de tempo.

VII.

Perguntas *descoladas*

Em Mangureira a poesia, feito um mar, se alastrou....

Sei lá, Mangureira; PAULINHO DA VIOLA

Perguntas intrigantes e instigantes:

- Seria a doença falha na construção *interna* do pensamento?
- Como e por quê há pessoas que conseguem cura pela força do pensamento, para si ou para outrem?
- Por que será, por exemplo, que os ataques vasculares *fazem mais vítimas* do que as neoplasias?
- Por que será que as indústrias que faturam *soberbamente* com o câncer não acabam de vez com a agonia das pessoas, já que o câncer é dominável?
- Será porquê o câncer seja *doença da alma...* e é fácil iludir o *trouxa* em estado de carência?
- Por que será que, no caso experimental, pessoas curam-se do câncer *tomando placebo*?
- Por que será, no caso *real*, as pessoas amargam um fim de vida cruel e,afinal, morrem, ainda que tomando os remédios e quimioterapias caríssimos?
- Boa parte da lógica que está por trás das perguntas acima valem para, por exemplo, doenças metabólicas do tipo *desequilíbrio glicêmico...*
- Haveria, por acaso, conluio (tácito ou expresso) das poderosas do alimentocom as poderosas que vivem da desdita humana? ...

